

OMNIA + PRO + JESU + PER + MARIAM



A obra mais bela

UM CAPÍTULO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FEMININA

A OBRA MAIS BELA



BIBLIOTECA
COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA



271
OBR
ex. 3

A OBRA MAIS BELA

Um capítulo da história
da educação feminina



LISBOA
1 9 4 5

BIBLIOTECA
COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA

BIBLIOTECA
COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA



NIHIL OBSTAT :

Lisbonae, 18 Jun. 1945

P. Antônio de Azevedo Pires

IMPRIMATUR :

† *Joannes, Episcopus Vatarbensis,*
Vic. Gen.

Vai para um século, nascia em terras de França, «da mais pequenina de tôdas as sementes», um novo Instituto religioso.

Como o grão da parábola Evangélica, «cresceu e fez-se árvore», de tal sorte que muitos milhares de almas juvenis se abrigam hoje «sob os seus ramos»...

Eis o capítulo da história da educação feminina que a Providência se dignou escrever pelas mãos das

*Religiosas do
Sagrado Coração de Maria*

Nas Bodas de Prata da restauração em Portugal do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada.

1920/1945

DECLARAÇÃO

Em conformidade com o decreto de Urbano VIII declaramos que, se no decurso desta obra empregámos termos de veneração, não foi senão no sentido autorizado pela Santa Igreja, a cujo juízo nos submetemos com o mais filial amor.

Igualmente na exposição das graças e factos extraordinários que referimos, não temos intenção de nos anteciparmos ao juízo do Sumo Pontífice, ao qual nos sujeitamos inteira e humildemente.

ÍNDICE

| | Pág. |
|--|------|
| I — Assim nascem as obras de Deus..... | 3 |
| II — A Mim o fizestes..... | 13 |
| III — E ateou-se a chama..... | 21 |
| IV — A caminho de Portugal..... | 29 |
| V — Em demanda de almas por longes terras..... | 39 |
| VI — Qual lâmpada ardente e luminosa..... | 47 |
| VII — Novas conquistas..... | 55 |
| VIII — Sob o influxo de Fátima..... | 65 |
| IX — Bodas de Prata..... | 73 |
| X — Os pobres são evangelizados..... | 85 |
| XI — Já a seara loireja em terras de França..... | 95 |
| XII — Todos os caminhos vão dar a Roma..... | 103 |
| XIII — Na forja das almas..... | 113 |
| XIV — A obra mais bela..... | 125 |

ÍNDICE DAS GRAVURAS

| | Pág. |
|---|------|
| 1 — Rev. Madre S. João Pellissier-Cure..... | 1 |
| 2 — Rev. Madre S. Tomás Hennessey — Rev. Madre Maria da Eucaristia (Alentém) — Rev. Madre Maria de Aquino Vieira Ribeiro | 34 |
| 3 — Rev. Madre Maria José Butler — Nova Iorque — Marymount — Tarrytown-on-Hudson, Faculdade de Letras e de Ciências..... | 42 |
| 4 — Rev. Padre João Gailhac..... | 46 |
| 5 — RIO DE JANEIRO — Colégio «Sacré-Cœur de Marie» — Copacabana — Fachada do edificio principal — BELO HORIZONTE — Colégio «Sacré-Cœur de Marie»..... | 58 |
| 6 — Chegou até Roma a Mensagem da Virgem... e o influxo de Fátima ia estender-se ao Mundo inteiro..... | 68 |
| 7 — Lisboa — Colégio do Sagrado Coração de Maria — Guimarães — Colégio do Sagrado Coração de Maria e Noviciado | 76 |
| 8 — 1. Londres — Lourdes Mount — Colégio — 2. Paris — Marie-mont — Colégio e Lar — 3. Roma — Mariamonte — Colégio e Lar | 98 |
| 9 — CASA-MÃE — BÉZIERS — FRANÇA. É o Noviciado a forja onde se prepara a alma da religiosa-educadora, para a sua missão futura..... | 112 |
| 10 — O sistema educativo abrange a preparação integral para a vida | 124 |
| 11 — A formação técnica e artística dá à obra da educação um cunho prático e harmonioso..... | 128 |

Assim nascem as obras de Deus...

«**A** obra mais bela que se pode fazer no século em que vivemos, é a educação cristã». A *obra mais bela!* Disse-o um padre velhinho — um dos maiores psicólogos do século XIX e, sem dúvida alguma, o homem que, no seu tempo, melhor entendeu as almas — João Maria Vianney, o santo Cura d'Ars.

Contemporâneas do Santo e filhas da mesma Pátria, viviam em Béziers (cidade do Sul da França), três almas que, entusiasmadas por tão *bela obra*, ansiavam consagrar-lhe a vida: Apolónia Pellissier-Cure, viúva, relativamente nova, carácter reflectido e ardente, senhora de avultados bens de fortuna; Eulália Vidal e Rosália Gibbal, duas jovens a irradiar pureza, de alma generosamente aberta às exigências dum alto ideal.

Principiara o ano de 1849. A França, abalada por sucessivas revoluções, estava ainda mal refeita do golpe de estado que, poucos meses antes, derrubara do trono a Luís-Filipe. Os Católicos — violentamente perseguidos no governo anterior — observavam, em ansiosa expectativa, o rumo que Napoleão III ia dar ao problema da liberdade do ensino, pelo qual se batiam com denodo desde 1830. O momento não parecia, portanto, dos mais oportunos para a fundação dum Instituto religioso. Mas a hora de Deus não acerta

pelos relógios humanos. Ao entardecer do dia 24 de Fevereiro, as três amigas desciam, animosas, de luvosa carruagem e batiam à porta duma casa modesta da *Rue Ermengaud*. Ali, o Padre João Gailhac, o «*Apóstolo de Béziers*», albergava, havia anos, umas dezenas de crianças desamparadas, que arrancara à miséria e à depravação...

Na capela, o Padre Gailhac recebeu-as com uma bênção e um sorriso de esperança. O *Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria* era já semente prestes a germinar!

Apolónia Pellissier-Cure — que, na vida religiosa, se havia de chamar Madre S. João — nasceu na festa da Purificação a 2 de Fevereiro de 1809. Bem cedo perdeu o carinho dos pais, mas sua mãe confiara-a a Nossa Senhora, rogando que suprisse junto da filha a falta do conchêgo maternal.

E a orfãzinha cresceu piedosa e pura, ao abrigo do *Coração de Maria*.

Aos vinte anos, desposou o Dr. Eugénio Cure, integro magistrado de Béziers, não tendo entrado nos designios divinos dar-lhes descendência, e sendo possuidores de avultada fortuna, tinham adoptado como seus filhos a todos os pobrezinhos. Por êles repartiam os haveres com prodigalidade cristã. Nesta partilha, tinham também larga parte as obras de caridade do Padre Gailhac.

Nas suas conversas íntimas o Dr. Cure e a esposa comunicavam mutuamente uma nobre aspiração: quando aprouvesse a Deus levar um dêles para junto de si, o que sobrevivesse, consagraria a sua pessoa e os seus bens ao serviço do Senhor, na vida religiosa.

A três de Novembro de 1848, após vinte anos de uma união visivelmente abençoada pelo Céu, falecia.

repentinamente, o Dr. Cure,, assistido com os socorros da religião pelo amigo dedicado, o Padre Gailhac.

Vendo quebrados os laços que a retinham no mundo, logo, com o fervor e energia de alma que a caracterizavam, procurou Apolónia pôr em prática a generosa resolução tomada de acôrdo com o marido e coloca-se inteiramente à disposição do Padre Gailhac, para o coadjuvar nas suas obras de zêlo e dar início à Congregação que, há tanto tempo, desejava fundar. Examinada maduramente uma tão extraordinária vocação foram reconhecidos todos os sinais dum evidente chamamento de Deus e Mgr. Thibault, Bispo de Montpellier, autorizou, gostosamente, a entrada de Apolónia e das suas primeiras companheiras.

De longa data, vinha Deus preparando a pedra fundamental da Obra que, para glória do Coração Imaculado de Maria e serviço de tantos milhares de almas juvenis, devia começar naquela hora de graça.

A Madre S. João tinha completado quarenta anos no mês em que entrou em religião. Vinte anos vivera solteira, vinte no matrimónio, e ia viver outros vinte no estado religioso... Pela mão de Deus, subiu êsses três degraus da existência, num anseio crescente de perfeição.

Espírito de raro equilíbrio e senso prático, ânimo viril, vontade dominadora, temperada por uma profunda humildade, tinha tôdas as qualidades que a sua missão de Fundadora requeria. A expressão de doce gravidade que, habitualmente, se lhe lia no rosto, podia dar a impressão de frieza mas, conhecida de perto, logo se desvanecia o engano ao calor do seu bom sorriso e trato maternal.

De heróico desprendimento dera sobejas provas ao deixar a invejável situação de que disfrutava no mundo e, agora, o Senhor ia experimentar, com tôda a espécie de tribulações, a sua paciência e o seu amor ao sofrimento.

Rude tarefa ia pôr à prova a virtude e perseve-

rança das recém-chegadas. Por um lado, as crianças, desconfiadas, tratavam-nas com maneiras desabridas e, rebeldes a tôda a disciplina, criavam as mais desagradáveis dificuldades às novas mestras... Por outro lado, a vida independente e opulenta que Apolónia levava até àquêlê momento; o confôrto e carinho familiar que as suas jovens companheiras, com igual generosidade tinham abandonado, frizavam duramente o contraste entre a vida anterior e a presente... Incompreendidas pela opinião pública, viam-se também a braços com a perseguição e a calúnia. O cálice trbordava de amargura...

Mas a Providência sabia que a *sementinha* não podia morrer na terra. Pelo contrário, dela havia de germinar árvore frondosa que, depois de bem arraigada em França, estenderia os ramos pelo Ocidente da Europa e, daí, até ao Novo Mundo. Portanto, temperara a alma das fundadoras no aço em que se forjam os santos de todos os tempos: a humilde desconfiança de si próprios e a inabalável confiança em Deus.

E venceram as primeiras dificuldades. Mas, como poderiam bastar só *três* para a empresa tamanha que as aguardava?

Valeu-lhes, de novo, a Providência. De perto e de longe, de várias nacionalidades, as vocações chegavam, guiadas pela mão do Senhor, que as vinha confiar ao terníssimo Coração de sua Mãe.

A primeira *vestição* tivera lugar a 13 de Abril de 1850. Ao tomar o santo hábito, trocaram as postulantes os nomes do mundo pelos de religião, passando Apolónia a chamar-se Madre S. João. Um ano depois, a 4 de Maio de 1851, na presença do Bispo de Montpellier, professavam as primeiras Religiosas do Sagrado Coração de Maria. (1) Dirigindo-se à Fundadora, Mgr. Thibault disse, comovido:

(1) Sobre a constituição do Instituto do S. C. de Maria e sua aprovação pela Santa Sé, ver o capítulo XIII.

— «Dais um grande exemplo de renúncia e de dedicação, consagrando-vos, com a vossa fortuna, ao alívio dos pobres. Deus vos recompensará, eu vo-lo asseguro».

Instrumento escolhido por Deus para levar a cabo a fundação do novo Instituto, o Padre Gailhac exultava de alegria e reconhecimento, porque via realizado o sonho da sua alma apostólica.

Entretanto o horizonte político e religioso começava a desanuviar. A célebre *lei Falloux* concedera, finalmente, aos católicos de França, o direito de ensinar. A Madre S. João, com penetrante compreensão das necessidades do seu tempo, aproveitou o ensejo para construir imediatamente um edifício para Colégio, ao lado do Asilo e da grande capela existentes. Sem descurar o grave problema da educação das classes pobres, ia dedicar-se também com as suas filhas espirituais à missão não menos grave da educação das crianças e jovens das classes superiores. Na Madre Santa Cruz (que, vinte anos mais tarde, lhe havia de suceder como Superiora Geral) tinha uma auxiliar preciosa, quer pela inata distinção e privilegiadas qualidades, quer pela experiência que adquirira como professora e directora dum acreditado Colégio de Béziers, antes da entrada em religião.

E não tardaria o Senhor a enviar-lhe refôrço. Em 1853, chegavam as duas primeiras vocações da Irlanda. Que linda e singular história a da sua vocação! (São tão diversos os caminhos quão diversas as almas...). Um dia, caíra-lhes nas mãos uma carta em que se falava no recém-fundado Instituto. Foi quanto bastou para se lhes acender no coração o desejo de partir. A ambas destinava a Providência papel preponderante na Obra que a Fundadora premeditava.

A Madre S. Carlos Mac Mullen havia de dirigir o Colégio de Béziers, com rara proficiência, durante perto de meio-século. A Madre S. Tomás Hennessey, depois de colaborar na fundação das primeiras casas da Irlanda e da Inglaterra, seria a admirável organizadora dos Colégios de Portugal, num futuro já próximo.

Nos últimos dez anos de vida, a saúde da veneranda Madre S. João não mais deixou de inspirar sérios cuidados. Uma congestão pulmonar de carácter grave, esteve quasi a roubá-la ao convívio das suas filhas. Daí por diante, viu-se forçada a limitar a sua actividade, mas, mesmo doente, não descurava nenhum pormenor que interessasse ao govêrno da casa e ao bem estar das crianças confiadas aos seus cuidados. Com um sorriso sabia dissimular os sofrimentos a todos os que se abeiravam dela para tratar qualquer negócio.

Dava grande edificação a quantos conviviam com a veneranda Fundadora a sua constante serenidade.

— «Deus assim o quere!» era, em tôdas as circunstâncias alegres ou dolorosas o seu grito de fé e amor. Breves palavras que definem eloqüentemente a tèmpera duma alma e o alto grau de santidade que havia atingido (1).

4 de Março de 1869. Chegara o momento da recompensa suprema para a veneranda Fundadora. Reüne junto do leito de morte as religiosas que vão parlar para a Irlanda e exclama com ternura:

— «As minhas queridas Missionárias!».

Era o seu testamento, em breves palavras: últimas labaredas dum grande coração que morria abrasado

(1) — «Apóstolo e Fundador, o Padre João Gailhac», (Pôrto, 1939).

em desejos de salvação das almas! Tinha soado, enfim, a hora de lançar as suas filhas pelo mundo além, à conquista da infância e da juventude para Deus. Um sorriso de inefável ternura entreabriu os lábios da momibunda.

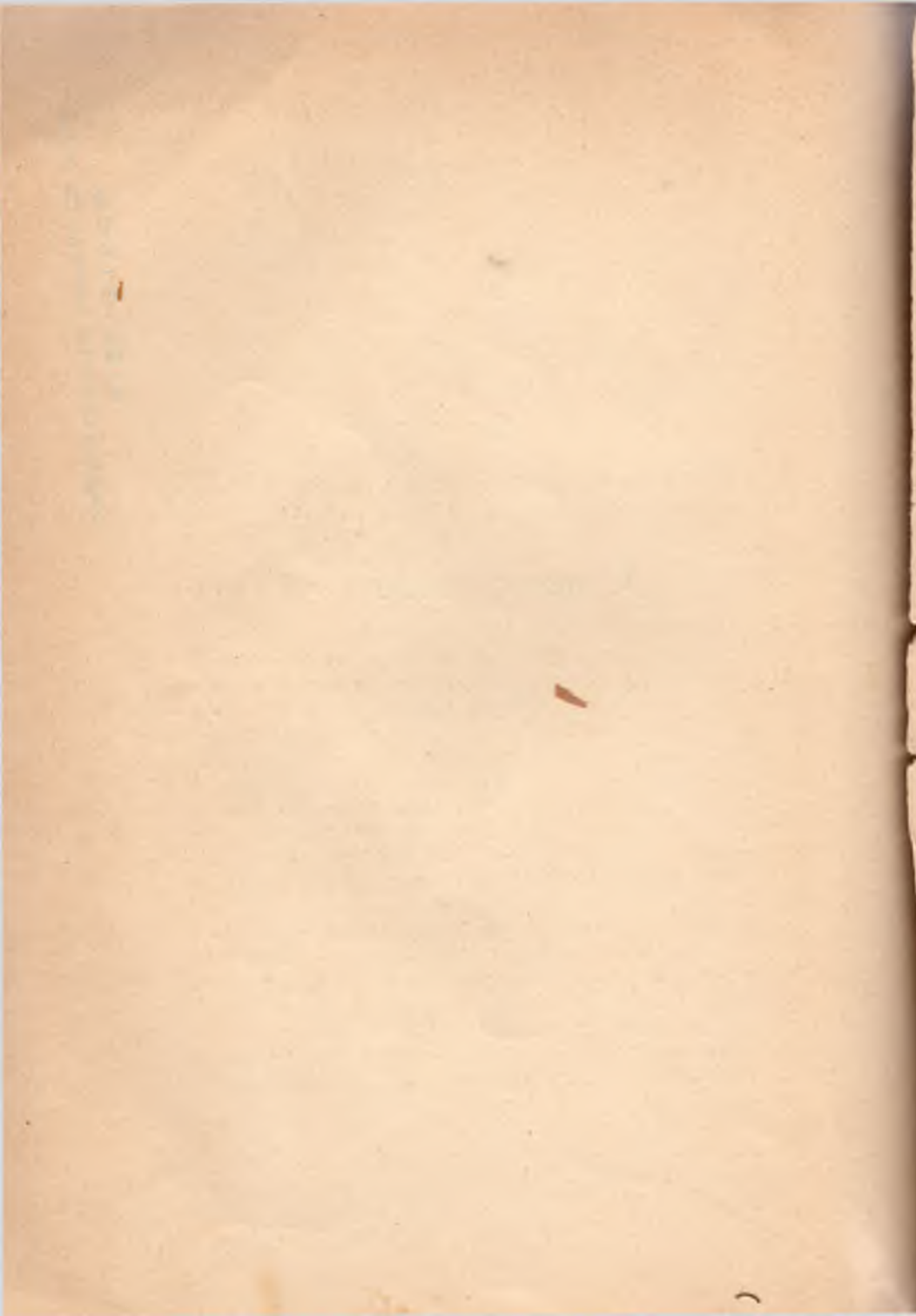
— «As nossas obras vão prosperar», murmurou: «no Céu, se Deus se dignar receber-me, pedirei por tôdas».

Davam 5 horas no relógio da tórre de Santo Afrodísio. A Madre S. João partia para o Céu, a preparar novas fundações...

Assim nascem as obras de Deus...

II

A mim o fizestes



II

A mim o fizestes

REFERE-NOS o Evangelho, numa página de emocionante realismo que, no fim do mundo, «quando o Filho do Homem vier na sua majestade, e todos os anjos com Êle, então se sentará no seu trono e, congregadas tôdas as gentes diante d'Êle» (1), pelas obras de misericórdia julgará a cada alma, e lhe dará a merecida paga...

O Padre Gailhac deve ter meditado assiduamente esta página e, dos seus ensinamentos, terá haurido em grau eminente aquêle dom da compreensão do pobre, de que nos fala o salmo 40:

«Beatus qui intelligit super egenum
et pauperem».(2)

Começou cedo a mostrá-lo na prática: pequenino ainda, já os pobrezinhos eram os seus amores. Entre outros muitos factos da sua vida, contam-nos os biógrafos dois episódios deliciosos dos tempos de meninice. (3)

Certo dia, passava na rua um rapazito andrajoso, pèzinhos descalços. Sem hesitar um momento, João tira os sapatos e dá-lhos... Interrogado pela mãe, con-

(1) — S. Mateus, XXV, 31 e 32.

(2) — «Bemaventurado o que entende o indigente e o pobre». (Salmo 40, 1).

(3) — Ver «Apóstolo e Fundador, o Padre Gailhac», Pôrto, 1939.

fessa ingenuamente o seu feito. Numa familia onde havia sete filhos e poucos bens de fortuna, a prodigalidade da esmola representava um pesado encargo mas, a mãe — mais comovida do que zangada — mal se atreveu a ralhar ao filhinho!

Algum tempo depois, um lindo par de calções de veludo preto levava destino semelhante, indo fazer a felicidade doutro pequenino desprotegido da sorte!

Nos princípios da sua carreira sacerdotal, quando era professor de Teologia e director espiritual no Seminário de Montpellier, a miúdo visitava os doentes dos Hospitais e os præsos das Cadeias. Embrulhado na capa, chegava com os bolsos atulhados, pacotes debaixo do braço, contente por lhe ser dado espalhar, em torno de si, um pouco de alegria e de conforto.

O REFÚGIO

Mais tarde, no Hospital de Béziers onde foi capelão longos anos, o Padre Gailliac viu tanta miséria moral, a par da miséria física, que o coração se lhe confrangeu de imensa compaixão e se sentiu impedido por ansioso desejo de as minorar. Daí em diante, não só se empenhou em socorrer a pobreza de bens materiais, mas consagrou-se a remediar a extrema indigência daquelas almas que perderam, a um tempo, graça divina e honra humana...

Foi aí por 1831. Sem ter vintém, compra umas casas com um grande quintal, em sítio saudável e retirado, perto da Igreja de Santo Afrodísio, onde fôra baptizado. O gesto era ousado mas decerto agradou a Deus a ilimitada confiança que o inspirara.

Ali institue um Refúgio para pobres raparigas extraviadas, que desejassem regenerar-se. Três meses depois, a propriedade estava paga, a casa mobilada e o funcionamento da Obra assegurado pelo concurso de seis abnegadas senhoras, que se ofereciam para

tomar conta das protegidas do bondoso Padre Gailhac!

«Com a medida com que medirdes vos será medido a vós...» (1) diz a Escritura. E não é assim que as coisas se passam entre Deus e os santos? Porque muito dão — e sem medida confiam — muito recebem.

Mas aquela obra do Refúgio havia de ser a maior cruz da sua abnegada vida de apóstolo. Manteve-a, no entanto, durante dezóito anos, a despeito de inauditos sacrifícios e cruéis perseguições. Se terminou, foi por circunstâncias alheias à sua vontade. Conversões admiráveis e edificantes exemplos de virtude, tal foi a divina compensação de tantos trabalhos e amarguras. Já no fim da sua longa carreira, o venerando Fundador, ao recordar aquêles duros tempos em que, por amor das almas, deixara que lhe retalhassem a reputação e chegara a expôr a própria vida, gostava de repetir, para animar as religiosas:

— «Ai! minhas filhas, minhas filhas, as obras de Deus trazem sempre consigo a contradição; mas pouco importa a maldade dos homens, contanto que o bem se faça!» (2)

E o bem continuou a fazer-se. Não já sob esta forma (porque obras como a do Refúgio exigem especial vocação e preparação adequada), mas sob modalidades mais acomodadas ao fim que se propunha, essencialmente, o Instituto que ia fundar-se: a educação e instrução da infância e da juventude. Quando a Madre S. João chegou, com as suas duas colaboradoras, aquela primeira obra do Padre Gailhac podia considerar-se extinta.

(1) — S. Lucas, VI, 38.

(2) — «Apóstolo e Fundador, o Padre João Gailhac», Pôrto, 1939.

O ASILO

Um facto providencial e enternecedor, deu nascimento ao Asilo. Um belo dia, apresentou-se à porta do Refúgio uma pobre mulher, trazendo ao colo uma criança de três anos.

— «Sou uma desgraçada mas não posso conformar-me com a idéia de que a minha filha venha a seguir, mais tarde, a minha má vida. Aqui a trago, façam dela uma boa cristã!». Dizendo isto, poisa-a no chão e retira-se. A pequenina ficou. Era uma alma privilegiada. Aos nove anos, fazia a primeira Comunhão (graça raramente concedida em tão tenra idade, naquela época) e, pouco depois, o Senhor transplantava-a para o Paraíso. Era a primeira florinha dos Asilos do «Sagrado Coração de Maria»...

Em breve, as internadas alingiram o número de oitenta. Na direcção dêste Asilo, revelou o Padre Gailhac notável senso prático e psicológico, com a fundação de duas secções anexas, que denominou «Preservação» e «Providência». Numa, admitia as jovens cujo predisposição para o mal dava cuidados, mas que não seria prudente pôr em contacto com as internadas do Refúgio. Da outra, faziam parte as crianças que, pelo abandono da família e más influências do meio donde provinham, podiam exercer acção nociva sôbre as companheiras do Asilo.

Para realizar aquêlê plano, impunha-se a aquisição de terrenos e a construção de novos edificios. O Padre Gailhac não era homem para se intimidar com as dificuldades duma emprêsa, se esta oferecia vantagens de ordem espiritual. Comprou, portanto, o terreno e mandou fazer a casa. Se a primeira iniciativa a todos parecerá *ousadia*, uma determinação como esta que agora tomava deveria considerar-se *rematada loucura*, à luz duma prudência meramente humana. Acaso não tinha, além da manutenção das

«arrendidas», o pesado encargo de sustentar e vestir as numerosas crianças do Asilo?!

Chegara o dia aprazado para os pagamentos e o dinheiro não aparecia... Desta vez, a Providência sujeitava a dura prova a fé inabalável da sua grande alma! Mas eis que lhe anunciam uma visita à sua espera no escritório.

— «Já há muito tempo que tinha tenção de o auxiliar nas suas obras mas não o pude fazer até agora», diz-lhe a senhora. «Esta manhã, entregaram-me uma quantia elevada, com a qual já não contava e senti-me impelida a vir ter com V. Rev.^ª, para dar satisfação ao meu antigo desejo».

A soma entregue era exactamente aquella de que necessitaria daí a duas horas!

Factos como êste, repetiram-se, de tempos a tempos, e reanimavam no espírito das suas colaboradoras a confiança no futuro e a coragem para agüentar os trabalhos presentes, por muito custosos que fôsem.

Inefável recompensa espera os que assim amam o próximo. No juízo final, terão a dita de ouvir o Senhor enumerar as suas obras de caridade e dizer de cada uma delas: «Tôdas as vezes que vós fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos **a mim o fizestes!**»!

III

E ateou-se a chama

UNIVERSITY OF MARYLAND
LIBRARY

III

E ateou-se a chama

«○ zêlo é a chama do amor» (') mas há almas a quem o fogo interior consome em fervoroso holocausto e, no entanto, só depois da morte, revelam todo o poder da sua acção apostólica.

Vinte anos de vida abnegada e simples passou a Madre S. João ao serviço de Deus e das almas. Vem a morte antes de realizar o seu sonho missionário. Mas partem as filhas, ricas com a sua última bênção e sentem que a mão do Senhor lhes guia os passos, aplanando os obstáculos e fertiliza os trabalhos!

Nas fundações de além-mar teve a primazia a *Ilha-dos-Santos*. Bem o merecia pela heróica fidelidade à Religião Católica e a fidalga generosidade com que dera ao Instituto as primeiras vocações estrangeiras. Georges Goyau diz algures que, em parte alguma do mundo, a Igreja Católica é mais amada do que na Irlanda, porque a nenhum outro povo custou mais sacrifícios do que ao Irlandês.

NA IRLANDA

As Religiosas do Sagrado Coração de Maria chegaram a *Lisburn* (perto de *Belfast*), em Novembro de 1870.

(') — P. Gailliac, «Pensamentos».

Insultos e pedradas foram as boas-vindas que receberam... No Norte da Irlanda, sobretudo no Condado de Ulster, imperava ainda, nessa época, um Protestantismo fanático e a Comunidade teve que afrontar más vontades e vexames de todos os géneros.

Com paciência, foram vencendo as dificuldades. Abriram um Colégio para alunas internas e externas e tomaram a direcção duma Escola Primária do Governo.

Pouco a pouco, a sua obra começou a ser apreciada pelos próprios Protestantes, que vinham confiar às religiosas a educação das filhas. Mas isso não obsteu a que, em 1920, por ocasião das sangrentas lutas entre «Sinn-Feiners» e «Black and Tans» (os partidos Católico e Protestante), de novo se levantasse a perseguição. Os revoltosos dispararam contra as janelas do Colégio e quiseram incendiá-lo, como já tinham feito a muitas outras casas de Católicos.

— «Em Lisburn têm sempre que combater pela Fé», dizia a Madre Geral, ainda há poucos anos, ao apresentar, a Sua Santidade Pio XII, a Superiora daquela Comunidade. E o olhar do Santo Padre fixou-se com particular benevolência na religiosa ajoelhada a seus pés, animando-a, com a Sua bênção, a perseverar na gloriosa luta dos seus antepassados.

Foi no condado de Kilkenny que se fundou a segunda casa da Irlanda, abrindo em Setembro de 1879 o Colégio de *Ferrybank*. Edificado na margem esquerda do Suir, mesmo em frente da velha e pitoresca cidade de Waterford, é maravilhosa a sua situação.

Os princípios não foram tão duros como em Lisburn — o Irlandês do Sul tem a fé bem arreigada — e hoje, como dantes, é daquela abençoada região que ao Instituto acorrem, em maior número, as vocações.

O Colégio de *Ferrybank* é dos mais bem cotados do país, pela cuidada educação e êxito dos exames. Além do internato e externato, as religiosas leccionam em Escolas oficiais.

NA INGLATERRA

Acontecimento aparentemente fortuito, deu origem à importante fundação de *Liverpool*. Em 1872, embarcaram em França, com destino a Lisburn, duas religiosas da Casa-Mãe. Chegadas a Liverpool, perdem, por atraso de poucos minutos, o vapor que devia transportá-las à Irlanda. Ora, havia anos, que o Pároco da Igreja de S. Tiago procurava uma Congregação que quisesse dedicar-se à educação das crianças Católicas, na sua freguesia. Soubê do desejo a Madre S. Tomás Hennessey (que viera de Lisburn para esperar as viajantes) e já não se foi sem tratar do assunto com o Padre Kelly.

A 21 de Junho do mesmo ano, deixava Béziers a Madre Santa Cruz (sucessora da Madre S. João no cargo de Superiora Geral do Instituto), com o grupo das fundadoras da primeira casa de Inglaterra.

«Se o grão de trigo que cai na tẽra não morrer, fica infecundo; mas, se morrer, produz muito fruto». (1)

E Deus pediu uma vítima...

A travessia fôra tempestuosa. Só uma religiosa se tinha agüentado a pé, para tratar de suas irmãs. Mas, ao desembarcar em Liverpool, essa jovem e corajosa irlandesa, que, em religião, se chamava Maria de S. Domingos, cai gravemente enferma.

Pelo meio-dia, confortada com os últimos Sacramentos e oferecendo a vida pela nova fundação, partia serenamente para Deus...

A notícia foi enlutar o coração paternal do Fundador, mas soube encontrar na sua ardente fé, palavras de ânimo para a desolada Comunidade. E, noutra carta, dava-lhe êste belo programa de apostolado:

— «Vivei de tal maneira que os Católicos agradeçam a Deus ter-vos enviado até junto dêles, para os

(1) — S. João, XII, 24 e 25.

ajudar a reanimar a fé e o fervor; e que os Protestantes compreendam que a verdadeira caridade e, por conseguinte, a santidade, só se encontram na Igreja Católica».

Com as suas múltiplas ramificações, o Colégio de Liverpool tornou-se, em breve, activo centro de propaganda Católica. Colégio para meninas, Escolas do Governo, instrução religiosa a convertidos ao Catolicismo, obra dos retiros, são ainda hoje as principais formas da sua actividade apostólica.

Em 1877, após uma visita àquêle Colégio, o Padre Gailhac tinha a consolação de escrever à Superiora Geral:

— «O bem que se faz nesta casa é incalculável!».

Era então Superiora local a Madre Santo Eugénio Granier, sobrinha do venerando Fundador. O crescente desenvolvimento das obras obrigou a Comunidade a mudar para *Seafield*, magnífica propriedade nas margens do rio Mersey. Mas, por sua vez, tomou tal desenvolvimento o pôrto de Liverpool, que necessitou daquele terreno para o alargamento das docas. Por esse motivo, em 1908, o Colégio trasladava-se, definitivamente, para um grandioso edificio, expressamente construído para tal fim, em *Great Crosby*, não longe do mar.

Aberto, auspiciosamente, o caminho, novas fundações tiveram lugar em Inglaterra. Em tôdas é ministrado ensino primário e secundário (*High School*) e, com igual zêlo, se dão à obra da conversão dos Protestantes.

Em 1897, abriu a casa de *Barrow-in-Furness* (Lancashire); e, em 1913, a de *Ulverston*, no mesmo Condado.

Em Londres, inauguraram um belo Colégio, em 1922, no «selecto» bairro de Ealing, denominando-o *Lourdes Mount*.

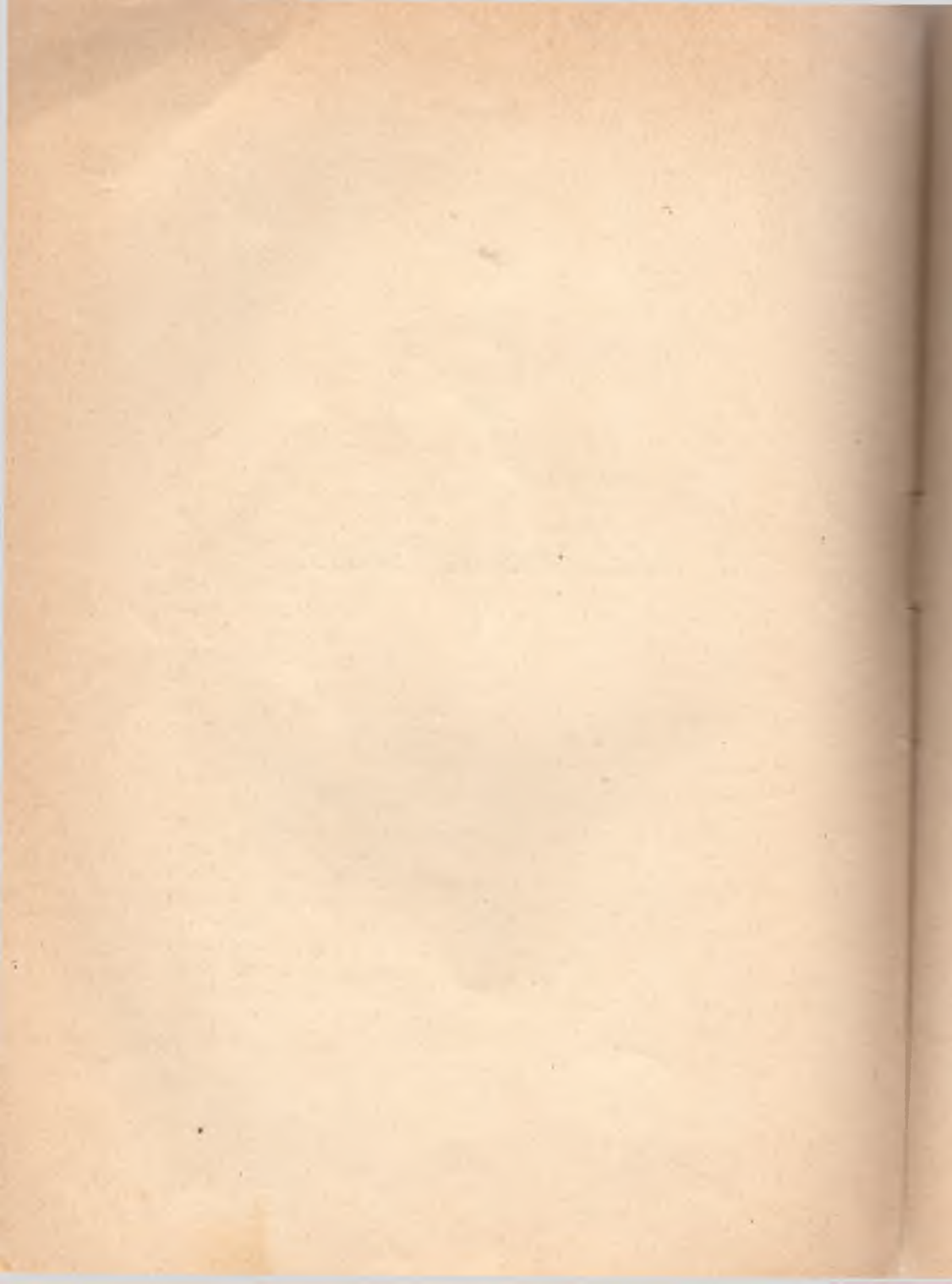
As casas de *Upminster* (Essex) e *Carlisle* (Cumberland), são as fundações mais recentes.

Em vista do intenso ressurgimento Católico que, nos últimos tempos, se vem operando na Inglaterra, farta colheita de almas parece reservada à Igreja, num futuro próximo.

As fundações que o zêlo da veneranda fundadora entevia, na hora derradeira, eram já uma realidade. Não lograra a morte apagar as labaredas daquele grande coração: o mesmo fogo esbraseava o coração das filhas. **E ateou-se a chama!**...

IV

A caminho de Portugal



A caminho de Portugal

QUEM viveu no Pôrto, em meados do século passado, não desconheceu, por certo, a merecida fama de que gozava o velho *Colégio Inglês* da rua da Picaria. Dirigiu-o, durante muitos anos, Miss Margaret Hennessey, irlandesa de nascimento, mas que veio muito nova para Portugal. A sua afabilidade e apreciáveis qualidades, tornaram-na muito conhecida e estimada das melhores famílias portuenses, que gostosamente lhe confiavam a educação das filhas.

Mas a boa Miss Hennessey tinha uma santa ambição: fazer da sua casa um convento. E já que Deus não lhe dera a graça da vocação — como a suas duas irmãs — queria entregar o seu Colégio a um Instituto religioso.

Por êssê tempo, as Madres Santa Maria e S. Tomás Hennessey, encontravam-se na Casa-Mãe das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Umás após outras, as cartas foram chegando a Béziers, a trasbordar pedidos cada vez mais instantes, pois não desistia a Miss Hennessey do acarinhado projecto.

Finalmente, recebia a noticia de que suas irmãs iam seguir viagem para o Pôrto, levando consigo mais algumas religiosas. Em Irun, esperava-as a primeira tribulação: apupadas por grosseiros populares, viram-se obrigadas a trocar os hábitos religiosos por vesti-

dos seculares. De pouco lhes serviu o disfarce. Passada a fronteira de Portugal, vários estudantes que, no mesmo combóio, seguiam para Coimbra, não cessaram de as molestar com risos e ditos agressivos. — Tristes efeitos da propaganda maçónica que lavrava em ambos os países e já dera como fruto, no nosso, a extinção das Ordens religiosas, pelo decreto de 1834!

NO PÓRTO

Chegaram à capital do Norte, no mês de Setembro de 1871. Mal refeitas ainda dos dissabores da viagem, pelo afectuoso acolhimento da Directora do Colégio Inglês, novamente se viram alvo de perseguições e insultos, chegando a correr o risco de lhes ser incendiada a casa...

Aqui, a animosidade atingia sobretudo as religiosas francesas. Andavam os ânimos excitados, desde 1858, com o ultraje que, por ordem de Napoleão III, uma sua esquadra infligira à soberania de Portugal, para exigir a rápida solução da contenda ocasionada pelo aprisionamento do «Charles et George». Também as Irmãs da Caridade (vindas de França no reinado de D. Pedro V, para ajudar a tratar os pestíferos) tinham sofrido lamentáveis vexames e o caso dera até origem a acerbos debates, na Câmara dos Deputados.

A Madre S. Tomás — que no ano anterior já passara idênticos trabalhos, na fundação de Lisburn — exortava as Irmãs à confiança. E o Padre Gailhac escrevia também de Béziers a animá-las:

— «Tendes que passar por sofrimentos e provas, porque o bem só se faz com esta condição. Sede santas e, por fim, tudo vos correrá bem!».

Como não cessassem as hostilidades, acolheram-se à protecção da bandeira inglesa, que arvoraram na frontaria do Colégio.

Mas as famílias alarmaram-se com os acontecimentos e começaram a retirar as meninas. Dentro em pouco, a frequência ficava reduzida a 2 alunas!... Para mais agravar a situação, sobreveio a morte duma religiosa. Várias outras adoeceram. A Madre Santa Maria (que era então a Superiora e não possuía a coragem indomável da sua irmã) pensou em retirar para França. Consultaram o venerando Fundador, que lhes deu esta enérgica resposta:

— «Fiquem, mesmo que tenham *só uma aluna*.
E ficaram.

Quando reabriram as aulas, em Outubro de 1872, as alunas tornaram a vir...

Estavam agora instaladas em moradia ampla e saudável, na Praça do Coronel Pacheco. A Madre S. Tomás tinha substituído a Madre Santa Maria, no cargo de Superiora, alguns anos depois da chegada a Portugal e, sob o seu governo, o Colégio progredia a olhos vistos. (1) A hostilidade dos primeiros tempos, tinha sucedido o aprêço pela educação que ministravam. Já não eram só as famílias do Pôrto que buscavam o *Colégio da Miss Hennessey*, (como continuavam ainda a chamar-lhe) mas as alunas vinham agora de tôdas as províncias do Norte, desde Trás-os-Montes até às Beiras. E, como a vasta cêrca que se alongava pela rua dos Bragas abaixo, convidasse à expansão, empreenderam outras construções, mais vastas e higiênicas do que as antigas.

Já se anunciavam as primeiras vocações. Às saudosas Madres Maria de S. José Pancada e Maria de Jesus Perry (2), e às Irmãs Santa Leocádia e Santa Zoé, coube a honra de serem *as primícias* que a cris-

(1) — O nome de religião desta Madre era, em francês, *Saint Thomas*, e a sua festa onomástica celebrava-se a 21 de Dezembro, dia de São Tomé, Apóstolo. A analogia da pronúncia, levou a adoptar, em língua portuguesa, uma tradução inexacta do nome.

(2) — Estas Madres deram entrada na Comunidade do Pôrto, respectivamente, a 11 de Outubro de 1876 e a 6 de Outubro de 1877.

tianíssima Nação Portuguesa ofereceu ao novo Instituto implantado em suas terras. Era a Providência a preparar os caminhos para novas fundações...

EM BRAGA

Numa manhã de Março de 1876, a Madre S. Tomás tomou o combóio para Braga. Entre as irmãs que levava consigo, ia a Madre S. Ligório, sobrinha da Madre S. Carlos Mac Mullen, que dirigia, então, com tanto sucesso o Colégio de Béziers. Era quasi uma criança — não completara 20 anos! — mas já a atilada Superiora pensava em lançar-lhe aos ombros o encargo de dirigir a obra prestes a iniciar-se.

Uma aluna do Colégio Inglês do Porto — que havia de chamar-se, em religião, Madre Maria de Jesus Perry — foi o instrumento de que Deus se serviu para trazer a Braga as Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Encantadas com os primores de educação que nela notavam, algumas senhoras das mais illustres da cidade tinham pedido, instantemente, à Madre S. Tomás para ali abrir um Colégio para suas filhas.

Provisoriamente, alugaram uma casa pequenina e sem quintal. Faltavam as coisas mais necessárias mas sobrava-lhes alegria e coragem, porque já tinham em sua companhia o divino Hóspede, como elas pobremente instalado num quartinho transformado em capela.

A exigüidade da casa não lhes permitia receber alunas internas. Passaram então para um edificio grande, no Campo da Vinha.

O Colégio de Braga prosperou rapidamente. Teve a dirigi-lo, até 1910, além da Madre S. Ligório Mac Mullen, as Madres Maria José Butler e Maria de Aquino Vieira Ribeiro, superiores de invulgar talento e virtude, que conseguiram levantar a educação e os estudos a um nível difficil de superar, naquella época.

EM CHAVES

Afrontando as fadigas duma viagem de dois dias, em carruagem incómoda e por caminhos acidentados, chegava a Chaves um grupo de Religiosas do Sagrado Coração de Maria, no mês de Maio de 1886. Levavam por superiora a Madre Maria da Anunciação, uma das primeiras religiosas irlandesas que viera para Portugal.

Apearam-se à porta do antigo Convento da Ordem de Nossa Senhora da Conceição, onde eram ansiosamente esperadas pela velha Abadessa, única sobrevivente da austera Comunidade que, em tempos, o tinha habitado. A seu pedido, vinham abrir um Colégio mas poucos anos durou, porque o meio não era favorável ao seu desenvolvimento. Contudo, não foi estéril a curta estadia em Chaves. Por lá fizeram as irmãs muito bem às almas; educaram crianças pobres e lançaram à boa terra transmontana, semente de vocações religiosas.

Nêsse velho Convento, em cuja igreja — segundo rezava a tradição local — jaziam enterradas freiras santas, finou-se, com a mesma fama, aos 24 anos de idade, uma Religiosa do Sagrado Coração de Maria, chamada Maria de S. Salvador.

Entre as jovens que a acompanharam ao cemitério, sobressaía, pelo porte distinto e comovido, Emília Vieira Ribeiro. Antes que o caixão baixasse à terra, colocou dentro um ramo de violetas, que colhera no seu jardim.

Anos depois, aberto o túmulo da virtuosa irmã, o corpo estava intacto e as violetas frescas e viçosas...

Muitas graças se atribuíram, nessa altura, ao seu valimento junto de Deus, mas a vocação da Madre Maria de Aquino, atraída ao Instituto pelo suave odor da sua santidade, bem como pela edificação que rece-

heu daquela fervorosa Comunidade, não foi das menores e valeu bem os sacrificios da efêmera fundação de Chaves. (1)

EM VISEU

Chegara a vez à província da Beira, de provar às Religiosas do Sagrado Coração de Maria que não era vã a reputação que tinha de hospitaleira e generosa. Como em Chaves — mas aqui a permanência foi longa e os progressos rápidos — também habitaram, nos comêços, um antigo convento.

Acomodaram ao novo destino as velhas dependências monásticas e abriram o Colégio, em 1892. Por lá passaram muitas gerações de educandas, pertencentes às melhores famílias beiroas. O aumento de frequência obrigou à transferência para outro local e ao empreendimento de novas construções, que transformaram este Colégio num dos melhores estabelecimentos de ensino do Norte do país. (2)

À prosperidade da casa de Viseu, ficou ligado o nome da Madre Maria da Eucaristia Lencastre, (3) que ali começou a revelar as grandes qualidades que, no dizer duma veneranda religiosa da «Casa-Mãe», haviam de fazer da jovem superiora *uma das colunas do Instituto*.

Correram os anos, sucederam-se as superiores e, por fim, sob o governo da Madre Maria do Divino Coração Oliva, concluíam-se as obras e tinha lugar a inauguração duma linda e vasta capela.

Se o Colégio já tinha bom renome, mais lho acrescentou o êxito obtido pelas alunas, em exames

(1) — Ver no cap. VII a acção apostólica daquela Madre, no Brasil.

(2) — Ali tem funcionado o Liceu de Viseu, desde a implantação do novo regime.

(3) — Entrou em religião, na casa do Porto — onde fôra aluna —, a 19 de Abril de 1885.



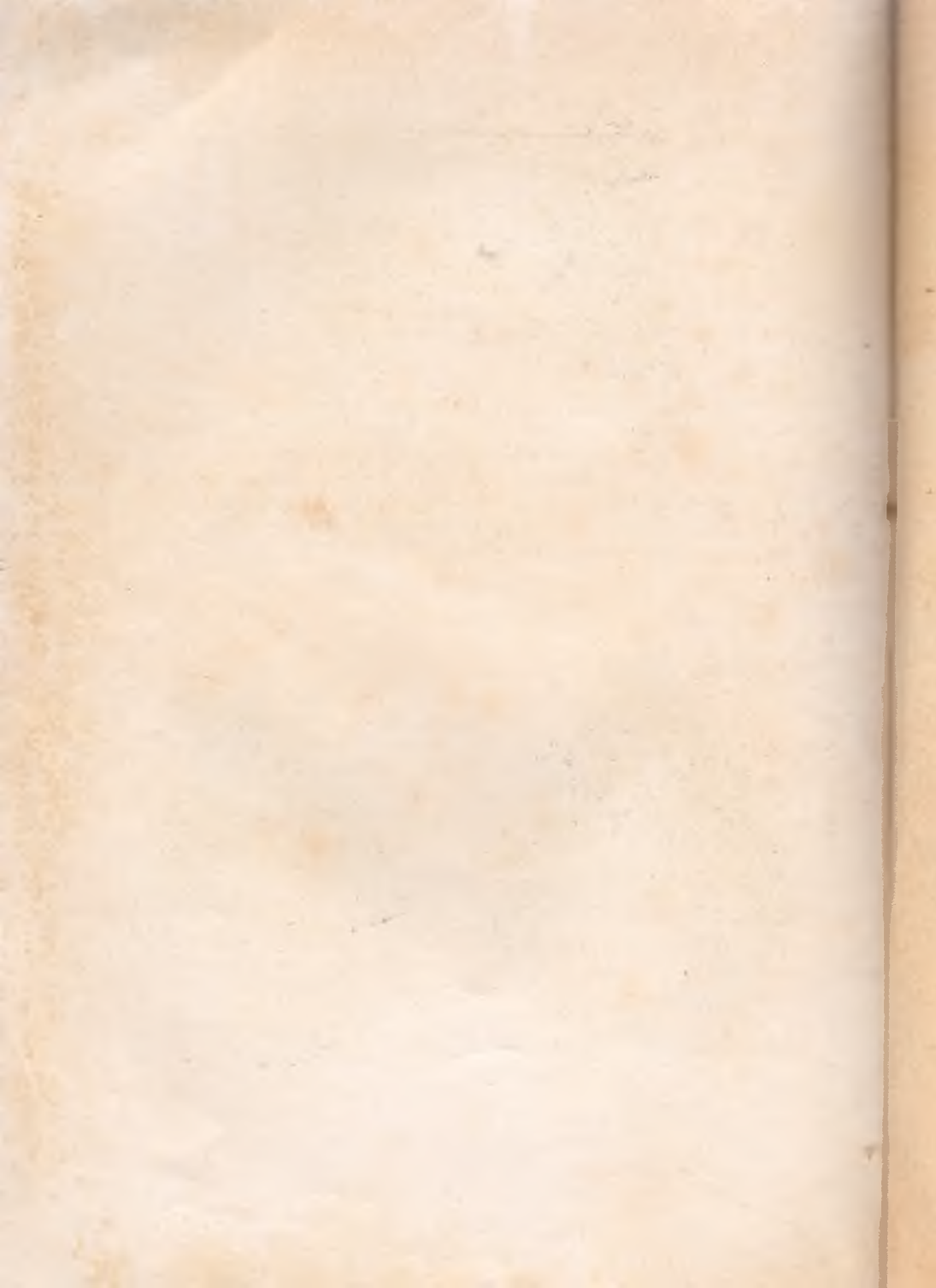
Rev. Madre S. Tomás Hennessey



Rev. Madre Maria da Eucaristia
Lencastre (Alentem)



Rev. Madre Maria de Aquino
Vieira Ribeiro



singulares, no Liceu — iniciativa ousada num tempo em que, só excepcionalmente, uma menina seguia estudos liceais.

A casa de Viseu foi a última fundação da Madre S. Tomás. Em 1896, era chamada a França, para desempenhar o cargo de superiora da «Casa-Mãe».

No dia 14 de Setembro de 1902 — vigília da festa das Dôres de Maria — veio Nossa Senhora buscá-la para o Céu...

Mas a santa religiosa deixou após de si tal fragância de virtude que, ainda hoje, exerce poderosa fascinação sobre o espírito dos que a conheceram. (1) No dizer do Fundador, possuía em grau eminente o genuíno espírito do Instituto. Tão perfeitamente observava a Regra e os Costumes, que bastava a influência do seu exemplo para animar à regularidade e ao fervor a mais numerosa Comunidade.

EM PENAFIEL

Crescia o número das vocações portuguesas. Tornava-se necessário abrir, quanto antes, uma casa para Noviciado. Como a legislação vigente não permitia às Congregações religiosas o recrutamento de novos súbditos nem, por conseguinte, a existência de casas de formação, fundou-se um pequeno Colégio em Penafiel. No mesmo edifício, se abrigou o Noviciado.

Quando parecia tão justo que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria gozassem um pouco do

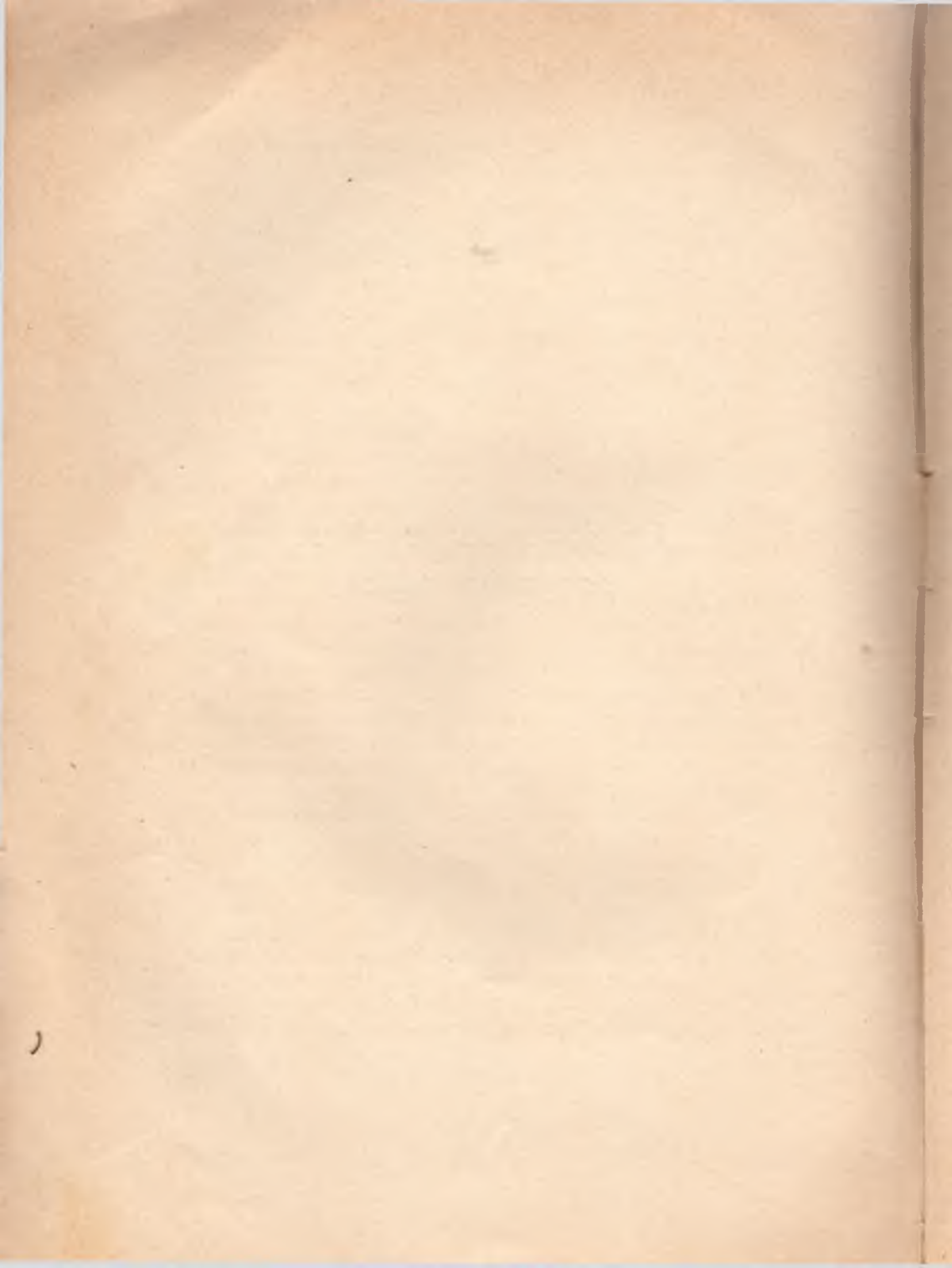
(1) — Pessoas há que, tendo recorrido à sua intercessão junto de Deus, tiveram a consolação de se verem atendidas.

fruto de 39 anos de trabalhos e sacrificios, a República fecha-lhes os Colégios e dispersa-as pelos quatro cantos do Mundo...

Por *ódio a Deus*, condenavam a tomar o caminho do exílio aquelas que, por *amor de Deus*, se haviam pôsto **a caminho de Portugal!**

v

Em demanda de almas
por longes terras



Em demanda de almas por longes terras

«S IM, meu Deus, continuareis a abençoar as minhas filhas e haveis de disseminá-las pela face do mundo!» exclamaria, em dada ocasião, o Padre Gailhac, com aquela confiança dos humildes a quem Deus se compraz em revelar os segredos do porvir.

Do providencial encontro, em Roma, com uma simpática e generosa família americana, nasceu o projecto da primeira fundação nos *Estados- Unidos*.

A idéia despertou entusiasmo na «Casa-Mãe». As dificuldades e perigos da viagem, naquele tempo; a angustiosa desproporção entre as imensas necessidades das almas e a reduzido número de obreiros do Senhor; enfim, um conjunto de penosas circunstâncias, davam a uma tal fundação o mérito duma verdadeira partida para as Missões. Por isso tantas religiosas ambicionavam a subida honra.

Em Fevereiro de 1877, partiam do Havre seis *missionárias*. No Noviciado de Béziers, uma noviça irlandesa ficava abrasada em desejos de as acompanhar...

A viagem foi comprida e atribulada. Enfim, no dia 15 de Março, tinham a satisfação de desembarcar em Nova Iorque, Mas, à alegria da chegada, sucediam aflições e contratempos que vinham provar duramente a vocação *missionária* das pobres irmãs... ~~Mistress~~

Peter, a entusiástica promotora da fundação, tinha morrido súbitamente!... Uma amiga da generosa senhora ficara encarregada de lhes guiar os passos para *Sag Harbor* (Long Island).

A 15 de Abril, já abriam um Colégio e uma Escola Paroquial. Ambas as obras progrediam, com legitima consolação das fundadores, que tinham à sua frente a activa e fervorosa Madre S. Basilio.

Não só às crianças se estendeu a boa influência das Irmãs, como o prova o seguinte caso: O médico do Convento era protestante. Tendo assistido à morte de duas religiosas, ficou de tal maneira impressionado ao ver a felicidade e a calma que transpareciam no seu semblante, em meio dos mais vivos sofrimentos, que exclamou:

— «Uma religião que ensina a morrer tão bem, deve ser a verdadeira!».

E, não sómente se converteu ao Catolicismo, mas conseguiu trazer toda a família ao seio da Igreja.

Começaram a colher as primícias das vocações americanas. Entre elas, veio uma filha de *Misses* Dallon, a bondosa senhora que lhes suavizara as decepções da chegada.

Contudo, ao passo que, na Europa, as fundações se sucediam em ritmo consolador, na América, decorreram 25 anos sem que o Instituto se expandisse. Altos e imperscrutáveis designios de Deus!

Finalmente, em 1903, aportava a Nova Iorque aquela «noviça irlandesa» que tanto desejara partir para as *Missões*: a Madre Maria José Butler. Ao abrir-se uma nova Escola, na cidade de *Long Island*, foi ela nomeada superiora da casa.

Em 1906, inaugurava-se outra Escola, em *Borough Park* (Brooklyn).

Por este tempo, destinava-lhes já a Providência uma fundação de maior monta, em que a Madre Maria José Butler teria papel de relêvo, auxiliada pela

munificente generosidade do seu parente James Butler.

Depois da morte de sua esposa, — desejoso de perpetuar tão querida memória, pondo em obra um plano que lhe fôra muito caro, nos últimos tempos de vida — James Butler vem ter com sua prima e participa-lhe, sem mais rodeios:

— «Resolvi empregar algum dinheiro meu em fundos do Céu. Eu sei que a Maria Ana vai ficar contente».

Combina uma entrevista com o Arcebispo de Nova Iorque; expõe-lhe o seu projecto de abrir um grande Colégio para meninas e fala-lhe, com elogio, da obra já realizada pela Madre Maria José Butler e da sua capacidade para iniciativas maiores. O assunto interessou vivamente o Prelado, que dedicava, há muito, o melhor do seu esforço ao incremento das Escolas e Colégios Católicos da Arquidiocese. Aprovou calorosamente a idéia e propôs que, entretanto, as religiosas tomassem conta duma Escola, em Nova Iorque, na freguesia de S. Tomás de Aquino.

Mal tinham chegado a *Bronx Park*, o Arcebispo aparecia, de improviso, a visitá-las... Não havia uma cadeira, sequer, para oferecer a Sua Excelência. O mobiliário não viera ainda; só se viam malas e trouxas, por todos os cantos!... quem diria que era aquêlê um *momento histórico*, nos anais do Instituto? Da audiência improvisada naquela saleta pobre e desconfortável, nasceu o grandioso Colégio de «Marymount», o qual, por sua vez, ia dar origem às casas de Paris e de Roma!

Adquirida uma magnífica propriedade, com bela casa de habitação, em *Tarrytown* (junto ao rio Hudson), fizeram-se as obras de adaptação mais urgentes.

No dia 8 de Dezembro de 1907, as religiosas davam entrada no seu novo Colégio. Situado no alto duma colina donde se disfruta a deliciosa vista dos bosques de Potantico Hills e os seus maravilhosos la-

gos; rodeado de árvores verdejantes e de vastos jardins e a curta distância de Nova Iorque, o sítio era ideal para um estabelecimento de educação. Chamou-lhe «Marymount» a Madre Maria José Butler, em reconhecida homenagem à Virgem Imaculada — em cuja festa se abria — e em memória da saudável Maria Ana Butler, iniciadora do projecto que agora se realizava.

Logo à chegada, descobrindo cuidadosamente uma Imagem que trouxera consigo, colocou-a em lugar de honra, na sala, e disse, voltando-se para James Butler:

— «Nossa Senhora tem que ter o primeiro lugar na Sua nova casa». E entoou com as religiosas fervoroso «Magnificat»!

.....

Estava, agora, em boas mãos o futuro do Instituto, na América do Norte. Durante 37 anos, a Madre Maria José Butler não cessou de trabalhar, sofrer e lutar pelo seu desenvolvimento e prosperidade, coadjuvada, em todos os empreendimentos, pela acção inteligente e enérgica da Madre Maria Gerardo Phelan. Decisão que tomasse na oração e se lhe afigurasse da glória de Deus, levava-a a cabo com inquebrantável valor sobrenatural.

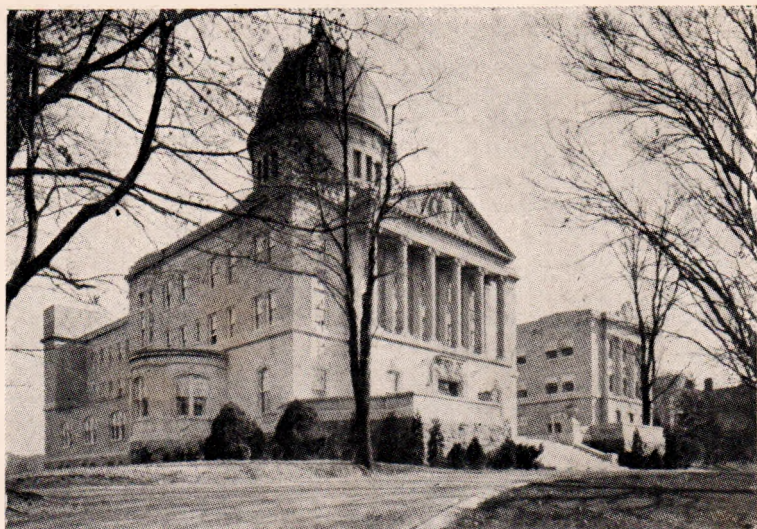
Quando o Senhor a veio buscar para a Eterna Recompensa, a 23 de Abril de 1940, deixava fundados, nos Estados Unidos, oito Colégios esplêndidos.

Na cidade de *Nova Iorque* abriu, sucessivamente, três grandes Externatos: um na Quinta Avenida, outro na rua 186 e o terceiro em Park Terrace. Na Califórnia, tinha «Marymount» quatro filiais: os dois Colégios de *Los Angeles*, o de *Santa Bárbara* e o de *Corvallis*.

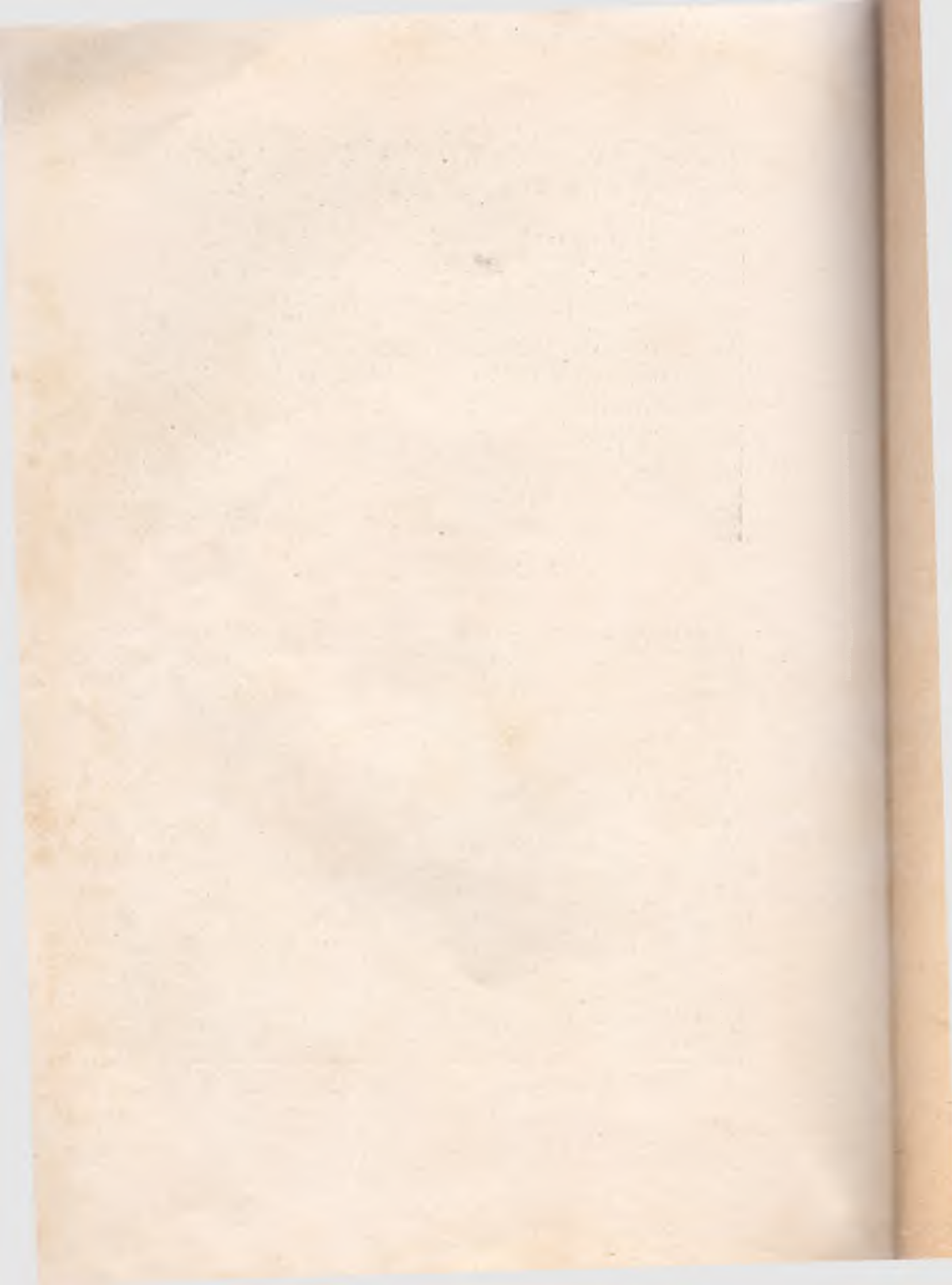
A coroar obra já tão valiosa, vem a audaz realização dum sonho que muitos não compreenderam logo, por não possuírem a *genial visão* da necessidade ur-



Rev. Madre Maria José Butler



Nova Iorque — Marymount — Tarrytown-on-Hudson
Faculdade de Letras e de Ciências



gente de preparar a rapariga católica para as exigências da vida moderna: a criação duma *Universidade Feminina*, regida pelas suas religiosas.

Junto ao Colégio de «Marymount», levantam-se hoje três soberbos edificios, onde funcionam as *faculdades de Letras e de Ciências*, apetrechadas de harmonia com os requisitos mais modernos.

No ano seguinte ao da santa morte da Madre Maria José Butler, o Instituto estendia-se até ao *Canadá*, com a fundação em *Quebec*, dum confortável «Lar» para estudantes universitárias, último projecto que havia acarinhado, antes de deixar a terra pelo Céu.

.....

Grande alma a desta fervorosa religiosa, que bem mereceu lhe chamassem «a segunda Fundadora do Instituto»!

Grande obra a que o Senhor destinava às irmãs daquelas corajosas *Missionárias* que, em 1877, partiam **em demanda de almas por longes terras!**

VI

Qual lâmpada ardente e luminosa...

I

Assim nascem as obras de Deus...



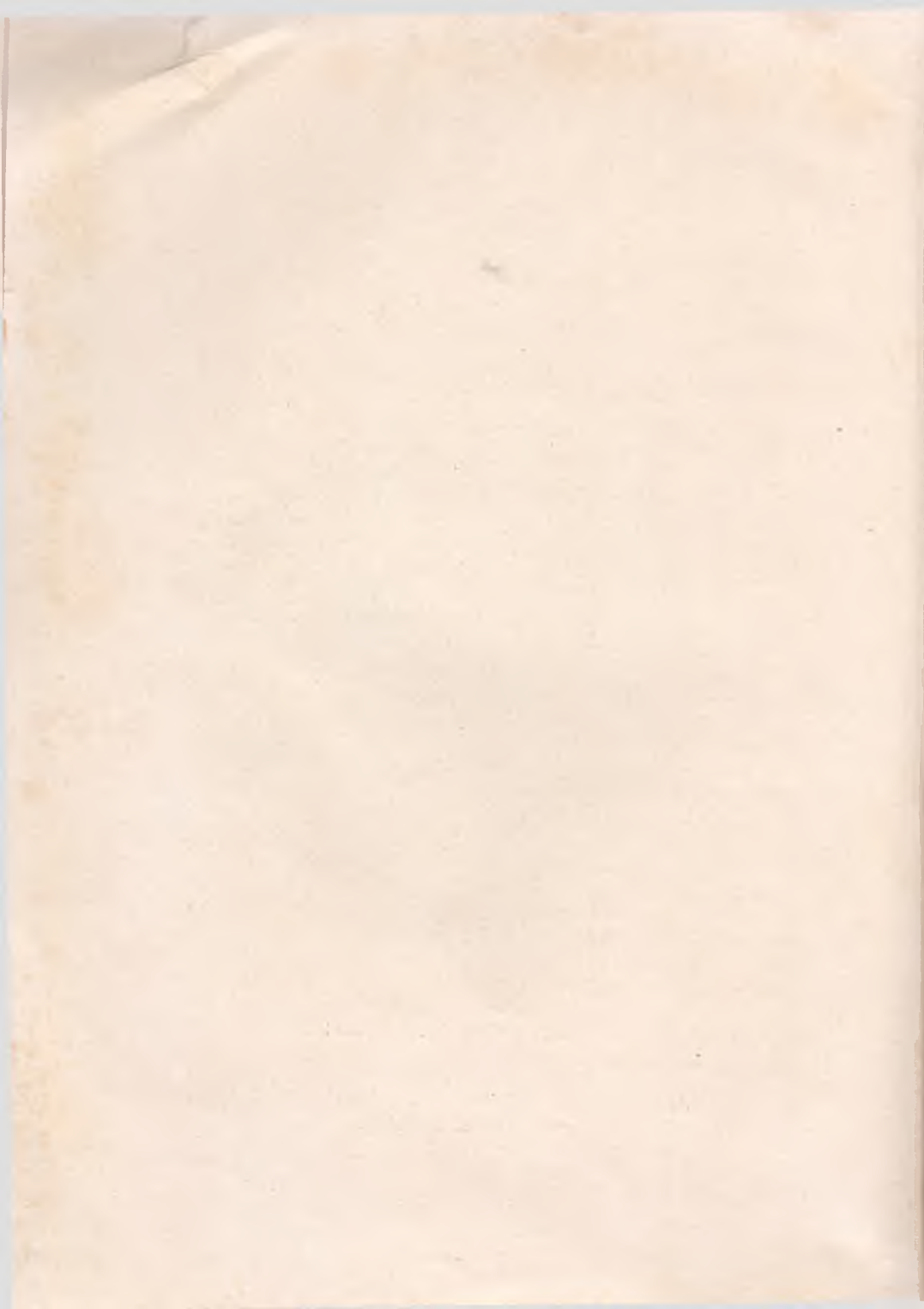
REV. MADRE S. JOÃO PELLISSIER - CURE

Fundadora
do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria
Virgem Imaculada



REV. PADRE JOÃO GAILHAC

Fundador
do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria
Virgem Imaculada



Qual lâmpada ardente e luminosa...

ANO da Graça de 1890. Com 88 anos, o venerando Fundador era agora luz prestes e extinguir-se... Contemplemos os derradeiros fulgores desta existência admirável, inteiramente consumida no fogo do amor de Deus e das almas.

As suas «Bodas de oiro» sacerdotais, celebradas em Outubro de 1876, tinham sido uma verdadeira apoteose! Com a mesma humildade com que sofrera, outrora, vexames e críticas, recebia, neste dia de festa, homenagens e louvores...

Compenetrado do seu papel de fundador, o aperfeiçoamento do Instituto era agora o seu principal cuidado.

Desprezado de tudo, morto a si-mesmo e ao mundo, que autoridade não dava às suas palavras a eloquência muda dos seus exemplos! Tinha êle, como ninguém, o direito de exigir das suas religiosas aquela virtude sólida que «não se contenta com um amor de *afeição* mas que ama com um amor de *acção*». Porque, como dizia também, enèrgicamente:

— «Nosso Senhor só reconhece por verdadeiros amigos os que fazem a Sua contade e não tem como suas as almas que se esgotam em sentimentos vagos e vazios de práticas».

E a miúdo lhes lembrava que «os sofrimentos, as

provas e as cruzes são graças e não desgraças; são motivo de alegria e não de tristeza, visto que, levados com fé, abrem as portas do Céu».

Aquilo que êle ensinava com tanta convicção, praticava-o com edificante generosidade. Atrozmente perseguido e caluniado, calava queixas e murmurações. De qualquer género que fôsem as tribulações, não manifestava o menor desagrado ou impaciência. Dizia apenas:

— «Senhor, vós quereis assim, eu também quero!».

E quanto mais sofria, mais a sua alma se expandia em acção de graças, repetindo, amorosamente:

— «Como sois bom, ó meu Jesus! Como sois bom!»

Absorto em Deus, ouviam-no exclamar, a todo o momento:

— «Meu Deus, eu vos amo!» E o rosto inflamava-se, o olhar brilhava com irreprimível ardor, se falava ou prégava sôbre o amor de Deus. Nêste amor hauriu aquêlo zêlo ardentíssimo que lhe caracterizou a vida sacerdotal.

Os seus dias — que começavam às 3 horas da madrugada! — eram tão cheios que, se não fôra o temperamento robusto e a extraordinária energia de alma com que Deus o dotara, não teria podido resistir a tal pêso de trabalho. Antes da Missa, ao dar das 5 horas, já estava no confessionário. E, pelo dia adiante, continuava a atender as inúmeras pessoas que vinham pedir-lhe direcção. Além das suas religiosas, confessava as *Carmelitas* de Bédarieux e as *Clarissas* de Béziers, e era muito procurado por sacerdotes da cidade e dos arredores.

Ao ministério absorvente das confissões, acrescentava o da pregação, nunca se escusando a pedido algum que lhe fizessem, nem consentindo em aceitar a menor retribuição pelos sermões.

Em 1871, na idade em que outros se preparam

para descansar, começava para o Padre Gailhac uma época de prodigiosa actividade. Fundadas as casas de Irlanda, Inglaterra, Portugal e América do Norte, mantinha com cada uma assídua correspondência e, todos os anos, visitava as da Europa. A sua passagem pelas Comunidades era uma bênção inestimável: ateuva o desejo da perfeição, estimulava a maior regularidade, conservava aceso o espirito do Instituto.

É a partir dos 70 anos que compõe êsses admiráveis tratados sobre a vida religiosa, o mais precioso legado que podia deixar à sua família espiritual.

Duas vezes foi a Roma para tratar de negócios da sua Congregação (em 1873 e em 1882), sendo recebido em audiência particular pelos Soberanos Pontífices Pio IX e Leão XIII, que se dignaram acolher muito paternalmente o venerando velhinho. Da segunda vez, o Papa, impressionado pelo seu aspecto vigoroso, diz-lhe:

— «É novo ainda».

— «Santíssimo Padre», respondeu, «completei 80 anos durante esta viagem».

— «Deve sentir-se muito feliz por Deus o ter escolhido para criar na Igreja uma nova família religiosa! Forme-a bem e ensine-lhe a imitar as virtudes de Jesus Cristo».

Com inteira verdade pôde responder, simples e humilde, o bom Padre Gailhac:

— «Santíssimo Padre, nisso tenho trabalhado toda a minha vida».

De facto, os ensinamentos que ministrou à sua família religiosa, durante o largo período de quarenta anos que Deus o conservou à frente do Instituto, podem resumir-se nesta máxima:

«Copiar a Jesus Cristo, imitar a Jesus Cristo, fazer passar para a vossa alma tôdas as virtudes de que êste amável Salvador vos deu o exemplo, tal deve ser a vossa única ocupação». (1)

(1) — P. Gailhac, «La vie religieuse», (Lille, 1937).

Avizinha-se o t ermo da jornada... Em carta circular, a trasbordar paternal solicitude, deixa adivinhar alguns dos favores com que o senhor o cumulou desde a infância:

— «Recebi tantas graças. — escreve — que, se tivesse correspondido a t das, seria um grande santo e não sou mais que um pobre pecador»... E logo, num transporte de gratidão, — «Magnificat» da sua alma, entoado no limiar da Eternidade — acrescenta:

«No entanto, posso dizer, para glória da Sua graça, que não tive muito m do aos trabalhos, sofrimentos e humilhações. Parece-me também que não me poupei muito e que, pelas obras de Deus, estou pronto a sacrificar-me inteiramente até ao meu último suspiro».

A doença chegou e, com ela, as enfermidades e achaques próprios de tão avançada idade. Os últimos anos viveu-os com a alma angustiada pelas perseguições   Igreja e em cruel apreensão pelo futuro das suas obras, em França.

A hora do eterno descanso não tardaria. O Cardial de Cabri res vem de Montpellier, trazer-lhe o conforto duma última bênção.

O Padre Gailhac, manda chamar a Superiora Geral, Rev. Madre S. Félix, para lhe recomendar o Instituto e renovar a promessa de que pediria, no Céu, pelas suas filhas.

Já recebeu os últimos Sacramentos; aguarda, serenamente, a morte...

Naquela manhã — 25 de Janeiro de 1890 — celebrava-se a festa da «Conversão de S. Paulo».

«Scio cui credidi». rezava a Igreja, no «Introito» do dia. (1)

«Eu sei a quem me confiei» podia repetir também

(1) — II Timóteo, I, 12.

o santo velhinho, ao lançar-se nos braços do seu amado Senhor...

Momentos depois, por toda a cidade se ouvia exclamar:

— «Morreu o santo! Morreu o santo!».

Vai fazer cem anos...

Ao cair duma tarde de inverno, Apolónia Pellisier-Cure, entrava para a carruagem que devia conduzi-la ao conventinho da *Rue Ermengaud* e ordenava, pela última vez, ao cocheiro:

— «Allons»!

Com uma palavra só, quebrava os laços do Passado e partia, animosa, ao encontro do Futuro.

Vai fazer cem anos...

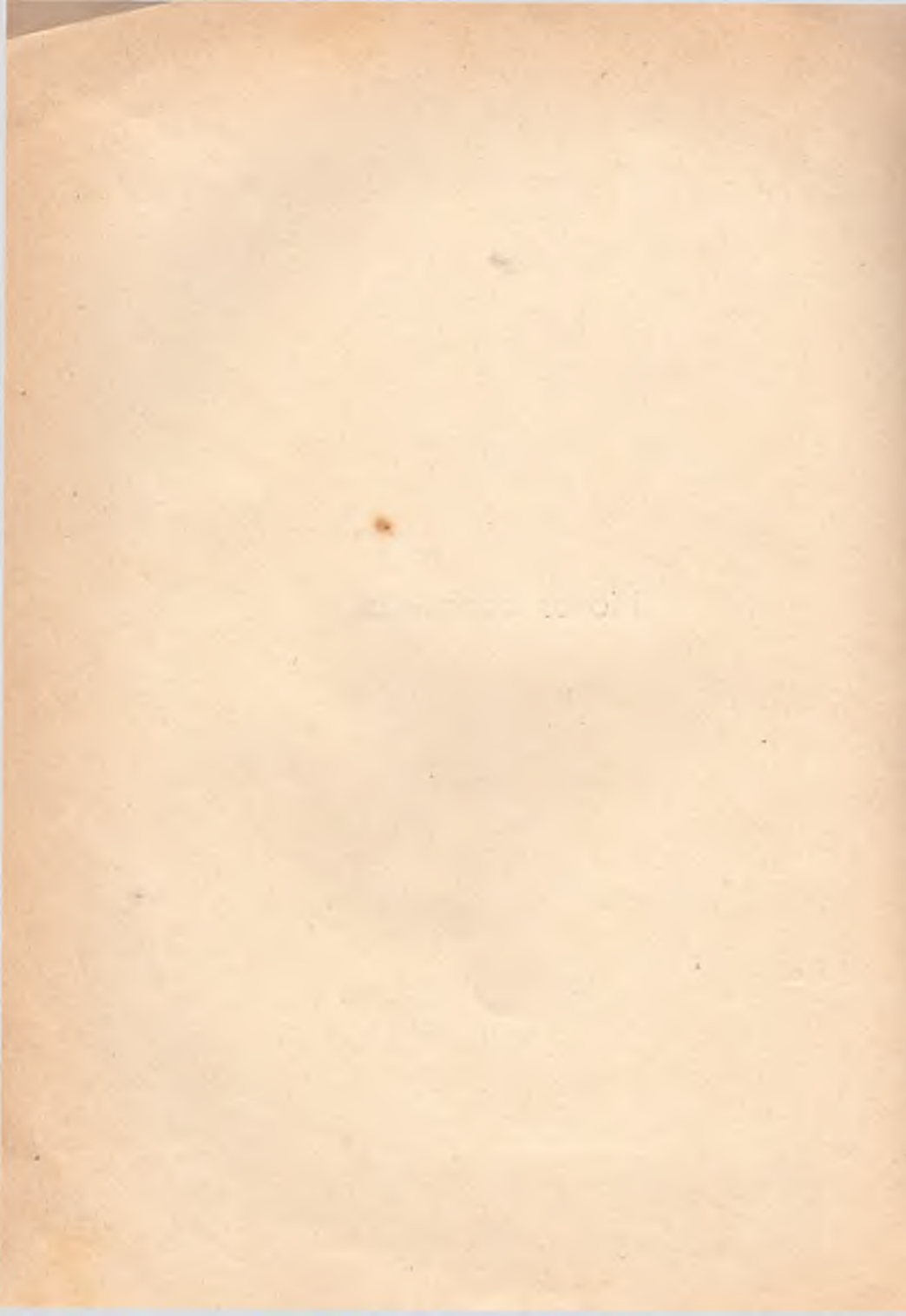
Uma após outra, — a Mãe e as primeiras Filhas — foram partindo para a Eternidade...

O Fundador também partiu...

Mas ficou, no Instituto, *o seu Espirito*, a espargir luz e calor, **qual lâmpada ardente e luminosa...**

VII

Novas conquistas



VII

Novas conquistas

ERA no inverno de 1910. Ajoelhadas nas lajes frias da gruta de Lourdes, duas religiosas rezavam com aquela fé ardente de quem se propõe arrancar ao Céu alguma grande mercê...

Não as quisera a Pátria, num desvairamento revolucionário, e elas vinham de Portugal à «Casa-Mãe», suplicar a graça de ir até ao Brasil, empreender novas conquistas de almas.

— «Minha Mãe, para reunir a minha Comunidade dispersa, ofereço-me a todos os sacrifícios!» murmurou a jovem Superiora de Braga.

Nossa Senhora de Lourdes aceitou a oferta e, em troca, concedeu a graça pedida: a 12 de Março de 1911, chegavam ao Brasil as três primeiras *exiladas* do «S. Coração de Maria»: a Madre Maria de Aquino Vieira Ribeiro, a Madre Maria de Assis Gomes e a Madre Santa Foy Conde.

Era meio-dia quando desembarcaram no Rio de Janeiro. Seus primeiros passos, em Terras de Santa Cruz, foram à procura duma Igreja, para consagrarem ao Senhor a missão que tão longe as levava.

Os princípios foram tão custosos que teriam desalentado coragem menos sobrenaturalmente varonil do que a da Madre Maria de Aquino, Superiora da Comu-

nidade portuguesa. O seu primeiro *convento*, em Sete Lagoas, reduzia-se a três acanhadas divisões, onde chegaram a abrigar-se *dezassete* religiosas... Nem mesmo o tormento da fome as poupou, nesses primeiros meses de exílio em terra irmã, não obstante ser tão hospitaleiro o Brasil... Desígnios de Deus! Ia tornar-se tão prodigioso o desenvolvimento das fundações brasileiras, que exigia alicerces bem fundados na humildade e no sofrimento. Assim o repetia às filhas a valorosa Madre Maria de Aquino:

— «Se formos humildes, reconhecendo o nosso nada, Nosso Senhor nos ajudará e as nossas comunidades irão para diante».

De comêço, foi tímido o avanço. Mas não desanimaram. Prosseguiram sempre, animadas por aquela confiança audaz que é dom de Deus aos que vê com ânimo de se sacrificarem, até à última, pelo bem das almas!

Ubá e Rio de Janeiro foram as primeiras posições pacificamente conquistadas. Como diz a autora da «Vida» da Madre Maria de Aquino: «Educadora, o Rio pareceu-lhe campo propício ao cultivo das almas, e estação indispensável para descansarem da longa travessia do Atlântico as religiosas que se destinassem às casas do Brasil». (1) Mas a recusa do Cardeal Arco-verde foi terminante:

— «Já havia muitas Congregações no Rio». Era a primeira estação duma dolorosa «Via-Sacra»...

Seguiram para Minas Gerais, na esperança de fundar um Colégio em Mariana. Pareceu-lhes interminável a jornada...

«Vindas do Portugal pequenino, antigo, com tôda a facilidade de vida, não faziam idéia do que as espe-

(1) — «Vida edificante da Rev. Madre Maria de Aquino Vieira Ribeiro» (Editora A B C, Rio de Janeiro, 1938), pág. 115.

rava, neste imenso país de população dispersa, onde as viagens são tão longas — no Brasil cabe quasi tôda a Europa! — e onde a civilização caminha a passos agigantados, mas tem ainda tanto que andar...» (1)

Em Ouro Preto deixaram o combóio e fizeram o resto do trajecto a cavallo, até Mariana. O acolhimento do Arcebispo foi frio: não era de educadoras que necessitava D. Silvério, mas de hospitaleiras. Autorizou-as, todavia, a estabelecer-se em *Sete Lagoas*. Para lá se dirigiram as pobres viajantes, mas debalde tentaram abrir um Colégio. Ao cabo de três meses de tribulações, a situação tornara-se de tal forma insustentável, que não teve mais remédio a boa Madre Maria de Aquino senão procurar outro abrigo para a Comunidade.

Deus tinha aceitado a generosa oferta de Lourdes!...

ESCOLA NORMAL DE UBÁ

Por êsse tempo, recebiam três pedidos de fundação (todos da Arquidiocese de Mariana, onde tanto tinham sofrido...). Deram a preferência a *Ubá* (Minas Gerais), que oferecia vantagens tentadoras.

Chegaram àquela cidade no dia 21 de Junho de 1911. A entrada foi triunfal! A população inteira estava na estação e fez às religiosas acolhimento repassado de carinho e fé, acompanhando-as, processionalmente, até à Igreja Paroquial.

No Colégio de *Ubá*, nunca sentiram a penúria habitual aos comêços duma fundação. Ali tomaram contacto, enfim, com

A alma sensível, meiga,
Generosa, hospitaleira,
Da grande Nação Brasileira...

(1) — Obra citada, pág. 116.

como cantou, em poema de comovida gratidão, uma das fundadoras, ao celebrarem-se as «Bodas de Prata» da abertura das primeiras casas do Brasil.

Cresceu tanto o número de alunas e o prestígio das novas educadoras que, em 1913, já o Colégio se fixava definitivamente em edifício próprio e era *equiparado à «Escola Normal Modelo de Belo Horizonte»*. Governava-o então, como Superiora, a Madre Maria de Assis, e a Madre Santa Foy Conde impulsionava-lhe a vida intelectual.

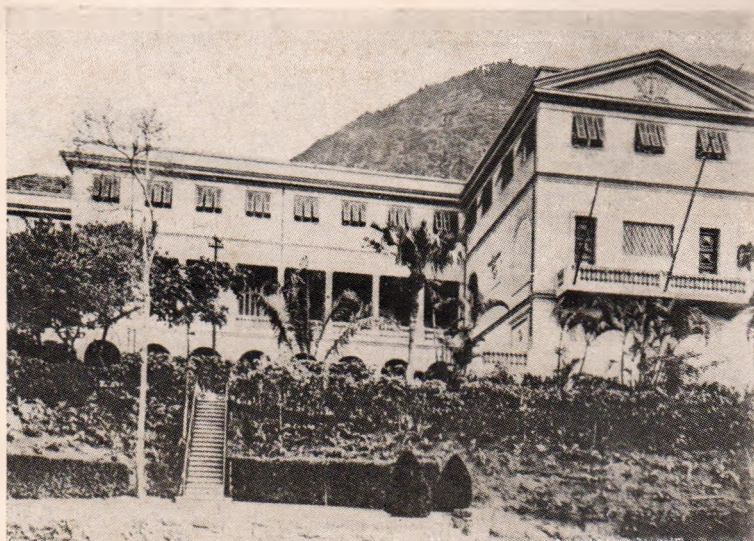
Grato aos benefícios recebidos, Ubá deu ao «Sagrado Coração de Maria» a primeira vocação brasileira.

COLÉGIO DO RIO DE JANEIRO

Ao retirar de Sete Lagoas, tinha voltado ao Rio a Madre Maria de Aquino e alugara uma casa pequena, em Vila Isabel (1). Encontravam-se também nesta cidade mais exilados e, entre êles, velhos amigos de Portugal, como o Rev. Padre Menezes, da Companhia de Jesus. Desta vez, Sua Eminência concedeu, às Religiosas do Sagrado Coração de Maria, licença para se estabelecerem na Capital. Não seriam alheias à feliz decisão as referências elogiosas àquêle Instituto que, meses antes, lhe era ainda completamente desconhecido.

No Rio de Janeiro, não foram nem tão auspiciosos nem tão rápidos os passos como em Ubá: ao cabo de três meses, tinham apenas uma meia dúzia de externas... Só em 1916, depois de várias mudanças de casa, se instalaram na Rua Toneleros, em Copacabana, na grande e bela propriedade que, graças aos progressos do Colégio, se havia de transformar — depois

(1) — Bairro do Rio de Janeiro, onde as condições de clima e o meio social não se prestavam ao desenvolvimento do Colégio.



RIO DE JANEIRO — Colégio «Sacré-Cœur de Marie» — Copacabana
Fachada do edifício principal



BELO HORIZONTE — Colégio «Sacré-Cœur de Marie»

de adquirida em 1925 — no vasto e modelar estabelecimento de ensino, que hoje tem uma freqüência de 1.000 alunas. Quatro auto-carros transportam as externas, do centro da Capital ao local do Colégio, que é dos mais saudáveis do Rio, próximo ao mar e com um panorama formosíssimo.

Em 1917, já apresentavam alunas a exames singulares, no Ginásio de D. Pedro II. Nenhum Colégio de Religiosas se atrevera, até então, a enviar alunas a provas liceais. Não admira, portanto, que a iniciativa fizesse sensação e merecesse mesmo a honra duma visita inesperada do Cardeal Arcoverde que vinha felicitar as religiosas pelo êxito obtido. Animadas com o resultado da modesta tentativa, foram mais longe: entre 1930 e 1931, obtiveram a *oficialização dos seus cursos de Ginásio e Comércio*. Algum tempo depois, satisfeitas as exigências regulamentares e aprovado o Relatório com a classificação de «excelente», conseguiram a desejada *equiparação a Ginásio*. Não obstante a sua categoria de estabelecimento de ensino particular, o Colégio do Rio passava a ser um verdadeiro *liceu*, assim como o de Ubá gozava já, desde 1913, das regalias de *Escola Normal*. E não pararam aqui: as alunas começaram também a fazer preparatórios para estudos superiores, no *Curso Complementar*, que funciona, com autorização oficial, desde 1937.

A Madre Maria de Aquino, depois do Conselho Geral da Congregação, em 1925, passava de Visitadora a Provincial. A criação da Província do Brasil, com a centralização do govêrno desta no Rio, deu novo incremento às obras já existentes e facilitou novas iniciativas. *Belo Horizonte, S. Paulo, Vitória*, foram os passos dados de 1928 a 1944. (1).

(1) — Ao Colégio de S. Paulo, fundado pouco antes de se declarar a Guerra Mundial, e à recente fundação de Vitória, não podemos fazer as merecidas referências, por falta de notícias circunstanciadas.

COLÉGIO DE BELO HORIZONTE

Abriu em 1928, o Colégio da Capital de Minas Gerais. Foi sua primeira Superiora a Madre Inês de Jesus Teixeira que, em 1919, seguira de Tuy (onde exercia o cargo de Mestra das Noviças) para o Brasil, afim de tomar a direcção do Colégio do Rio.

Deu grande impulso à fundação, tratando de construir um Colégio digno da formosa e progressiva «Cidade das rosas». Quando, em 1932, sucedeu no cargo de Provincial à Madre Maria de Aquino e passou para o Rio, aquela boa Madre veio, por sua vez, dirigir a próspera *Escola Normal* de Belo Horizonte.

Durante os cinco anos do seu govêrno, aumentou e embelezou o edificio, começando a preparar a *equiparação a Ginásio*, que já não teve a satisfação de ver realizada porque, a 19 de Dezembro de 1937, ia descansar junto de Deus de tantos trabalhos e sofrimentos.

Vida cheia, a da saúdosa Madre Maria de Aquino!

Cheia de Deus... O próprio exterior, sempre recolhido e digno, e a inalterável serenidade revelavam profunda união com o Hóspede divino da sua alma.

Cheia de virtudes... Praticou-as tôdas, mas duas parecem sobressair entre as demais: a bondade e a fôrça moral.

«De uma delicadeza e elevação de sentimentos que traíam educação finíssima, irradiava bondade. Mas era firme também e, se sabia ser mãe, sabia igualmente ser superiora e, para cumprir o dever, não hesitava diante de nenhum sacrificio», dizem as Irmãs.

E os de fora, testemunham a mesma comovida admiração pelas suas virtudes:

— «Como a gente se sente bem junto da Madre Maria de Aquino. Sai-se de perto dela com vontade de ser boa!» exclamava ingênuamente uma aluna.

Impressionou a todos os médicos que a trataram

na última doença, «o heroísmo com que levou a cruciante enfermidade que tanto a fêz sofrer, sem um gemido, sem uma queixa, sem a menor mostra de impaciência.» (1)

Mas sôbre todos significativo, apesar da brevidade, foi o testemunho do Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, no telegrama de pêsames enviado à Comunidade:

«Celebrei missa hoje alma santa, veneranda, saudosa Madre Aquino».

Quererá o Senhor glorificar depois da morte Aquela que, em vida, sempre porfiou, humildemente, em esconder as suas virtudes?...

Na laboriosa tarefa de criar e manter obras de tão grande alcance para a educação cristã da juventude feminina, no Brasil, a Madre Inês de Jesus mostrou-se colaboradora activa e dedicada da Madre Maria de Aquino. Foi também a digna continuadora dos trabalhos apostólicos da «Fundadora da Província Brasileira do Sagrado Coração de Maria».

Em geral, as brasileiras têm, como as suas companheiras dos Estados-Unidos, empenho grande em se habilitar, práticamente, para a vida, escolhendo as diversas carreiras que o progresso daquelas grandes Nações abre — em maior escala do que na Europa — à habilidade e inteligência femininas. Se até a Aviação já tentou algumas ex-alunas e com êxito, segundo parece!... Em face dêste grave problema, em vez de se encerrarem rotineiramente no acanhado âmbito dos antigos programas pedagógicos, — atingindo assim limitado número de almas — as Fundadoras dos Colé-

(1) — Obra cit. p. 220.

gios brasileiros preferiram antes enfrentar todos os sacrifícios e proporcionar a numerosas alunas uma educação que satisfizesse as necessidades da época. Educadoras eminentes, souberam adaptar às justas exigências duma civilização nova, os princípios fundamentais da educação cristã, aplicados com êxito na velha e tradicional Europa.

Ficarão aqui bem, a rematar a breve exposição dos feitos apostólicos das nossas irmãs portuguesas que fizeram do Brasil a sua segunda Pátria, estas palavras duma antiga aluna, agora religiosa do Sagrado Coração de Maria:

«Quem vê hoje a vastidão dêsses Colégios, quem verifica o bem que fazem, o número crescente de vocações brasileiras, a atestar a acção profunda nas almas, mal suspeita quantos sofrimentos morais e privações materiais custaram às nossas Fundadoras. É um dever levar-lhes em abundantes braçadas as flores da gratidão e juncar-lhes a memória dessas pétalas perfumadas de corolas desabrochadas bem dentro das nossas almas». (1)

.....

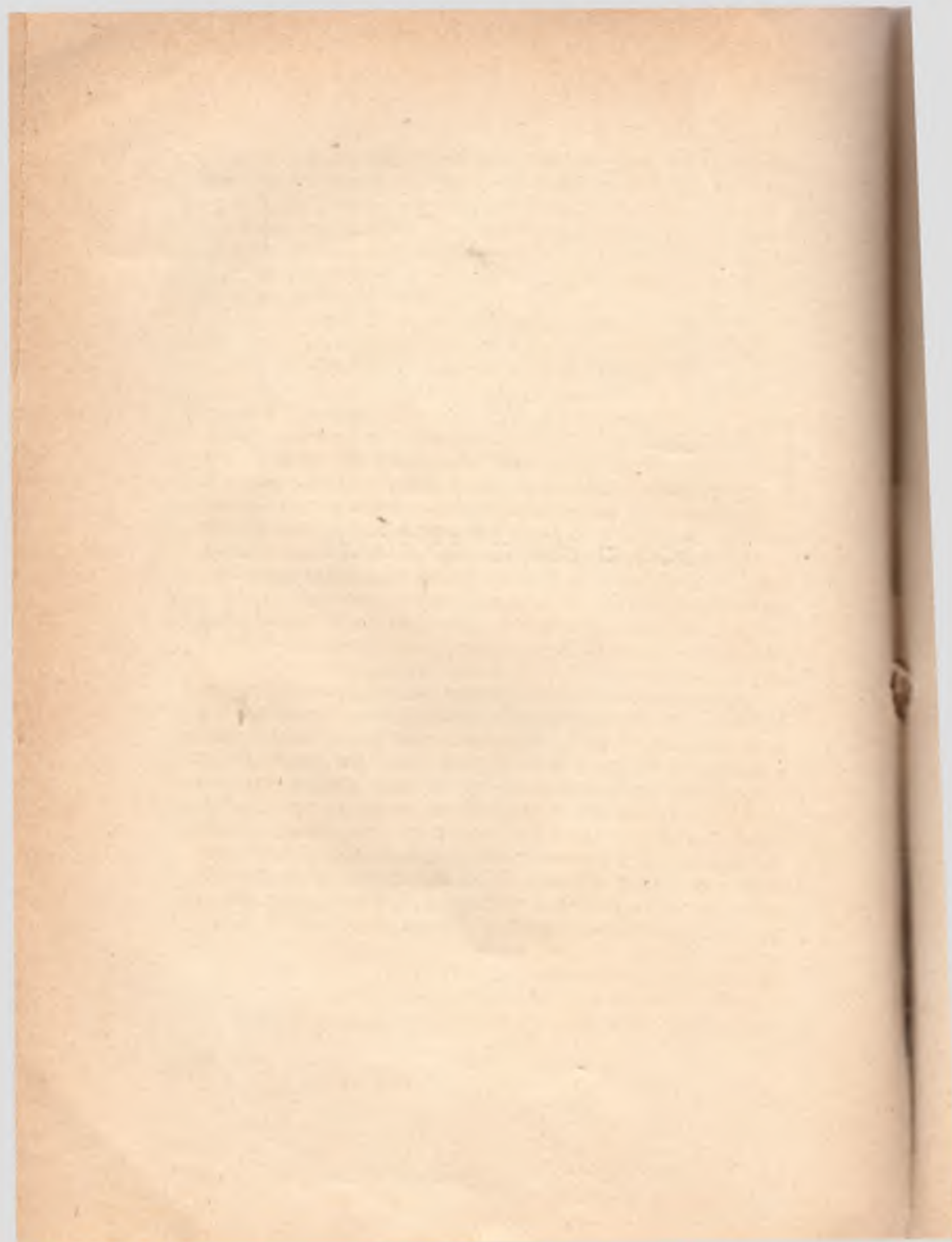
Um dia, no decurso duma audiência particular, Sua Santidade Pio XI, em familiar conversação com a Madre Maria José Butler (já então Superiora Geral), pediu-lhe algumas das suas filhas para as Missões. Inteirado, depois, das obras florentíssimas que o Instituto mantinha já no Brasil, o Santo Padre não insistiu mais...

Mas o pedido do «Papa das Missões» ficou a ecoar no coração das Religiosas do Sagrado Coração de Maria e não estará longe o dia em que lhes será dada a ventura de ir até África, fazer **novas conquistas...**

(1) — Obra cit., pág. 114.

VIII

Sob o influxo de Fátima



VIII

Sob o influxo de Fátima

FICARIA incompleto este «*Capítulo da história da educação feminina*» sem uma referência aos acontecimentos de Fátima, já que êles tiveram transcendental influência no ressurgimento e prosperidade de tôdas as obras católicas — e, por consequência, na restauração dos Colégios do Sagrado Coração de Maria — em Terras de Portugal.

A revolução rebentara ameaçadora e impia, implantando no País um regime carregado de ódio à Igreja, ao Clero e às Ordens religiosas.

Adentro do Instituto, como em tôdas as Comunidades, viveram-se dias de terrível angústia, após o 5 de Outubro. Mas, no momento em que o pânico desmoralizava os espíritos e o respeito pelas mais santas instituições parecia submergir-se na voragem revolucionária, ergue-se, majestosa e forte — com aquela firmeza que só em Deus se apoia — a Madre Maria da Eucaristia Lencastre, filha dos nobres Condes de Alentém. Como Provincial, cabia-lhe a responsabilidade de velar pela segurança das filhas. A seu pesar, tem que as deixar recolher a casa das famílias. Exigia-o a prudência, pois corriam boatos aterrorizadores de assaltos e desacatos aos conventos.

Mas não descansa enquanto lhes não encontra abrigo em Tuy, ou nas Comunidades de França, da

Inglaterra ou das Américas. Uma à uma, as religiosas dispersas foram acudindo ao chamamento da sua Provincial. Podia o coração sangrar-lhes ao abandonar a família e a Pátria, mas traziam a alma em festa, na doce esperança de reatar a vida de comunidade e as santas observâncias da sua vocação! E para a corajosa e desvelada Superiora, que íntima consolação poder dizer, como o Senhor, na última ceia:

— «Conservei as que me deste e nenhuma delas se perdeu!» (1)

Tantos cuidados e canseiras arruinam-lhe a saúde do corpo mas não lhe quebrantam a energia do espírito e a Madre Maria da Eucaristia resolve abrir um Colégio em Espanha, para atender a instantes súplicas dos pais das suas antigas alunas. Já outras Congregações haviam buscado refúgio em Tuy, mas só Deus sabe à custa de quanta paciência e de que sacrifícios as religiosas organizaram os seus Colégios em incômodas casas alugadas, com escassez de mobiliário e de material escolar, estreitadas em angustiosas dificuldades financeiras. Tempos heróicos do exílio! Lá se queimaram vidas em flor; e quantas velhinhas, exaustas pelos trabalhos e privações, já não tiveram a felicidade de voltar à Pátria... E, no entanto, tão abnegadamente sabiam guardar para si os sacrifícios que, raras vezes, os experimentava a mocidade alegre e despreocupada das alunas, que lhes enchiam a casa de vida e o coração de esperanças num futuro melhor para o pobre Portugal! Ao contemplarem o rio Minho, tão ridente e manso, aquelas jovens mal se apercebiam das fronteiras de exílio que êle punha entre as verdes margens portuguesas e a vetusta cidade espanhola, que as abrigava durante o ano lectivo...

(1) — S. João, XVII, 12.

Ora as coisas iam de mal a pior, para lá do rio. Revoluções sôbre revoluções. Era um verdadeiro cáos a vida da Nação...

Então, Nossa Senhora, movida por maternal solidude, baixou à Cova da Iria e pôs-se a conversar com três pastorinhos da Serra... E pensava, talvez, lá consigo: — se um punhado de desgraçados, com o ódio a Deus e a imoralidade dos costumes, tinha chegado para deitar a perder o *Seu* Padroado, um grupo de almas generosas, capazes de lançar austero contrapêso de reparação na balança da divina Justiça, não bastaria para aplacar o *Seu* Filho?...

A candura que leu nos olhos dos pequenitos era bem de molde a agradar à «Rainha dos Anjos». Começaria por êstes! E perguntou:

— «Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Êle quiser enviar-vos. em acto de reparação pelos pecados com que é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?»

Sem hesitar, os Pastorinhos respondem:

— «Sim, queremos!» (1)

Desapuvuiu-se o semblante da Virgem...

Não morrem as Nações que têm almas assim!

Portugal estava salvo. Atrás destas, outras almas viriam oferecer-se, para o *resgate da Pátria*.

.....

Então começou o «reinado» mais maravilhoso da nossa maravilhosa História. Quem agora guiava os destinos de Portugal, era Nossa Senhora! Fátima era o seu trono real.

(1) — Depoimento da única sobrevivente das privilegiadas crianças, a Irmã Lúcia de Jesus, em seu manuscrito de 8 de Dezembro de 1941.

Não se compuseram as coisas tão depressa como Ela queria. Os homens são teimosos nos seus erros. Enfim, nove anos após a Sua primeira aparição na Cova da Iria, a Santíssima Virgem reuniu «Côrtes» em Braga: o «Congresso Mariano». Precisamente num dos dias de apoteose magnífica a Maria, teve início, nessa mesma cidade, aquela *Revolução* grande e pacífica, que gravou uma data com letras de ouro, nas páginas da História: *28 de Maio de 1926!*

Sairam os militares para a rua (sem que as proclamações se interrompessem...), comandados pelo valente General Gomes da Costa. Sem luta fratricida, nem derramamento de sangue, *tudo mudou em Portugal.*

Por Sua mão, levou Nossa Senhora o novo Patriarca a Roma, para que o «Cardeal Cerejeira» fôsse luminar esplêndido da Igreja, em terra Lusa.

Por Sua mão, trouxe «Salazar» a Lisboa, para lhe confiar os destinos da Nação.

Restabelecido o bem-estar nacional, com a paz religiosa e a reorganização das finanças, é promulgada a *Constituição* do Estado Novo e assinada a *Concordata* com a Santa Sé.

E «a revolução continua»!

Desta maneira, salvou Nossa Senhora o *Seu* Pa-droado...

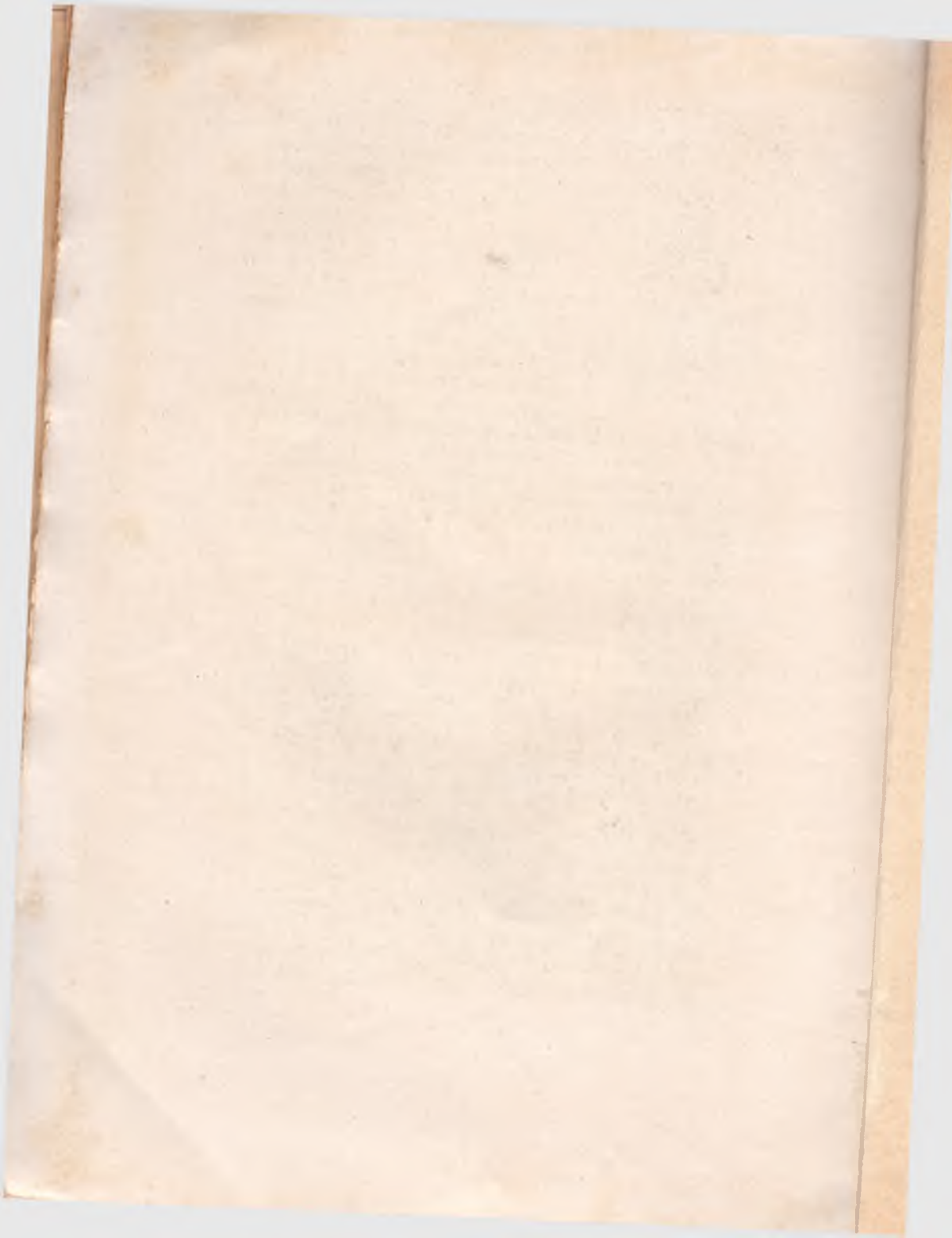
Por misericordiosa dignação do Senhor, o *influxo de Fátima* ia estender-se ao mundo inteiro. Mal podendo conter em si tamanho caudal de favores celestes, Portugal trasbordou-os além-fronteiras...

O mundo soube então da *Mensagem de Paz e de Amor* que a Virgem trouxera aos homens e do remédio divino que lhes deixara, para os curar de seus desvarios: *a devoção ao Seu Coração Imaculado.*

Dos lábios dos Pastorinhos ouviram-se segredos



Chegou até Roma a Mensagem da Virgem... e o influxo de Fátima ia estender-se ao Mundo inteiro.



inefáveis: «Nossa Senhora tinha-lhes aparecido com o Coração cercado de espinhos, que nêle se cravavam, e imerso numa luz intensa que parecia espargir-se sôbre a terra... (1) Apontando com expressivo gesto o peito em chamas, a Mãe do Céu dissera assim à Lúcia:

— «O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá a Deus». (2)

Palavras de esperança que os filhos pecadores tomaram ávidamente para si, pois mais necessitavam delas do que a inocente pastorinha!

Chegou até Roma a *Mensagem de Fátima* e encontrou eco profundo no grande coração de Pio XII. Ao comemorar-se solenemente o XXV aniversário das Aparições, dá cumprimento ao pedido da Virgem, e consagra o Mundo ao Imaculado Coração de Maria. Falara em português a Celestial mensageira. Nessa mesma língua, que seus lábios virginaes sagraram, Se dignou também falar o Vigário de Cristo, na mensagem radiodifundida que pronunciou em tão memorável ocasião.

31 de Outubro de 1942! Data histórica nos fastos da Igreja Católica, dia glorioso para os Católicos de Portugal, aurora esplendorosa do *Reinado Mundial do Coração de Maria!*

Se a todos os Cristãos alvoroçou de esperança o notável acontecimento, gratíssimo tinha de ser também o júbilo das Religiosas que se honravam de ter por titular o Coração da Santíssima Virgem. No gesto inspirado de Pio XII, viram estímulo poderoso para continuar a trabalhar com ardor pela dilatação do Reinado de Maria. Providencialmente, chegaram ao

(1) e (2) — Irmã Lúcia de Jesus, no seu manuscrito de 8 de Dezembro de 1941 e carta particular de 4 de Dezembro de 1942.

seu conhecimento certos pormenores inéditos sôbre a aparição de 13 de Junho de 1917. (1) Daí nasceu um projecto que, a breve trecho, se converteria em realidade. No mês de Abril de 1944, uma nova estampa saía à luz, editada pelas «Religiosas do Sagrado Coração de Maria»: representava Nossa Senhora na attitude que tomara, ao revelar aos pequenos videntes o Seu Imaculado Coração. (2) A extraordinária expansão da campanha promotora das *Entronizações*, que tivera início a 8 de Dezembro de 1939, no Colégio de Guimarães e, dali, se propagara às diversas Comunidades do «Sagrado Coração de Maria» e às respectivas dioceses, justificava, em certo modo, a ousadia do empreendimento. Seguiu-se a publicação de folhetos que tratavam da devoção ao mesmo Purissimo Coração e do *Cerimonial* para a entronização, segundo o espírito das revelações de Fátima. Tão rápida e consoladora foi a difusão destas edições, como fôra a da estampa. Apesar das dificuldades criadas pela Guerra Mundial, ultrapassaram as fronteiras, para levarem a outras nações mais um eco da mensagem maternal que se ouviu em terra portuguesa...

— «Por fim o meu Imaculado Coração triunfará», tinha predito Nossa Senhora aos Pastorinhos.

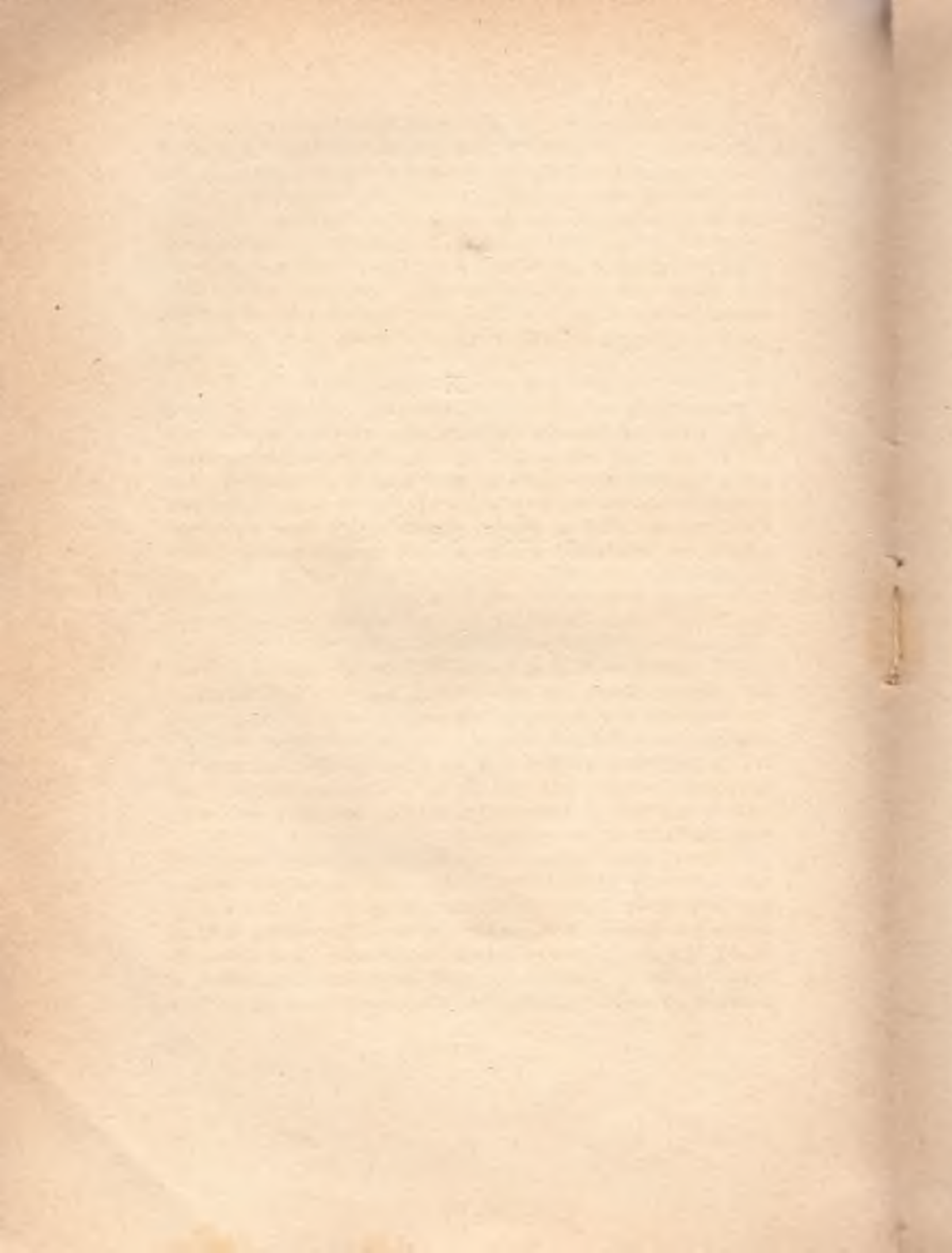
Bendito seja Deus por se dignar acender em Portugal — pela mão da Sua excelsa Padroeira — a viva flama que, em louvor do Coração de Maria, vai alastrando pelo mundo além... **sob o influxo de Fátima!**

(1) — Nesta aparição revelou Nossa Senhora, pela primeira vez, o seu Imaculado Coração, aos Pastorinhos de Fátima (manuscrito citado).

(2) — Informações dadas pela vidente Irmã Lúcia de Jesus, em cartas datadas de 4 e 20 de Dezembro de 1942 e 10 de Outubro de 1943.

IX

Bodas de Prata



IX

Bodas de Prata

AS «Religiosas do Sagrado Coração de Maria» não haviam esperado por tão bonançosos tempos para atravessar fronteiras de Espanha. *Pioneiras* dos Colégios Religiosos fundados após a Revolução, já em Outubro de 1920 se abalançavam a retomar, em Portugal, os labores escolares interrompidos em 1910.

EM ESPINHO

À sombra da vasta Igreja Paroquial, onde o sorriso de «*Nossa Senhora da Ajuda*» parecia convidá-las, docemente, à esperança, abriram o seu primeiro Colégio.

A maternal *ajuda* não se fez esperar: no dia da entrada, tiveram 100 alunas e, em pouco tempo, elevou-se a mais de 160 o número das internas. O externato obtinha o mesmo êxito.

Mas, numa época em que a perseguição religiosa não havia ainda amainado, que alarmes e que cuidados não dava a gerência dum colégio!... A prudência impunha que as religiosas vestissem à secular e que nada traísse o seu verdadeiro estado. Mal podiam rezar com as alunas; o catecismo era ensinado, a estas, na Igreja Paroquial e, ali, assistiam à Missa nos

Domingos e dias santos. Ter capela em casa, seria ousadia intolerável, segundo *a liberdade de pensamento* que era norma dos governantes de então...

Durou anos esta situação difícil mas, por fim, já os actos de culto se celebravam em ampla sala, transformada em capela doméstica.

Apesar de tão grandes obstáculos — e talvez porque a luta pela Fé exigia mais firmeza de carácter — ali se formaram, sôlidamente, para a vida, algumas centenas de raparigas, hoje modelares mães de família.

De Espinho, passava êste Colégio para Aveiro, em 1928, e tomava o nome de «*Nossa Senhora de Fátima*».

Eram melhores os tempos mas, nem por isso, era favorável *o meio*. Aveiro fôra sempre um dos mais fortes baluartes da Maçonaria. Com a restauração da Diocese, em 1939, e a acção eminentemente apostólica do Prelado, sofreu grande transformação religiosa, o que muito facilitou a formação das alunas e abriu mais largo campo de acção às religiosas.

EM BRAGA

Sob a protecção de «*Nossa Senhora da Torre*», cujo nome tomou, reabria, em 1921, o antigo Colégio Inglês. Despojadas do belo edificio do Campo da Vinha — a que as prendiam saúdosas tradições e que tinham o pesar de ver utilizado como quartel... — instalaram-se no palácio dos Condes de S. Martinho, às Carvalheiras.

Braga acolheu com agrado as «*Inglesinhas*» (como familiarmente as apelidavam, no passado) e as antigas alunas trouxeram-lhes as filhas, contentes por lhes ser dado perpetuar na família a mesma educação que se prezavam de haver recebido. Mas os

tempos eram maus e não faltaram vexames e dificuldades de todos os géneros, nesses primeiros anos. Contudo, as religiosas puderam abrir ao culto a pequenina capela do palácio, o que tornou a situação mais tolerável do que em Espinho.

E «*Nossa Senhora da Torre*» olhou bem pelos interesses do seu Colégio, enviando uma boa frequência e aplanando, pouco a pouco, os obstáculos que estorvavam o seu desenvolvimento. Deu-lhe casa própria, construída segundo as modernas exigências da higiene e da pedagogia, na Rua de S. Vítor, local dos mais aprazíveis e saudáveis da cidade.

NO PORTO

Foi este o terceiro Colégio a fundar-se, depois da República. Convertida a antiga casa da Praça do Coronel Pacheco em Liceu feminino, alugaram as religiosas o palacete Boaventura, na Avenida da Boavista. Abriram as aulas em Outubro de 1926, confiando o novo colégio ao patrocínio de «*Nossa Senhora do Rosário*».

Com magníficas instalações e um delicioso parque para recreio, foi prosperando, de ano para ano, e adquiriu, dentro em pouco, os antigos créditos do «Colégio Inglês».

De entre os colégios de religiosas, já então existentes no país, foi dos primeiros a adoptar os programas do ensino liceal e a evidenciar-se pela excelente preparação das alunas apresentadas a exame. Este facto contribuiu muito para a excepcional frequência e boa reputação de que goza, impondo-se a sua transferência para edifício mais vasto.

NA GUARDA

Instâncias captivantes do Prelado, levaram o Instituto até à cidade mais alta do país, que um velho ditado popular apelida de «feia, farta e fidalga».

E como *fidalgas* se portou, efectivamente, no acolhimento dispensado às religiosas que lhe vinham educar as filhas.

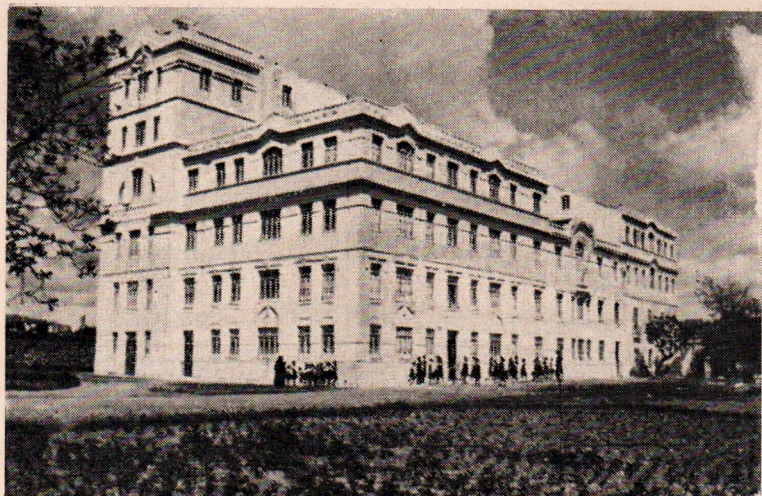
O «*Colégio de Nossa Senhora de Lourdes*», abriu, em 1927. Próspero desde o início — pois de tóda a Beira acudiam alunas a freqüentá-lo — viu-se obrigado a alargar, sucessivamente, as suas instalações. Não só deu origem a um «*Lar*» para estudantes do Liceu e alunas externas do Colégio, mas sustenta também um «*Asilo*» para crianças pobres.

Para poder dar maior desenvolvimento a tódas as suas obras, tem já em projecto a transferência para um belo edificio expressamente construído para o fim a que se destina, com vastos terrenos de jogos e de cultivo, a rodeá-lo.

EM GUIMARÃES

Corria o ano de 1932. A época era agora incomparavelmente mais propícia para fundações. Pela primeira vez, desde o regresso do exílio, era possível dar a um Colégio o nome do Instituto, sem receio das conseqüências. Justo era que o privilégio fôsse concedido à casa de Guimarães, pois que, — além do Colégio — ia abrigar o Noviciado.

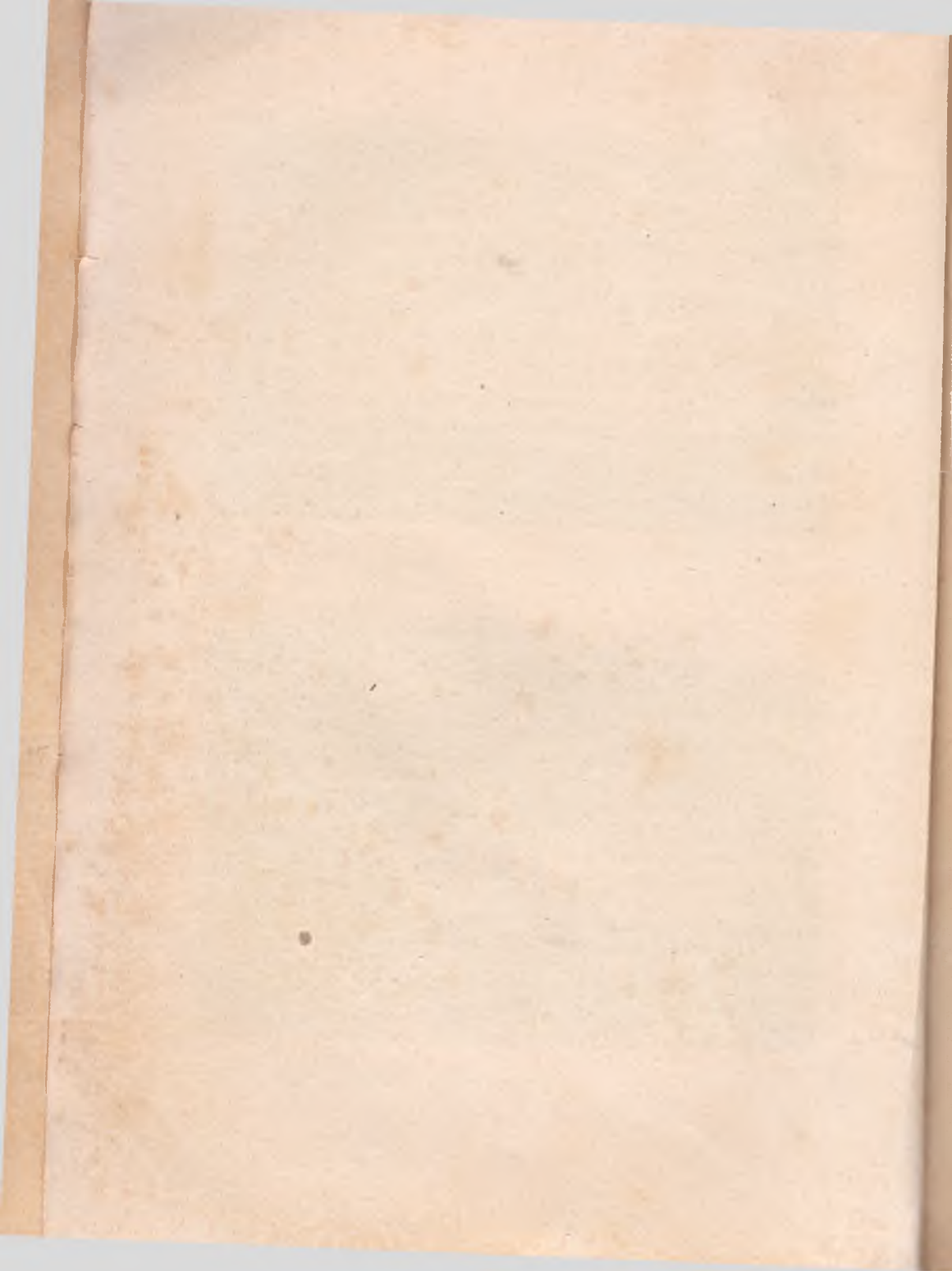
Na providencial solução de graves embaraços financeiros e no consolador incremento das duas obras ali estabelecidas — educação da juventude e formação de religiosas — sentiu-se, depressa, o sobrenatural amparo duma bênção particular do *Sagrado Coração de Maria*. Hoje, a casa e a quinta, são já pertença do Instituto.



Lisboa — Colégio do Sagrado Coração de Maria



Guimarães — Colégio do Sagrado Coração de Maria e Noviciado



EM PENAFIEL

A pedido de antigas e dedicadas alunas, as religiosas voltaram, em 1934, para Penafiel. Mas, não oferecendo o Colégio condições de expansão, fechava em 1940.

EM LISBOA

Foi a 15 de Outubro de 1941 Lisboa soube, nessa manhã (e a não poucos pareceu ousadia...), que abriera mais um Colégio para meninas e que se instalara no magnífico edifício do antigo «*Colégio Vasco da Gama*», a Arroios.

Já antes da República, a fundação da capital tentara o zêlo da Madre Maria da Eucaristia Lencastre. Não chegou, porém, a ter oportunidade de a realizar. Por sua vez, a Madre Maria José Butler, enquanto Superiora Geral, sempre acarinhara o mesmo *sonho* e morrera sem o ver convertido em realidade.

À Madre Maria Xavier Twomey estava destinada a realização da emprêsa. Quem o diria quando, pelos fins de 1910, a Superiora de Marymount escrevia para Filadélfia, a uma jovem que pretendia entrar para a Congregação, contando-lhe as tristes notícias que acabavam de trazer-lhe do «querido Portugal» e pedindo-lhe orações pelos religiosos perseguidos?... Pois, em 1937, — caminhos de Deus! — desembarcava em Lisboa a *postulante americana* que tinha rezado por Portugal, nesses calamitosos tempos da perseguição... Vinha governar a florescente Província do «Sagrado Coração de Maria» e dar vida ao *sonho* da Madre Geral. E porque era esta a hora de Deus, quando, em fins de Agosto de 1941, a Madre Maria Xavier deitou mãos à obra, poucas semanas bastaram ao seu zêlo e tenacidade para a levar a bom têrmo. Começou o Colégio a funcionar com 34 alunas (que

pareciam perdidas na enorme casa...) e encerrou o ano lectivo com 80. Em Julho, o êxito dos exames — desde a 3.ª classe primária à admissão à Universidade — revelou que, no «Colégio do Sagrado Coração de Maria» *se estudava*. No ano seguinte (1942-1943), já se encerrava o curso com 240 alunas. Enfim, no ano escolar de 1944-1945, elevava-se a 400 o número das matrículas.

Situado entre três bairros populosos, numa emi-nência donde se disfruta um panorama soberbo, com instalações amplas e higiénicas, onde o sol entra a jorros — e com êle a saúde e a alegria — rodeado de campos de recreio convidativos, o novo Colégio vinha tomar o seu quinhão nos labores dessa «messe» vasta e prometedora, onde os «obreiros são tão poucos» (1): a educação cristã da juventude feminina da Capital.

Na tórre do Colégio, a meia altura, destaca-se, em painel de azulejo, a imagem do Imaculado Coração de Maria. Se a ousadia da iniciativa algum êxito obteve, a *Ela se deve!*

OS «LARES»

Como indispensável complemento da obra de educação empreendida nos Colégios, impunha-se a criação de casas onde, em regime familiar, se recebessem as alunas que passavam a freqüentar cursos superiores e se viam obrigadas a deixar, temporariamente os seus. Então, as Religiosas do Sagrado Coração de Maria decidiram abrir também os «Lares» de *Coimbra* e de *Lisboa*, freqüentados quasi exclusivamente por estudantes universitárias, vindas não só dos seus Colégios mas ainda de diversas prove-niências.

(1) — S. Mateus, IX, 37.

Na *Guarda* e em *Braga*, esta obra destina-se especialmente a alunas dos Liceus e, nesta última cidade, recebe também Normalistas.

Empreendimento de vasto alcance moral, os seus resultados compensam, ordinariamente, das dificuldades e espinhos que se encontram na delicada tarefa de guiar, na entrada da vida, os passos inexperientes das jovens estudantes.

Quando as exiladas começaram a regressar do Estrangeiro, apenas tinham decorrido dez anos desde a expulsão. Mas a *Grande Guerra* trouxera profundas transformações sociais a todos os países da Europa. Eram outros os tempos, outras as condições de vida. Se as religiosas queriam atingir a alma das raparigas e armá-las para a luta e para a vitória, só tinham um partido a tomar: *actualizar métodos educativos e programas de estudo*. Foi o que se fêz, progressivamente, no Instituto do Sagrado Coração de Maria. Organizou-se rigorosamente ensino primário e secundário, conforme os planos oficiais vigentes, sem descuidar a formação intensamente cristã e a cultura artística e física que a educação feminina require, hoje em dia.

O Senhor parece ter abençoado a boa vontade. Em 1910, a Congregação, em Portugal, contava 4 Colégios, apenas. Em 1945 — *Bodas de prata* da sua restauração — conta 13 casas:

- 6 Colégios (Lisboa, Pôrto, Braga, Guimarães, Aveiro, Guarda);
- 4 Lares para estudantes (Lisboa, Coimbra, Braga, Guarda);

2 *Patronatos* para crianças pobres (Lamego e Évora-Monte Brito).

1 *Casa de saúde* para religiosas doentes (Guarda).

À veneranda Madre S. Tomás Hennessey, deve a «Provincia Portuguesa do Sagrado Coração de Maria» o impulso que a fêz viver, mas foi pelo esforço heróico da saudável Madre Maria da Eucaristia Lencastre, que ela ressurgiu dos escombros da revolução. Como a sua saúde, gravemente abalada, exigisse completo repouso, foi confiado o govêrno da «Provincia» às mãos da Madre Maria do Coração Imaculado Martins, em Agosto de 1930. Até essa data, a Madre Maria da Eucaristia tinha residido, habitualmente, em Tuy, onde, por várias vezes, esteve às portas da morte. Na casa de Braga, por cuja reabertura tanto se empenhara, passou os últimos tempos de vida, porque, quando a guerra civil rebentou em Espanha, conduziram-na, com as maiores precauções, para aquela cidade.

Superiora durante perto de 30 anos — dos quais a maior parte no cargo de Provincial e em tempos excepcionalmente difíceis — a Madre Maria da Eucaristia sempre demonstrou singular prudência e sabedoria, no desempenho de tão escabrosa missão. À fôrça de viver em trato íntimo e contínuo com o seu Deus, tornara-se-lhe como que *natural* tudo ver e julgar *sobrenaturalmente*.

O exterior revelava a intensidade da vida interior. Se era impressionante o seu recolhimento durante a oração, não o era menos durante a acção: em meio de trabalhos absorventes e nas longas horas que dedicava à correspondência, quantas e quantas vezes levantava os olhos para o crucifixo que tinha na fren-

te e, a meia voz, desafogava o coração com aspirações ferventes:

— «Ó Jesus, sêde para mim Jesus!

— Ó Jesus amor!!» ouviam-na exclamar.

Era enérgica e firme em exigir a observância da Regra mas também com que perfeição a cumpria nos menores pontos! Edificava e comovia ver a que extremos chegava o seu espírito de pobreza e de penitência, ainda mesmo quando a idade e a doença justificariam menos austeridade.

À primeira vista, a gravidade e distinção do seu porte davam-lhe, talvez, uma aparência um pouco fria mas, na intimidade, era afável e maternal. Parecia que o seu olhar inteligente e profundo penetrava nas almas! E, quer fôsse para erguer do desalento, após as quedas, quer para altear aos cumes da perfeição, sabia dizer a palavra quente e iluminada, que abria horizontes de confiança e de paz.

A 21 de Junho de 1931, apagava-se, na terra, a luz suave da sua virtude, para, «com os justos, resplandecer como o sol no reino de seu Pai»... (1)

Recordar os progressos duma obra de Deus ou os feitos de almas privilegiadas que, pela dilatação dessa obra, se gaŕlaram até ao último alento, não só estimula a novos empreendimentos apostólicos, mas até corresponde a um imperioso dever de gratidão.

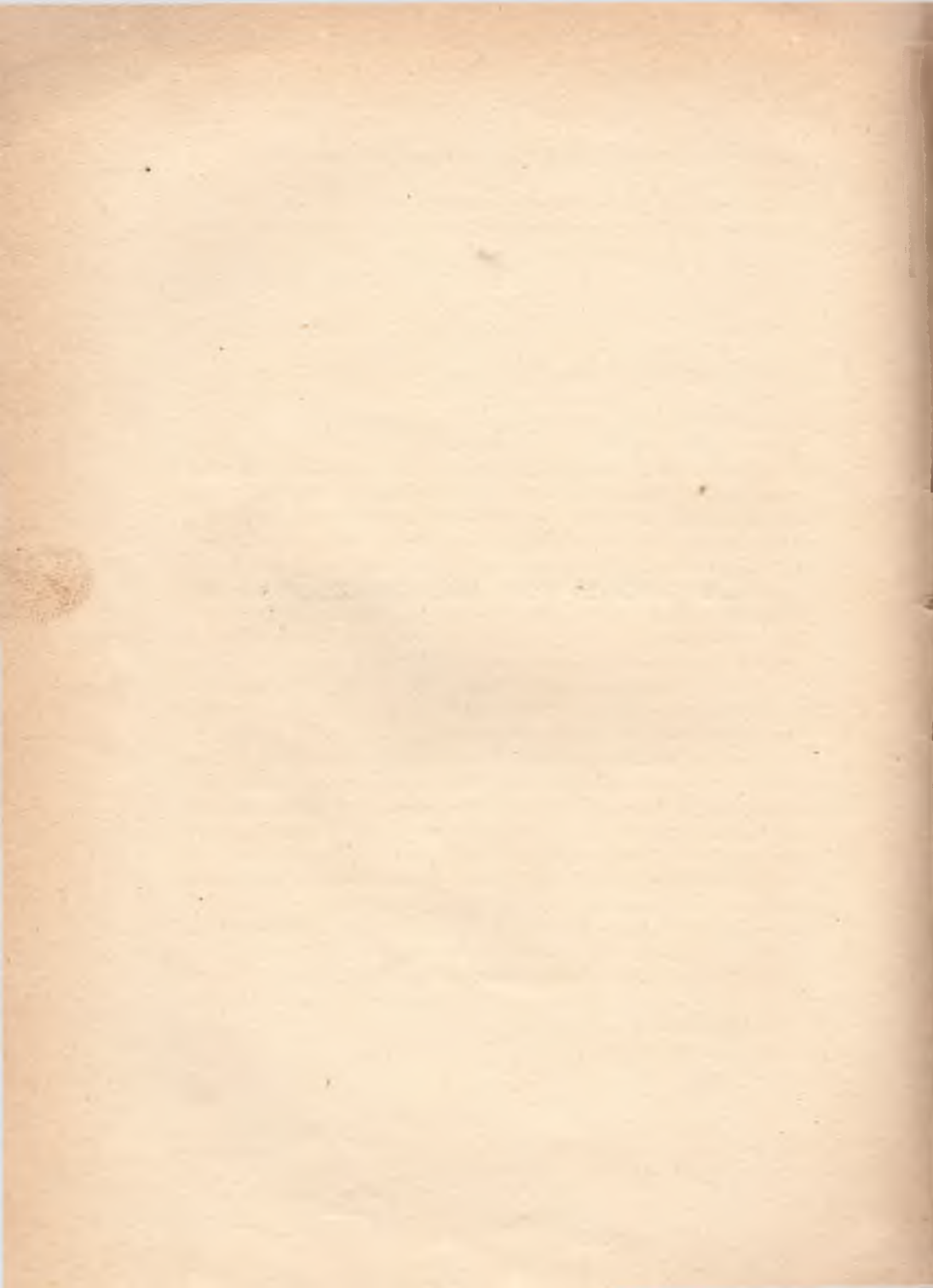
A construção duma casa na Cova da Iria, em local vizinho ao Santuário bendito onde a Virgem de Fátima revelou ao mundo os tesouros do seu Imaculado Coração, é a *pedra comemorativa* do filial reconhecimento das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, a assinalar, em terra portuguesa, as consoladoras **Bodas de Prata!**

(1) — S. Mateus, XIII, 43.

x

Os pobres são evangelizados

!



Os pobres são evangelizados

QUANDO os emissários de João Baptista vieram perguntar a Jesus se era Ele o Messias que esperavam, um dos sinais que o Senhor lhes deu da veracidade da sua Missão, foi êste: «Os pobres são evangelizados». (1)

Hoje, decorridos vinte séculos sôbre a vinda do Messias, êste sinal caracteriza a identidade cristã dos verdadeiros servos e servas de Deus e dá fecundidade a tôdas as suas obras.

Pela educação das crianças pobres, iniciaram os seus labores de caridade e de apostolado as primeiras Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

A esta obra humilde se entregou com tôda a sua alma, a Madre S. João. Se, já antes de ser religiosa, sabia repartir, generosamente, com os indigentes a sua grande fortuna, agora fazia muito mais do que isso: tão pobre como êles — porque consagrara a Deus todos os seus bens — dava-lhes o melhor da sua actividade e do seu carinho!

E a tradição ficou no Instituto. Herdaram suas filhas a predilecção pelos pobrezinhos. Nunca se esquecem dêles quando o Senhor abençoa com a pros-

(1) — S. Matheus, XI, 5.

peridade os Colégios destinados às jovens de famílias mais abastadas.

E assim, ao começarem a fundar novas casas fora de França, a seu lado estabeleciam asilos e escolas gratuitas.

ESCOLAS GRATUITAS

Na *Inglaterra*, na *Irlanda* e nos *Estados-Unidos*, trabalharam, logo de princípio, em Escolas Paroquiais ou Nacionais ⁽¹⁾, e esta obra é, ainda hoje, das mais florescentes, beneficiando muitos milhares de crianças de ambos os sexos. Se a Escola fica perto do Colégio, de manhã cedo, lá vão as religiosas em grupos para as suas aulas e só regressam pela tardinha; se fica longe, vivem em residência próxima, formando Comunidades mais ou menos numerosas, conforme a importância da Escola.

Só em Liverpool tem o Instituto à sua conta 5 Escolas elementares, com mais de 4.000 crianças.

É interessante verificar as invejáveis regalias de que gozam as Escolas Católicas nos países *oficialmente Protestantes*, como a *Inglaterra* e os *Estados-Unidos*. Sob o ponto de vista religioso, toda a liberdade é concedida às professoras para ministrarem cuidada instrução catequística aos alunos, os quais freqüentam assiduamente as cerimónias do culto, nas Paróquias, acompanhados pelas Religiosas que se ocupam da sua educação. Assim se formam, entre as classes trabalhadores, gerações de Católicos «fortes na Fé» ⁽²⁾ e cumpridores fiéis dos deveres do próprio estado.

Em *Portugal* (primeira nação, depois da *Irlanda*,

⁽¹⁾ — «National Schools» é o nome que se dá, na *Irlanda*, às Escolas do Governo.

⁽²⁾ — 1.º Ep. S. Pedro, V, 9.

que acolheu as Religiosas do Sagrado Coração de Maria), a tradição manteve-se mais fielmente, talvez, do que em qualquer outra parte. O carinho pelo pobre está na índole do povo português, o qual, até nisto, revela a força da *seiva cristã* que, há oito séculos, lhe alimenta a vida.

O Colégio do *Pôrto*, teve anexo um florescente *Asilo*, além da Escola para crianças pobres. As Irmãs prestaram também a sua colaboração, até ao início da República, à Escola de Santo António, em Massarelos, fundada pelo Rev. P. Morais, da Companhia de Jesus. A seu cargo, estavam ainda mais duas Escolas: uma na freguesia da Vitória, outra na freguesia da Sé. Comoventes testemunhos de gratidão de antigos alunos, hoje respeitáveis chefes de família, provam que o bem que as Irmãs lhes fizeram, ainda perdura.

Junto ao Colégio de *Braga*, num antigo Convento de Beneditinos, chamado do Salvador, funcionavam as Escolas de S. José.

Apenas abertos os Colégios de *Viseu* e de *Penafiel*, tiveram, como os outros, as suas escolas para pobres.

Após a restauração do Instituto, em Portugal, no ano de 1920, logo que se atenuaram as grandes dificuldades dos primeiros tempos, reatou-se a tradição. Das tentativas feitas, então, para dar educação em regime de internato, a crianças necessitadas, subsiste apenas o *Asilo* anexo ao Colégio da *Guarda*.

Presentemente, a forma de assistência que o Instituto adopta de preferência, no nosso país, é a do Patronato com Escola gratuita. Parece provado que este processo educativo dá resultados mais práticos e mais duradouros do que o de internato em *Asilo*. Os métodos evolucionaram com os tempos e, no campo das iniciativas Católicas, quem quiser dar hoje o melhor rendimento à sua acção sobre as classes populares, não pode limitar-se a empreender apenas obra

de beneficência e de instrução *individual*, mas tem que procurar meio eficiente de atingir a *família*, para lhe elevar o nível moral e religioso. Ora, é consolador observar a influência que a criança educada na escola Católica exerce, na maioria dos casos, sobre o meio familiar. Por este modo, o Bem, semeado individualmente, multiplica-se quasi «cem por um», como na parábola do Semeador. (1) Sob este ponto de vista, merecem especial referência duas obras confiadas ao Instituto, em época recente.

PATRONATOS

O Patronato de S. José, de *Lamego*, nasceu sob a protecção do glorioso Santo — muitas vezes confirmada com favores extraordinários — e prosperou com a abnegada dedicação das generosas Senhoras que o dirigiram até 1933. Só nesse ano se cumpriu o desejo, tantas vezes manifestado, de entregar a sua Obra às Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Chegaram, enfim, as primeiras Religiosas e, no dia 24 de Fevereiro, aniversário da fundação do Instituto, tomavam a direcção do Patronato. Levava-as ali o mesmo amor e a mesma generosidade que, em memorável tarde, decidira a Madre S. João a trocar o seu palacete da *Place de la Citadelle*, pela pobre casa da *Rue Ermengaud*. Quantas vezes a escassez de meios havia de trazer-lhes duros momentos de ansiedade, e experimentar até aos últimos limites a sua confiança na Providência! Mas, com a milagrosa intervenção de S. José e a boa vontade das dedicadas protectoras, remediavam-se as angústias económicas e não faltava a sopa diária às pobres crianças.

São mais de cem as pequenitas e as raparigas que

(1) — S. Mateus, XIII, 8.

frequêntam, habitualmente, o Patronato. Providencial ganha-pão tem sido, para muitas das antigas, o seu exame de 4.^a classe, ou a mimosa renda de bilros (tradicional em Lamego), que na escola lhe ensinaram.

O Patronato de Nossa Senhora da Conceição, abriu a 13 de Maio de 1936, no *Monte Brito*, a 5 quilómetros de Évora.

Deve-se ao incansável zêlo do Prelado e à generosidade da família Dias Descalço, que pôs à disposição das Religiosas uma casa com Capela, no louvável empenho de proporcionar educação cristã aos filhos do numeroso pessoal que, naquela extensa herdade, se ocupa do amanho das terras e da criação do gado.

Era lastimoso o desamparo e ignorância daquelas almas, até à chegada das religiosas... Verdadeira *terra de Missões* o «Monte» (1) e seus arredores!...

Hoje, tudo mudou. Não têm conta os baptizados e primeiras comunhões, tanto de menores como de adultos e quasi não há um lar cuja situação não esteja regularizada por meio do casamento religioso. Os próprios filhos são, muitas vezes, os apóstolos dos pais. Trazem-nos ao Patronato, para as «Irmãzinhas» os convencêrem e prepararem.

Nem sêmpre são muito fáceis estas conquistas porque, se é grande a consideração que têm pelas «Irmãzinhas» e a docilidade com que atendem os seus conselhos, a repugnância que sentem em recorrer ao ministério sacerdotal, cria, por vezes, sérios obstáculos ao apostolado entre aquela boa gente.

Um dia, depois da Madre Superiora ter gasto o melhor da sua eloquência para convencer um casal

(1) — Chama-se assim, no Alentejo, a grande propriedade rústica com casas e arrecadações.

renitente, diz-lhe o homenzinho na sua ingénua boa fé:

— «Olhe lá, Irmãzinha, mas vossemecê não podia casar-nos?!»

Não era menor a ignorância das letras humanas, antes de abrir a Escola: mal havia um rapaz ou uma rapariga que soubesse ler, por aquelas redondezas. Hoje, andam por 120 as crianças inscritas e muitas freqüentam as aulas até à 4.^a classe. As rapariguinhas aprendem também a costurar e a bordar.

A generosidade dos benfeitores permite às Religiosas a satisfação de mitigar a pobreza de tôdas essas crianças, dando-lhes uma refeição diária, roupas, livros e artigos escolares.

Ao cair da tarde, quando os trabalhadores regressam das suas lidas, recomeçam as aulas no Patronato de Nossa Senhora da Conceição. São os rapazes que já não estão em idade escolar — alguns em vésperas de partir para a vida militar — que vêm assentar-se nos bancos dos irmãozitos mais novos, para, como êles, aprender a ler, escrever e contar...

O livro de leitura é o *Evangelho* e, à mistura com o conhecimento das letras, as «Irmãzinhas» vão-lhes ensinando também o caminho do Céu...

Não é só o Monte Brito que é evangelizado. A acção das *Missionárias* alargou-se até aos «Montes» vizinhos e chegou à aldeia da Graça do Livor.

Eis como um Patronato pode transformar-se num irradiante centro de *Missão*.

Com menos actuação mas conseguindo, no entanto, resultados de ordem religiosa e social muito para apreciar, funcionam outros dois Patronatos, em dependências dos Colégios de *Braga* e de *Guimarães*.

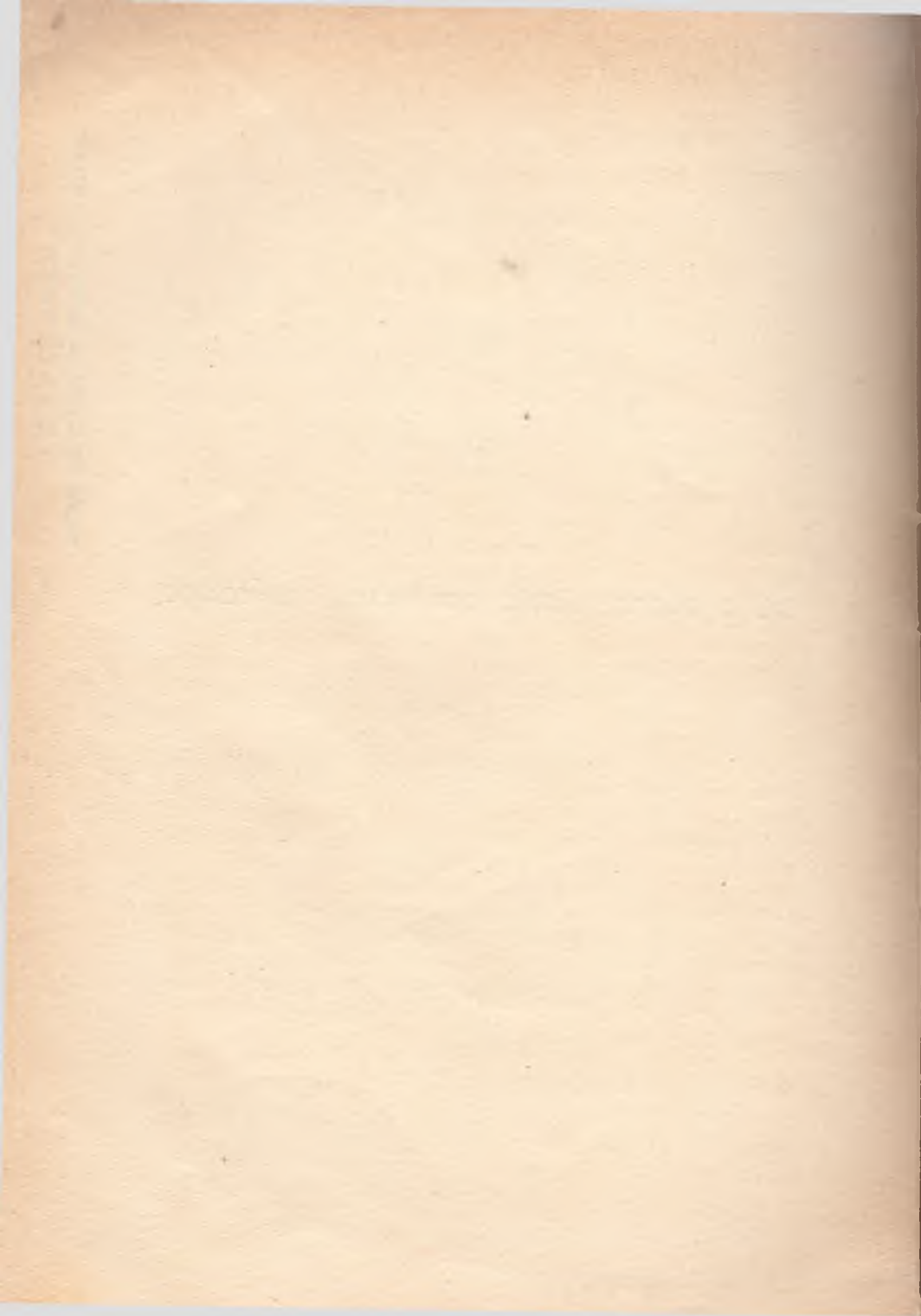
Abrem à tarde, quando terminam as aulas nas Escolas oficiais, e proporcionam às crianças lições de catecismo, costura e labores. As alunas de ambos os Colégios prestam carinhosa colaboração à obra dos seus Patronatos.

O contacto *pessoal* com o pobre é elemento precioso na nobre tarefa de educar: dá à juventude percepção mais real da vida; liberta-a do egoísmo inconsciente que tantas vezes lhe tolhe nobres sentimentos e acções generosas; proporciona-lhe, enfim, magníficas ocasiões de fazer o bem. Assim o entendeu Ozanam, ao fundar as «Conferências de S. Vicente de Paulo».

Acomodando-se sempre à diversidade de tempos e de países, nunca deixou o Instituto do Sagrado Coração de Maria de iniciar as educandas na doce arte de bem-fazer. E assim, as Religiosas com a sua dedicação pelas obras populares, as alunas com os seus donativos e cooperação, outra recompensa não ambicionam senão dar ao Coração divino a consolação de ver que, por seu intermédio, também **os pobres são evangelizados...**

XI

Já a seara loireja em terras de França



Já a seara loireja em terras de França

MEIO século havia de decorrer antes que o Instituto do Sagrado Coração de Maria empreendesse, em França — seu berço natal —, a *primeira* fundação!

Já em vida da Madre S. João, o Colégio de Béziers atingia a maior prosperidade. 140 internas enchiam de animação o vasto estabelecimento, considerado um dos melhores da região. Porque não sucederam a esta outras fundações, se o Instituto iniciara com tanto sucesso a sua tarefa educativa, em terras de França? A acalmia que a *lei Falloux* trouxe aos Católicos, não logrou tranquilizar o Venerando Fundador. Favorecido de luzes especiais, previra, com muitos anos de antecedência, o recrudescimento da perseguição às ordens religiosas e não quisera expor as suas obras a uma ruína certa. E assim, ao passo que estimulava a propagação no estrangeiro, opunha-se, com firmeza, à abertura de casas na sua Pátria. Os acontecimentos provaram a sobrenatural prudência do seu proceder: a lei de 1880 dava um golpe cruel no Catolicismo, em França, encerrando os estabelecimentos de ensino dirigidos por Religiosos e expulsando-os dos seus conventos. Tudo levava a crer que, em breve, a mesma medida iníqua viria atingir as Comunidades femininas. Nestas circunstân-

cias, quem podia pensar em novos empreendimentos?

Correram os anos... Em 1893, a tempestade parecia amainada. Governava então o Instituto a Madre S. Félix Maymard.

Franzina de corpo mas enérgica de alma, desenvolveu extraordinária actividade na missão de Superiora Geral, que desempenhou de 1878 a 1905. Tinha entrado em religião a 15 de Setembro de 1849, trazendo como dote os seus esperançosos 18 anos e as eminentes qualidades que havia de manifestar em toda a sua pujança, durante o longo governo. Teve a consolação de tomar o hábito e de fazer a profissão com a Madre S. João e as suas primeiras companheiras. Por esse facto, foi sempre tida (juntamente com a Madre S. Cipriano Froment) como uma das cinco *Fundadoras* do Instituto.

A instâncias suas, o Padre Maymard, seu irmão e dedicado companheiro de apostolado do venerando Fundador, escreveu a primeira biografia do Padre Gailhac. (1)

COLÉGIOS DE ROMANS E DE CAMBRAI

Tendo-lhe sido oferecida a sucessão dum conceituado estabelecimento de ensino em *Romans* (Bourgnon-de-Péage, Drôme), a Madre S. Félix abalançou-se a iniciar a expansão em França. Como a experiência desse bom resultado, animou-se a construir um edificio moderno e higiénico, para substituir o primitivo. Pouco tempo o gozaram... O vendaval revolucionário de 1902-1903, destruiu tão belas esperanças e a casa de Romans teve de fechar para não mais abrir!

Por especial protecção do Céu, o Colégio de

(1) — P. Maymard, «Rev. P. Gailhac — sa vie et ses œuvres», Béziers, 1894 (obra esgotada).

Béziers ainda funcionou até 1906. Obrigaram as circunstâncias a passá-lo a mãos seculares durante os anos mais críticos mas, pelas alturas de 1922, as religiosas tomavam, de novo, a sua direcção e o «Cours Saint Jean» voltava a gozar a prosperidade dos tempos antigos.

Antes da guerra de 1914, e já sob o governo da Madre Santa Constança Farret, fundava-se em *Cambrai* (Nord), a «Institution Jeanne d'Arc», para educação de meninas. Esta audaciosa tentativa custou às religiosas o sacrificio da secularização e o constrangimento de certas medidas de prudência, que as dificuldades dos tempos impunham, mas o Colégio foi por diante e assinalou-se entre os estabelecimentos de ensino daquela importante cidade do Norte.

Sempre que a guerra assola a França, Cambrai é das primeiras localidades a ser martirizada. Nem os perigos nem as duras privações sofridas nas duas invasões de 1914 e 1939, conseguiram afastar as religiosas do seu pósto. Neste, como nos demais Colégios franceses do «Sagrado Coração de Maria», as alunas seguem os estudos até ao «Baccalauréat» (diploma do curso secundário) ou «Brevet Supérieur».

Em Cambrai, possui também o Instituto o «Foyer Sainte Thérèse de l'Enfant Jésus», obra simpática e próspera, de que tomou conta há poucos anos.

À Madre Santa Constança Ferret se deve o impulso vigoroso que levou o Instituto até ao Norte da França. Eleita Superiora Geral em 1905, quando tão graves acontecimentos políticos perturbavam o país e lhe faziam temer o exílio para as religiosas da Casa-Mãe, não perde a serenidade nem a confiança. Mantém, a despeito de tôdas as dificuldades, as obras existentes e dá comêço a outras. Natural de Béziers e primorosamente educada no «Cours Saint Jean», dera já mostras de invencível constância, quando se tratou da sua entrada em religião, pois teve que arrostar

com a mais tenaz opposição por parte da sua extremosa familia. Daí lhe veio o nome simbólico de «Sainte Constance», que o Fundador lhe deu, na tomada de hábito.

Nomeada Mestra de Noviças, na «Casa-Mãe», por suas mãos passaram não poucas religiosas que, mais tarde, se evidenciaram no desempenho de cargos de responsabilidade. (1) Como aquella outra exímia plasmadora de almas, que foi a saúdosa Madre S. Calixto Hughes, sabia imprimir o cunho duma forte e sobrenatural formação às suas noviças. (2)

Espirito culto e largo, governou o Instituto com acêrto, durante 21 anos. Teve como colaboradora inteligente e incansável, nos cargos de Economa Geral e, depois, de Primeira Assistente Geral da Congregação, a Madre, Maria Aloysius Hoey. A esta Madre havia de caber, durante a Guerra Mundial, a pesada tarefa de governar, por sua vez, o Instituto, como Vigária Geral, até que a cessação das hostilidades permitisse a eleição da sucessora da Madre Maria José Butler.

MARYMOUNT EM PARIS

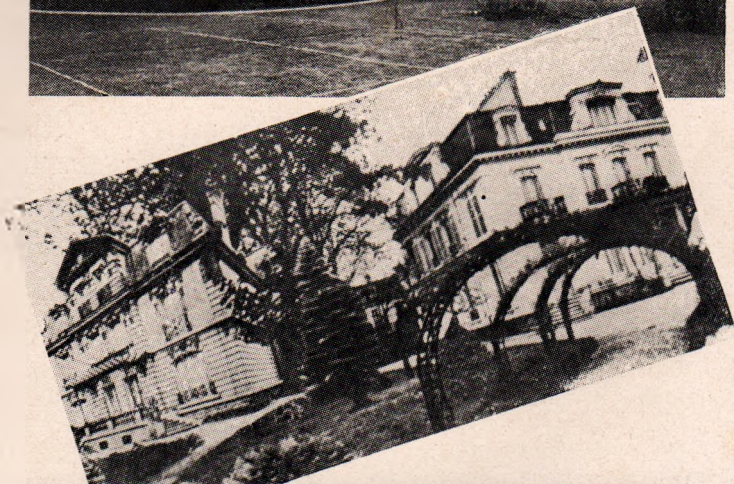
Naquele escaldante mês de Julho de 1921, duas religiosas, extenuadas de cansaço, foram refugiar-se, em prece ardente, junto de Nossa Senhora das Vitórias.

Traziam os pés doridos das caminhadas através da imensa cidade e o coração apreensivo e triste pelas dificuldades que anteviam à realização da sua empresa...

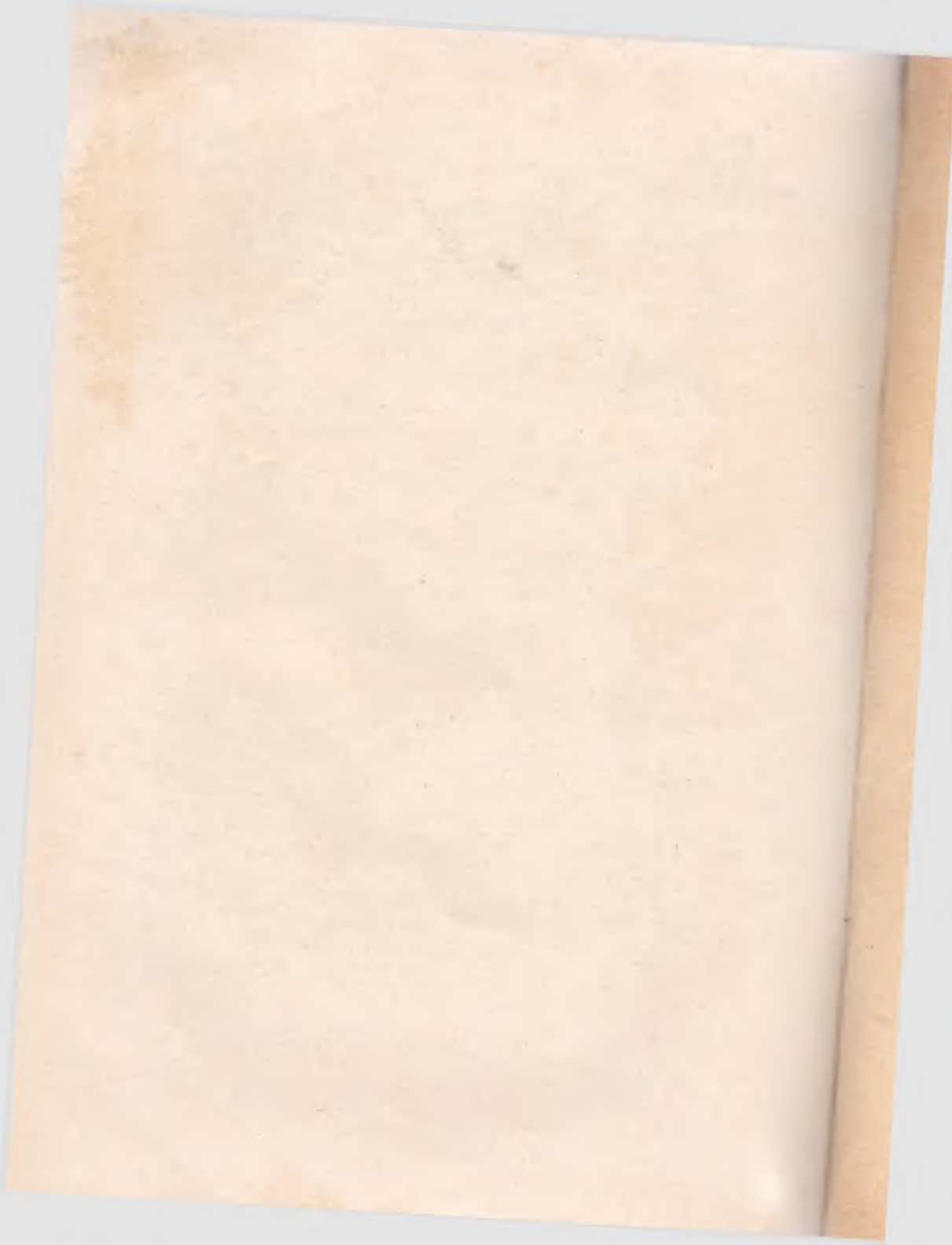
— Não seria da vontade de Deus que abrissem

(1) — Merecem especial menção as Madres Maria Aloysius Hoey, Maria da Eucaristia Lencastre, Maria Gerardo Phelan e Maria Gabriel White (mestra de Noviças, na «Casa-Mãe», desde 1919).

(2) — A Madre S. Calixto deixou grata memória entre as numerosas alunas que educou no «Colégio Inglês», do Pôrto.



1. Londres — Lourdes Mount — Colégio
2. Paris — Mariemont — Colégio e Lar
3. Roma — Mariamonte — Colégio e Lar



uma casa em Paris? — interrogava, ansiosamente, a Madre Maria José Butler.

Que havia de responder-lhe a companheira — a Madre Maria Gerardo Phelan, sempre tão optimista — se tudo parecia vir ao encontro dos apostólicos projectos que as trouxera de Nova Iorque a Paris?... Tinham planeado abrir um «Lar» para as estudantes dos Colégios americanos que desejavam completar os estudos em Paris. Não lhes sofria o coração continuar a ver as suas queridas *pequenas* alojadas em pensões nem sempre recomendáveis e entregues a si-mesmas, na grande Capital.

O negócio confiado ao Coração maternal de Nossa Senhora das Vitórias, teve, dias depois, despacho favorável: Sua Eminência concedia a desejada autorização!

Mas não aparecia casa...

Por êste motivo, ficou a fundação adiada uns anos. Em 1923, a Madre Maria José regressava, de novo, à Europa e tinha, finalmente, a satisfação de instalar as suas estudantes da América em edificio espaçoso, rodeado de jardins, no aristocrático bairro de *Neuilly*, mesmo às portas de *Paris*.

Tomou êste «Lar» o nome de «Mariemont», em memória do Colégio que lhe deu nascimento.

Dentro em pouco, o «Colégio Americano», como lhe chamavam em *Neuilly*, começou a ser procurado por famílias francesas, que desejavam que as religiosas se encarregassem da educação de suas filhas. Estava à venda uma propriedade contigua a «Mariemont». Trataram de a adquirir e, em 1936, abria o novo Colégio.

Quando sobreveio a Guerra Mundial, tinha já animadora freqüência, que não cessou de aumentar, mesmo durante a ocupação alemã, impondo-se a ampliação do edificio.

«Mariemont» mereceu a honra duma visita do

Cardeal Spellman, de Nova Iorque, por ocasião da viagem que fez à Europa, em Setembro de 1944, após a libertação de Paris.

FOYER SACRÉ-CŒUR DE MARIE, RENNES

Sob o alto patrocínio de Mgr. Mignen — grande amigo da Congregação que, havia pouco, passara da Diocese de Montpellier para aquêlê Arcebispado — abriu o novo «Lar». Anunciava-se prometedor o seu futuro. Estabelecimento modelar, expressamente construído para o fim a que as religiosas o destinavam, tinha 65 quartos confortáveis e alegres, para receber as jovens estudantes que afluíam a freqüentar a Academia e a Universidade da histórica cidade bretã.

Expulsas do «Lar», durante a ocupação alemã, algumas irmãs refugiaram-se numa habitação pobre, onde não lhes faltaram alarmes e privações, regressando à sua casa, logo que, por sua vez, dela saíram os invasores. Destruída, em parte, pelos bombardeamentos, exigia custosas reparações. Não desanima a corajosa Madre Santa Maria Boisseson, Superiora de Rennes. Lança um apêlo à generosidade das alunas dos Colégios americanos e começa a levantar as ruínas!

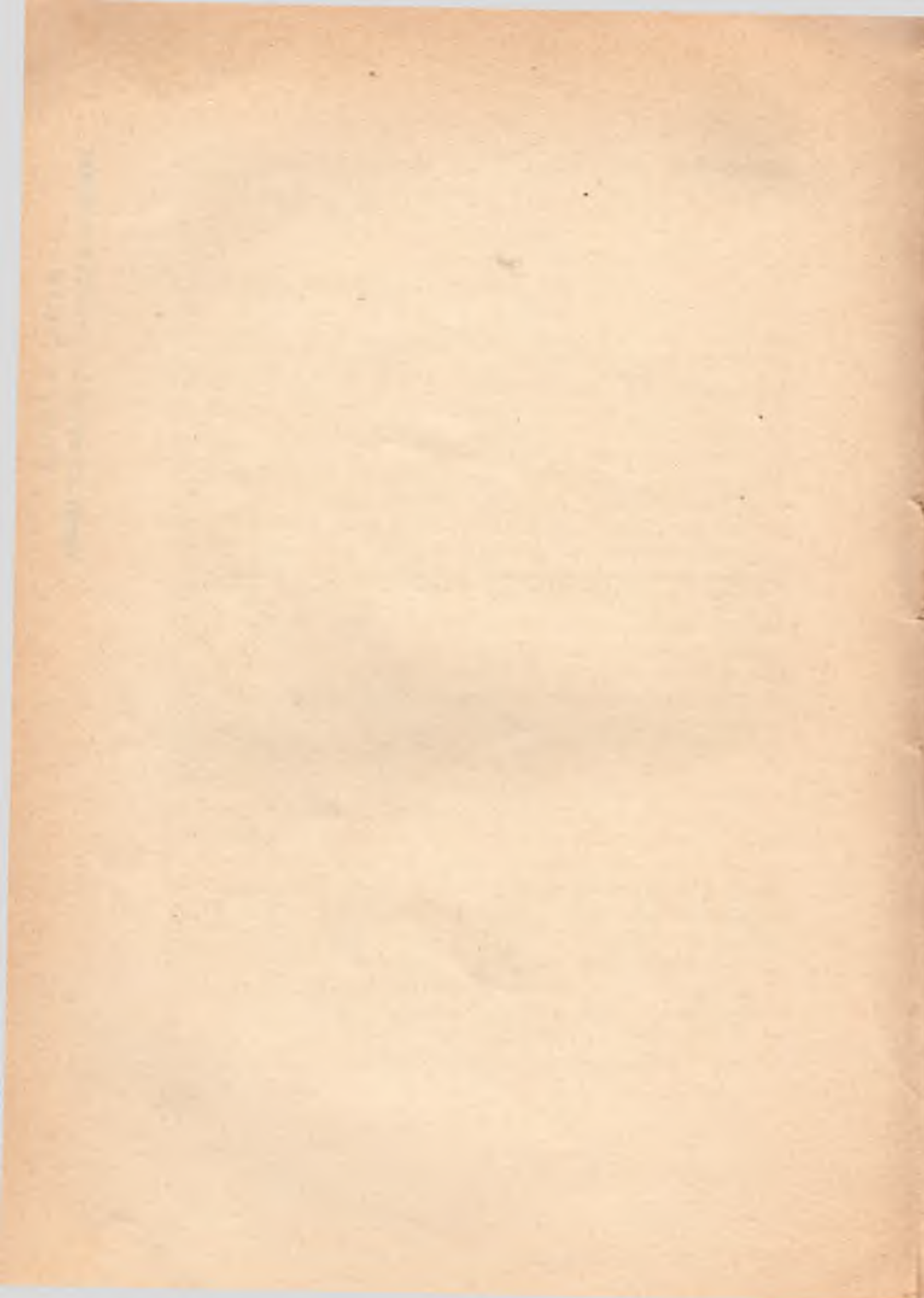
Também a gloriosa Pátria de S. Luís e de S.^{ta} Joana d'Arc — tão rudemente açoitada por êsse temporal que a impiedade, o Comunismo e a guerra desencadearam para a destruir — hoje se ergue, de entre as ruínas, purificada e esperançosa!

Volta a Roma a «Filha primogênita da Igreja»... e as almas voltam a Cristo...

Já a seara loireja em terras de França!

XII

Todos os caminhos vão dar a Roma...



Todos os caminhos vão dar a Roma...

PELO verbo inspirado dum Profeta da Antiga Lei, revelou-nos o Senhor *que os seus pensamentos e os Seus caminhos não eram os nossos, mas que estavam tão acima dos caminhos e dos pensamentos do homem quanto o Céu estava acima da Terra...* (1)

Na Semana Santa de 1926, partia para Deus a Madre Santa Constança. Sucedia-lhe, no cargo de Superiora Geral, a Madre Maria José Butler. Mal diria ela, ao encaminhar-se para Roma, logo após a sua eleição, que dava os primeiros passos para uma fundação na Cidade Eterna!

Acolhe-a benignamente Sua Santidade Pio XI, a cujos pés se prostra, em filial e respeitosa homenagem.

O Cardeal Protector do Instituto — que era, ao tempo, o Cardeal Vannutelli — recebe-a cordialmente e insta para que abra ali um Colégio. Já se conheciam desde 1895, ano em que Sua Eminência visitara, como Núncio, o «Colégio Inglês» de Braga, e haviam reatado as relações numa visita que o ilustre purpurado fizera, mais tarde, a «Marymount». A Madre Maria José acede, gostosamente, às instâncias feitas, pro-

(1) — Isaias. 55, 8.

metendo ocupar-se do projecto na Primavera seguinte.

Começava a divisar-se, no horizonte, a fundação de Roma...

Entretanto, negócios urgentes chamavam à América a nova Superiora Geral.

Ao chegar à vista do pôrto de Nova Iorque, nota movimento desusado no cais de desembarque: cordões de policia, «Cavaleiros de Colombo», de grande uniforme, pessoas de alta representação no meio religioso e civil daquela cidade. Perdidas no meio dessa ilustre assembléia, avista também algumas das suas religiosas. E a boa Madre Geral, na sua grande simplicidade, pergunta-se a si mesma qual seria a importante personagem que viajava sob tão rigoroso incógnito, que não se dera a conhecer aos passageiros.

Indescritível o seu espanto ao aperceber-se de que a imponente recepção a aguardava precisamente a ela!...

Irlandesa por nascimento, era todavia súbdita dos Estados-Unidos por naturalização. A sua recente nomeação tomava relêvo, aos olhos das autoridades, por ser a Madre Butler a *primeira americana* que ascendia ao cargo de Superiora Geral, num Instituto religioso *internacional*. Longo cortejo de automóveis, embandeirados com o pavilhão Pontificio e Americano, acompanhou a humilde religiosa até Marymount, onde teve ainda mais solene recepção, presidida pelo Cardeal Arcebispo de Nova Iorque!

Por especial concessão da Santa Sé, continuava a residir nos Estados-Unidos, onde importantes emprehendimentos requeriam, durante algum tempo, a sua habitual assistência.

COLÉGIO DE ROMA

— «Que bom que é ter casa própria em Roma, Deus seja louvado! Será sonho ou realidade?» escrevia, em 1930, a Madre Maria José.

Mas, quantos cuidados e canseiras para chegar a converter em realidade êsse sonho lindo! Depois de fatigantes caminhadas — que lhe fariam lembrar as de Paris — só encontrou uma casa que a satisfizesse plenamente: um palacete de construção moderna, na via Nomentana. Assustou-a o preço e regressou à América, sem se atrever a tomar uma resolução.

Volta a Roma, em 1929, e tem a consolação de ser recebida pelo Santo Padre. Depois da audiência concedida à Madre Geral, Sua Santidade digna-se abençoar um grupo de estudantes universitárias, de Marymount, que a tinham acompanhado à Cidade eterna. As suas togas académicas fizeram sensação no Vaticano! Era a primeira vez que se admitiam senhoras à presença do Papa, sem o traje convencional.

O Soberano Pontífice aprovava calorosamente o projecto da fundação em Roma. Alma de fé intemperata, a Madre Maria José corta com as hesitações que a tinham detido até àquêl dia, e adquire a propriedade da Via Nomentana. «É a mais linda casa do Instituto», diziam-lhe os seus amigos romanos, para a animar.

Sim, Roma merecia todos os sacrificios. E a Madre Geral bem compreendia que esta fundação havia de ser de inestimável valor para a administração do Instituto, e um laço entre a Casa-Mãe de Béziers — berço querido da Congregação — e a autoridade da Santa Sé. Mas era tão pesado o compromisso financeiro que sôbre si tomara, que escreve, aflita, para Marymount:

— «Foi grande o *mergulho*. Deus bem o sabe. Temos que contar pura e unicamente com Êle e com a sua bendita Mãe!»

Esta confiança tão absoluta foi recompensada com a mais agradável das surpresas: Como prenda das suas «Bodas de oiro» de Profissão, que ocorriam naquele ano, combinaram tôdas as Comunidades do «Sagrado Coração de Maria», presentear a Madre Geral com o custo da casa de Roma.

Foi já sem sombra de cuidados e inteiramente entregue à íntima alegria de ver a sua Congregação abrigada à sombra do Vaticano que, em Junho de 1931, tomava parte na inauguração oficial de «Maria-monte».

Dias depois, tinha a ventura de ouvir dos lábios de Pio XI, no momento em que a abençoava:

— «Dou a minha bênção a cada um dos membros do vosso querido Instituto, a cada casa, e particularmente à *nova fundação romana*. E, num extremo de benevolência, Sua Santidade ajuntava: «Que a minha bênção desça sôbre os vossos nobres trabalhos e também sôbre cada alma que vier a estar ao vosso cuidado e cada membro das vossas famílias. Que tôdas as vossas intenções para a glória de Deus sejam atendidas!»

Preciosas palavras que a Madre Maria José guardou em seu coração, para lhe servirem de viático no laborioso período de nove anos que tinha ainda a viver sôbre a terra...

Por morte do Cardeal Lépicier ⁽¹⁾, o Instituto do Sagrado Coração de Maria, era confiado ao alto patronímio do Cardeal Pacelli. De 1936 a 1939, Sua Eminência tinha prestado à Congregação tão relevantes serviços e dera-lhe mostras de tão paternal afeição

(1) — S. Eminência sucedera ao Cardeal Cerretti no cargo de Protector do Instituto.

que, o temor de perder essa valiosa assistência, vinha entremear-se à felicidade que causava à Madre Geral a elevação do Cardeal Pacelli ao sólio Pontifício.

Acorre a Roma pela derradeira vez — minada já pela doença que, daí a meses, a havia de levar para Deus — e, prostrada aos pés de Pio XII, supplica humildemente:

— «Tenho um grande favor a pedir... se Vossa Santidade se dignasse honrar as Religiosas do Sagrado Coração de Maria continuando a ser o seu Protector?»

— «Se o deseja...» responde o Santo Padre, com bondade. E pede, em troca da graça concedida, especiais orações pela sua augusta pessoa e pela paz.

— «Será para nós um compromisso sagrado», promete a Madre Geral. O Santo Padre suspirou e, com o olhar velado de tristeza, confidencia:

— «É muito pesado o meu cargo, um fardo esmagador, por vezes; preciso de orações para me ajudarem a levá-lo!»

Pressentiria o Papa que era esta a última vez que via a Seus pés a veneranda Madre Maria José? Já tinham passado vinte minutos e a conversa não cessava... Com afabilidade comovedora, Pio XII interessava-se por todos os assuntos referentes ao Instituto, como se fôra apenas o seu Protector e não tivesse agora outros negócios bem mais graves de que ocupar-se.

Lá fora, o «Maestro di Camera», assombrado com a demora da audiência, murmurava, entre dentes:

— «Mas isto é invulgar!»

Tinham acompanhado a Madre Geral ao Vaticano, naquela manhã, várias Provinciais e algumas religiosas do Colégio de Roma e doutras casas. No fim da audiência, o Santo Padre manda-as chamar e dá, a cada uma, a Sua bênção e uma lembrança.

A Madre Maria José retirou-se transfigurada pela

alegria e apressa-se a comunicar a tôdas as suas Comunidades a mercê feita à Congregação.

As religiosas portuguesas — e a suas irmãs brasileiras — transmite a honrosa mensagem que, para elas, recebera do Papa:

*Sua Santidade tinha muito a peito o trabalho
do Instituto no Brasil e em Portugal.
Enviava uma bênção especial
às suas filhas portuguesas e sul-americanas
e assegurava que as Religiosas
do Sagrado Coração de Maria
estavam a trabalhar muito pelas almas
naqueles dois países.*

Maravilhoso cenário de beleza e arte rodeia as educandas de «Mariamonte», em Roma.

À frente da Comunidade, esteve, nos primeiros anos, a Madre Santa Clara Mac Cornick, vinda expressamente da América. Soube imprimir ao ambiente do novo Colégio o cunho de distinção e bom gosto que a fundação requeria, ao mesmo tempo que adaptou ao meio romano os métodos educativos do Instituto.

O visitante que percorre as instalações luxuosas e confortáveis reservadas às alunas, poderá, talvez, ficar surpreendido por ver que, em tão principesca moradia, habitam também religiosas. Mas, logo se lhe desfaz a impressão desfavorável ao saber que obedeceram a expressa sugestão do Vaticano destinando o Colégio à educação de jovens das classes mais elevadas.

E assim, tudo ali está em harmonia — habitação, regime e educação — para atingir o fim que se tinha em vista ao empreender a fundação.

Não foi dos mais curtos o caminho que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria tomaram, até entrarem na cidade Eterna, pela histórica *via Nomentana*: Béziers, Nova Iorque, Paris, Roma... pouco menos dum século de lento peregrinar pelo Velho e Novo Mundo!

Mas, uma vez mais, se verificou o acerto do provérbio: **«todos os caminhos vão dar a Roma»...**

XIII

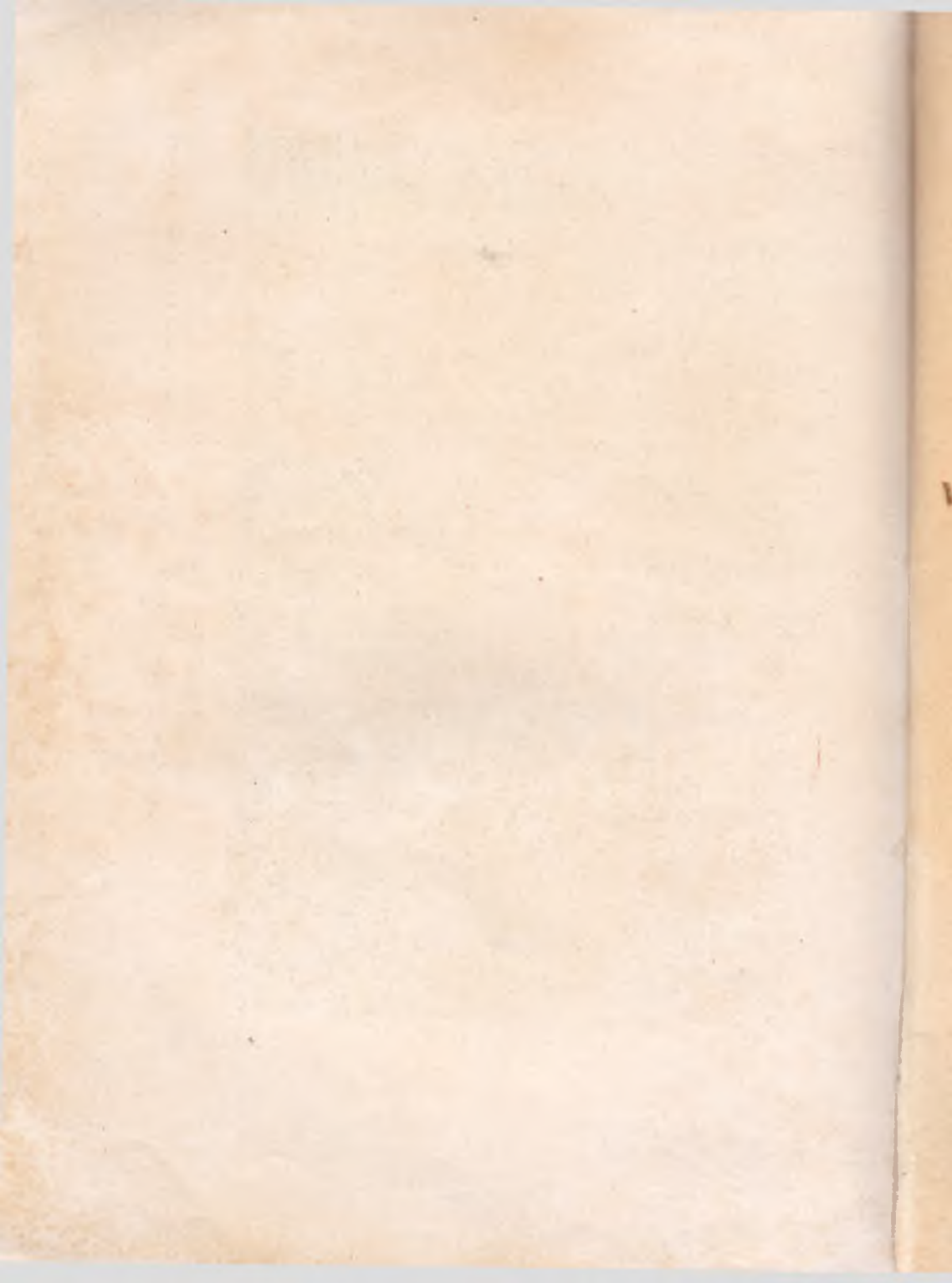
Na forja das almas...

!



CASA-MÃE — BÉZIERS — FRANÇA

É o Noviciado a forja onde se prepara a alma da religiosa-educadora, para a sua missão futura...



XIII

Na forja das almas...

É o Noviciado a *forja* onde se prepara a alma da religiosa-educadora, para a sua missão futura. No Instituto do Sagrado Coração de Maria essa preparação é demorada e laboriosa. Cerca de sete anos se passam, desde o *postulantado* — que é o primeiro passo — até à *profissão perpétua* — última e definitiva consagração.

Mas, antes da jovem aspirante dar entrada no Noviciado, já um trabalho preliminar se havia operado na sua alma, sob a acção infável de Deus: a *vocação à vida religiosa*.

«Não fostes vós que me escolhestes mas fui *Eu* que vos escolhi a vós...» (1) disse Jesus Cristo aos seus Apóstolos e repete-o, no decurso dos séculos, às almas que vai chamando a um estado de perfeição. E quem attribuisse tal resolução a influências puramente humanas ou a devaneios de ordem sentimental, revelaria ignorância da *psicologia sobrenatural* de tão delicado problema da vida espiritual. A vocação é sempre *dom do Alto* e o Amor é, inquestionavelmente, o seu factor principal. Amor de Deus, que olhou com predilecção para aquela alma e que a chamou a tão alta dignidade. Amor da alma, que correspon-

(1) — S. João, XV, 16.

deu fielmente ao chamamento divino, pronta a segui-lo à custa do sacrificio de tudo o que, no mundo, lhe era mais querido. Acontece, porém, que a graça da vocação nem sempre vem acompanhada duma indicação clara da *Ordem* ou *Congregação* onde a aspirante deve servir a Deus. Neste caso, é o atractivo pessoal (juntamente com outras circunstâncias providenciais) que, ordinariamente, determina a vontade na escolha daquele Instituto religioso que melhor lhe parece concretizar o seu ideal de perfeição.

E eis chegado o momento emocionante da partida... Aos ouvidos da jovem aspirante, ressoa a generosa promessa do Salvador:

«Todo o que deixar a casa, ou os irmãos, ou o pai ou a mãe, por causa do meu nome, receberá o cêntuplo e possuirá a vida eterna». (1)

Mas, Senhor — ousará, talvez, perguntar — nesse lar que honrastes com a escolha de um membro seu para o vosso divino serviço, ficaram corações a sangrar de saudade... Não há recompensa para *os que ficam*, Senhor?... No fundo da alma, dulcíssima resposta se faz então ouvir à ansiosa interrogação:

— Sim, do cêntuplo que vais receber — tu, a eleita de Deus —, repartirás com êles às mãos cheias e a bênção do Céu, fruto da tua generosa imolação, acompanhará os teus, pela vida fora!

Uma vez a dentro das portas do convento, começa para a postulante a iniciação da vida religiosa. Neste Instituto, cada *Provincia* tem o seu Noviciado canonicamente erecto mas, em todos os países se mantém a tradição de conceder, a alguns dos seus membros, o privilégio de passar o tempo da formação no Noviciado de Béziers. O que o lar paterno é para os filhos, é a «Casa-Mãe» para a religiosa. Reli-

(1) — S. Mateus, XIX, 29.

cário de preciosas lembranças, ali perdura o mais genuíno espírito do Instituto. Nesses lugares que, em vida, santificaram com as suas dores e trabalhos, repousam agora, na morte, os corpos dos venerandos Fundadores. Mas, no *berço* da Congregação, é ainda tão viva a sua memória e tão penetrante o perfume das suas virtudes, que a noviça tem a impressão de que segue, passo a passo, o luminoso rasto das Suas figuras queridas...

Com justificada razão encarecem, pois, as *Constituições* a missão providencial da «Casa-Mãe», comparando-a à *«cêpa que comunica às outras casas a seiva forte e fecunda da perfeição.* (1)

O Noviciado português que, depois da expulsão dos religiosos, em 1910, fôra transferido para Tuy, voltou a erigir-se no nosso País, em 1933. A resolução foi oportuna. Em Tuy, a casa era pequena, acanhados os limites do quintalzinho, excessivas as privações... Para mais, o vento da perseguição soprava então das bandas de Espanha; estava-se em pleno terror vermelho... Em Guimarães, encontraram as noviças abrigo seguro e superiores vantagens, tanto de ordem espiritual como material.

Numa situação admirável, cercado de lindos jardins e de campos férteis, com vista extensa sôbre os arredores da histórica cidade — a cujas portas está situado — o palácio dos Condes de Vila Pouca prestava-se, maravilhosamente, aos fins a que ia destinar-se.

O vasto salão de baile — hoje transformado em capela — voltou a presenciar festas não menos atraentes do que essas outras que, em tempos recentes ainda, ali se tinham dado. Se o cenário mudou e mudaram os convidados, todavia, a estas jovens que hoje vemos tomar parte em comoventes cerimónias, não sorri menos a vida, nem as dotou o Senhor com menos

(1) — Regra n.º 73.

qualidades naturais do que a tantas outras cuja silhueta graciosa se reflectia, outrora, nos espelhos de cristal... Sômente, porque sôbre elas poisou, complacente, o olhar divino e aspiraram a coisas mais altas, os compromissos tomados junto ao altar têm sabor a Paraíso e duração de Eternidade!

«Mas não basta ter encontrado oiro depois de muitas fadigas: é preciso purificá-lo. A graça da vocação religiosa é oiro mais precioso, mais raro que todo o oiro do mundo: é oiro do Céu! Importa, pois, que essa alma se purifique de tudo o que nela resta de terrestre, de natural, de humano; é a primeira purificação que opera o *postulantado*». (1) Terminado êste tempo de provação inicial (que não deve durar menos de seis meses), tem lugar um retiro de dez dias e, logo a seguir, a cerimónia da «Vestição». A postulante apresenta-se junto ao altar e, depois de trocado impressionante diálogo com o Celebrante, sai, por breves momentos. «Vai deixar um traje que se assemelha ainda aos do mundo e revestir-se dum hábito santificado pelas orações e pelas bênçãos da Igreja, dum hábito com as *côres de Maria*. (2) E como foi no seio de Maria que o Filho de Deus se tornou Jesus, ou Salvador do mundo, é também sob as côres de Maria que ela fica plenamente revestida de Jesus, associada à obra da Redenção.»

Quando entra na capela, cobre-a longo véu branco. O côro vai salmodiando melodiosamente:

«Regnum mundi et omne ornatum
saeculi contempsi, propter amorem
Domini mei, Jesu Christi». (3)

(1) — Esta citação, assim como as demais que, neste capítulo, não tiverem indicação do autor, são tiradas dos escritos do Rev. P. Gailhaac, reunidos no volume «*La vie religieuse*» (Lille, 1937).

(2) — O hábito é *azul*, com toucado e romeira de linho *branco*.

(3) — «Desprezei o mundo e todas as suas vaidades por amor do meu Senhor Jesus Cristo».

A noviça prostra-se, uma vez mais, junto ao altar e a cerimónia prossegue, cheia de espiritual encanto.

Ressoam agora as notas vibrantes da formosa antífona repetida entre cada versículo:

«Quem vidi, quem amavi, in quem
crédidi, quem dilexi!!» (1)

Que bem se adaptam estas palavras aos sentimentos de entusiasmo e alegria que inundam a alma da noviça, no dia do seu místico «noivado» com Cristo! «É que a tomada de hábito» — como diz o venerando Fundador — «não é uma pura cerimónia, uma simples mudança de traje; é um símbolo misterioso, é a expressão da transformação celeste já começada e que vai consumir-se sob este novo hábito».

Símbolo expressivo dessa *transformação celeste*. é também a imposição do nome de religião, que a noviça fica doravante a usar.

Pela vestição, se dá início ao *Noviciado* propriamente dito. Êste tempo é destinado a mais intensiva formação religiosa e cuidada preparação para a futura missão de educadora. As *Constituições* são o objecto principal do estudo da noviça. Estas, têm por base a Regra de Santo Agostinho e foram redigidas pelo Padre Gailhac com suma prudência, conhecimento profundo das exigências do estado religioso e grande experiência dos caminhos da vida espiritual. Para êste trabalho, tomou, como modelo e guia, Santo Inácio de Loiola. No ano seguinte ao da fundação do Instituto, já êle entregava as Constituições ao Bispo de Montpellier, que as aprovou a 8 de Abril de 1850, com ulterior confirmação pela Santa Sé, em 1873. Depois duma segunda aprovação em 1880, S. S. Leão XIII concedia-lhes aprovação definitiva em

(1) — «A quem vi, a quem amei, em quem confiei, a quem dei todo o meu amor».

1899. O Instituto do Sagrado Coração de Maria é, pois, de direito Pontifício.

«Procurar a glória de Deus, não somente pela santificação pessoal dos seus membros mas também pela salvação do próximo». (1) consagrando-se à educação cristã da juventude feminina, é o seu fim.

No espírito de fé e no zelo ardente pela salvação das almas consiste sobretudo o seu espírito. (2) O espírito de fé «deve tornar a alma indiferente para tudo, excepto Deus, o seu amor e a sua glória». O espírito de zelo «leva-a a comunicar a tudo o que a rodeia o amor divino de que está abrasada». «Embora a virtude do zelo seja inerente à vida religiosa» — comenta o Fundador, dirigindo-se às suas filhas — não conheço, no entanto, nenhum Instituto que o faça entrar no voto de Obediência, como vós o fazeis, para imitar mais particularmente a Jesus Cristo».

Como não pode haver irradiação apostólica sem intensa vida interior, tudo converge, nas Constituições, para fomentá-la nas religiosas:

Cada dia, logo após o levantar, orações da manhã, meditação, a santa Missa e a Comunhão; pelo dia adiante, o têrço do Rosário, leitura espiritual, vários exercícios de piedade; pelo fim da tarde, a adoração do Santíssimo Sacramento, — «a hora do coração», como lhe chamava o Padre Gailhac.

Nos Domingos, nas festas de preceito e nas festas de Nossa Senhora e de S. José, as Irmãs de côro salmodiam em comum o officio menor da Santíssima Virgem. Nesses mesmos dias, as Irmãs conversas rezam outro têrço em vez do Officio. (3)

Além do retiro mensal, têm todos os anos os «exer-

(1) — Regra n.º 1.

(2) — Regras n.ºs 3 e 5.

(3) — No Instituto do S. C. de Maria, as Irmãs de côro e as Irmãs Conversas fazem os mesmos votos mas diferem entre si pelos officios e pelo Hábito. Umas, occupam-se, geralmente, na educação das meninas, e dirigem as obras a que se dedica o Instituto; as outras, applicam-se especialmente aos trabalhos domésticos da Comunidade. (Regras n.ºs 447 e 448).

cícios espirituais», durante oito dias. E as *Constituições* recomendam às Irmãs «o amor à oração, à presença de Deus, à vida interior. Devem sobretudo, aplicar-se a aumentar nos seus corações o amor do divino Salvador e a só achar alegria e satisfação nêsse amor». (1)

Esta regra é um eco das exortações familiares do Fundador. Se acaso encontrava alguma noviça, nos corredores da «Casa-Mãe», era costume seu perguntar-lhe, fitando-a com o seu olhar bondoso e penetrante:

— «É com todo o coração que ama o Nosso Senhor? E a santa Regra? Cumpre-a bem?»

E se lhe apercebia alguma nuvem na fisionomia:
— «Tem alguma coisa que lhe faça pena, minha filha?»

A noviça respondia, confiante, e continuava o seu caminho com uma alma nova: levava o conselho e a bênção dum santo!

«Cultivai uma terna devoção à Mãe de Deus: ela vos levará ao cume da santidade», recomendava instantemente, e foi a sua ternura filial para com Nossa Senhora que o levou a consagrar o Instituto ao Seu Sagrado Coração e a dar-lhe por divisa a máxima:

«Tudo para Jesus por Maria!»

O ano de provação está a chegar ao seu termo... Que breves parecem à noviça aquêles doze meses — infância da sua vida religiosa — em que o estudo, o trabalho e os recreios amenizavam os exercícios austeros do Noviciado e as obrigações impostas pelas Regras! Desejava o Padre Gailhac que «a noviça fôsse iniciada no conhecimento e na prática das *Constituições* com firmeza evangélica, encontrando, ao mesmo tempo, nas Superiores ternura mais que maternal». A vida das antigas Madres é exemplo persuasivo dêste «*espírito de mansidão e da caridade*» (2) que tão

(1) — Regra n.º 63.

(2) — Regra n.º 472.

admiravelmente se harmoniza com a *firmeza de carácter*. Não é menos edificante o exemplo de algumas Madres nossas contemporâneas. Da saudável Madre Maria José Butler se contam, entre muitos outros, os seguintes factos:

Certo dia, encontra-se com uma noviça que estava ainda convalescente duma forte gripe, e pergunta-lhe para onde vai.

— «Para a capela, minha Madre».

— «Do sol que Deus Nosso Senhor fêz é que a Irmã precisa! Diga-lhe, quando passar pelo Oratório, que está constipada e que vai adorá-lo lá fora, nas belezas da Sua natureza». E a noviça lá foi até ao Parque, fazer a sua adoração... (1)

Noutra ocasião (era dia de festa e estava cheia de ocupações), repara que uma noviça não tivera ninguém da família a assistir à cerimónia da Profissão. Manda-a chamar:

— «Se a sua boa Mãe aqui estivesse agora, não deixava de lhe dar um lindo presente». E entrega-lhe uma caixa de doce — especialidade francesa — dizendo-lhe que fôsse saboreá-lo alegremente com as companheiras do Noviciado... (2)

Com a Madre Maria de Aquino Vieira Ribeiro, se passaram dois casos que não são menos sugestivos:

Quando estava no Rio, tendo negócio urgente a tratar, levou para a acompanhar uma religiosa, a quem grave preocupação atribulava, nesse dia. Quando atravessavam de automóvel a Avenida Beira-Mar, a irmã deslumbrada com a beleza do espectáculo, exclamou:

— «Parece que o coração se dilata ao contemplar esta natureza!» A Madre Maria de Aquino (apesar da pressa que tinha de chegar a casa), imediatamente segreda ao motorista:

(1) e (2) — «Mother Butler of Marymount» by Katherine Burton (New York, 1944). Este livro, menos de um ano após a sua publicação, já ia na 3.ª edição.

— «Ande mais devagar e dê duas voltas pela Avenida» e, virando-se para a companheira, diz-lhe baixinho, com um sorriso:

— «Vamos dilatar o coração!»

As doentes mereciam-lhe os maiores desvelos e visitava-as amiudadas vezes. Como uma das religiosas lhe manifestasse confusão pelas despesas que ocasionava, cortou-lhe a frase com estas palavras:

— «Minha filha, o dinheiro só vale quando por êle podemos fazer algum bem. Nunca choro o que gasto para alivio das doentes». (1)

Mas sendo tão benévolas estas duas santas Religiosas, contudo, mostravam-se extremamente exigentes no que tocasse ao cumprimento das *Constituições*, como o prova, por exemplo, o seguinte episódio ocorrido com a Madre Maria José:

Em dada ocasião, uma noviça, tôda assustada e pesarosa, vem contar-lhe um desastre que lhe tinha acontecido e que representava não pequeno prejuízo para a Comunidade... Ficou séria, um instante, mas logo, encarando a pobre irmã com um sorriso tranquilizador, disse:

— «Antes queria ver tôda a loiça *quebrada* do que saber que tinha *quebrado* um só ponto da santa Regra». (2)

Raiou, finalmente, o suspirado dia da *Profissão*... A noviça é então admitida a votos anuais, durante dois anos; terminado êste prazo, faz votos por três anos e, *expirados êstes*, poderá unir-se *para sempre* a Deus, por meio da *Profissão perpétua*. Um retiro de dez dias vem completar a sua preparação para o *grande dia*. Porque «a *Profissão*» — como disse o Padre Gailhac — «é o acto mais celeste, mais perfeito e mais divino que a criatura pode fazer».

(1) — «Vida edificante da Rev. M. Maria de Aquino Vieira Ribeiro» (Rio de Janeiro, 1938).

(2) — Obra citada. Na língua Inglesa, tem outro sabor o jôgo de palavras com o verbo «to break».

E agora é chegado o momento de partir para as lides apostólicas...

Como insígnia de Profissão, leva ao peito um coração e uma cruz de prata, pendentés duma corrente:

Nesta *cruz* (em que propositadamente não figura o divino Crucificado), terá ela própria que crucificar-se...

No *coração*, com as efigies do Salvador e da Virgém Santíssima gravadas em relêvo e nas palavras que nêle se lêem («Ego veni ut vitam habeant»), (1) verá o modêlo da sua vida apostólica...

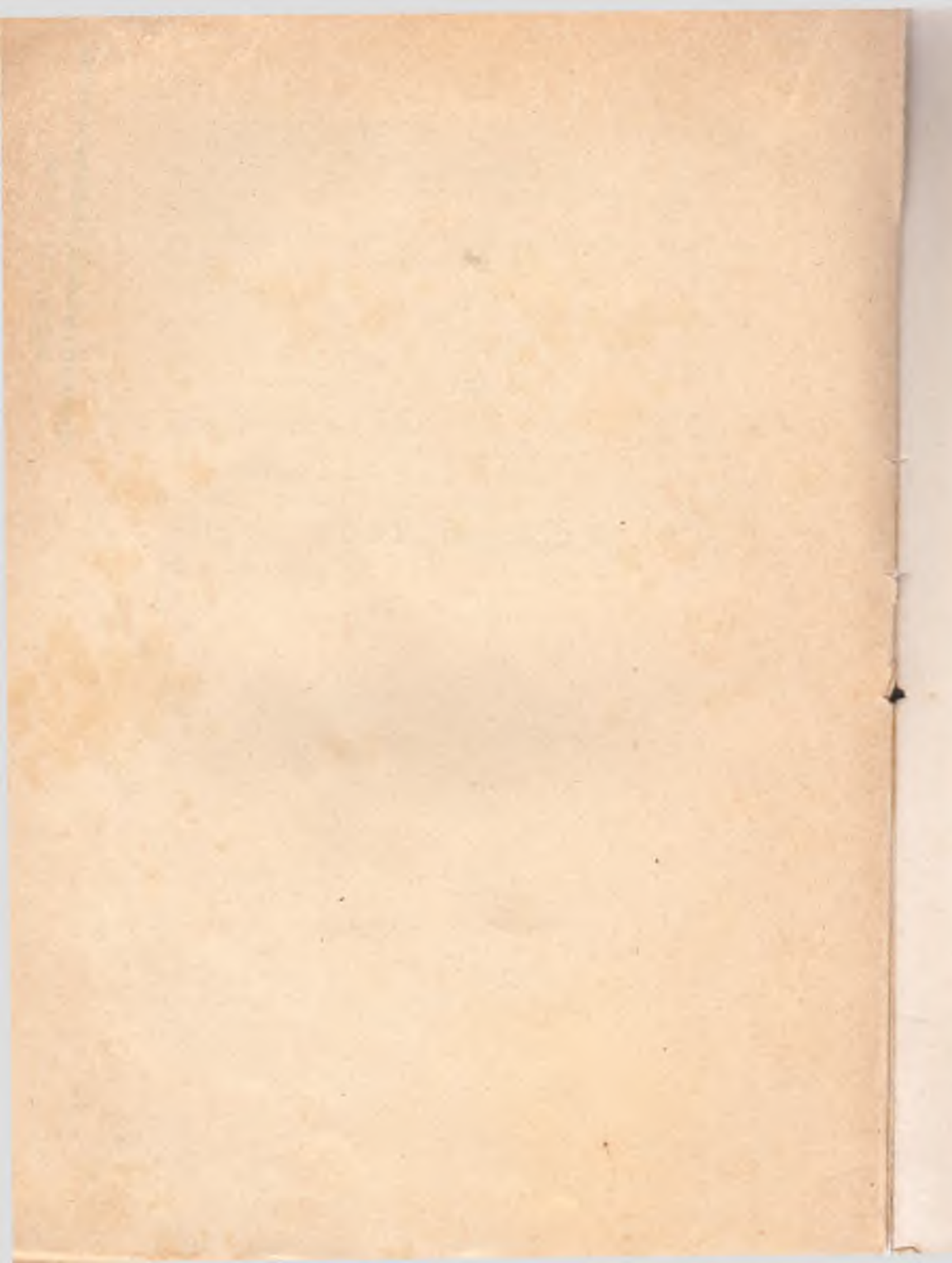
Na *corrente* (símbolo dos votos que a prendem a Deus), há-de encontrar estímulo suave para aquêlê «afastamento do mundo» que a Regra lhe preceitua...

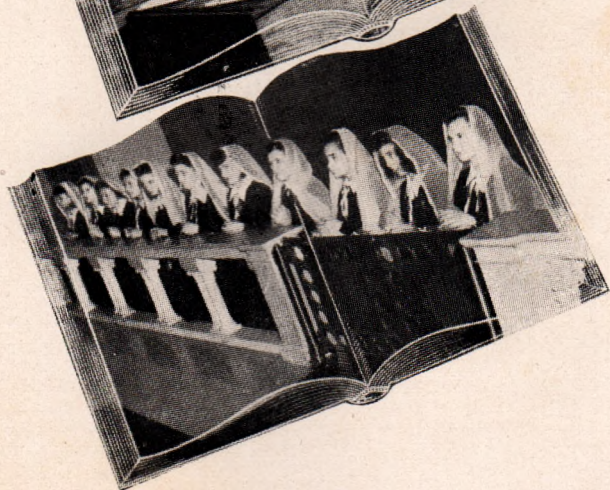
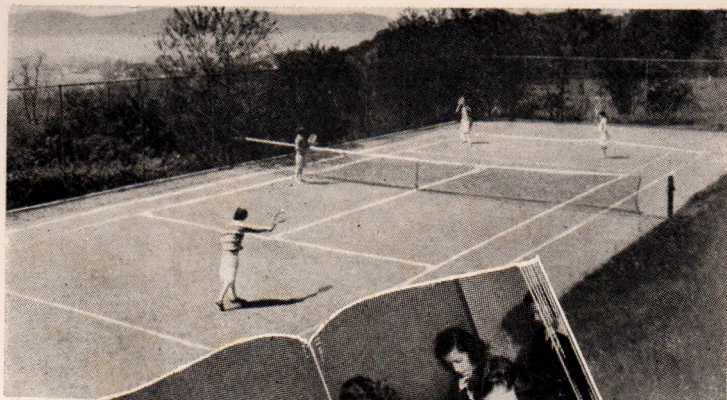
Com tais *armas*, vai bem apetrechada para a sua missão de educadora, onde quer que a Obediência a envie e, confiada na bênção do Imaculado Coração de Maria, a jovem religiosa deixa, enfim, o noviciado —
forja das almas...

(1) — «Eu vim para que tenham vida». (8. João, X, 10).

XIV

A obra mais bela...





O sistema educativo do Instituto do Sagrado Coração de Maria
abrange a preparação integral para a vida.

A obra mais bela...

ASSIM chamava S. João Maria Vianney à Educação Cristã. Não a tinha em menos elevado conceito o venerando Fundador do Instituto do Sagrado Coração de Maria, pois a classificava como «*uma das obras que mais importa ao bem da Igreja e aquela que produz frutos mais certos, mais extensos e mais duradouros*». (1). É abrir as *Constituições*. Tudo ali está orientado para este fim mas, nos dois capítulos que tratam exclusivamente *da educação e da instrução*, melhor se revela o coração do incansável apóstolo da juventude e a inteligência do pedagogo experiente e sabedor, que formou gerações sucessivas de religiosas para a bela e árdua tarefa de educar. Tarefa *árdua*, sim, porque «*obriga à prática das mais excelentes virtudes*» e nela encontra a educadora «*trabalhos, fadigas, o sacrifício absoluto de si-mesma...*» (2) Mas tarefa tão *bela*, que a anima a uma vida de abnegação e lhe acende no peito «*grande estima da sua vocação*» e a leva «*A sentir-se feliz com ser destinada para tão nobres funções!*» (3)

O sistema educativo do Instituto é simples mas completo. Abrange a *preparação integral para a vida*,

(1) — Regra n.º 261.

(2) — Regra n.º 262.

(3) — Regra n.º 260.

tendo em conta a primazia dos valores divinos sobre os valores humanos, como manda o Evangelho. No nosso vocabulário de Católicos, a palavra *educação* tem o alto sentido de aperfeiçoamento *integral de tôdas as faculdades humanas*. O Arcebispo de Nova Iorque, D. Francis Spellman, no prólogo que antecede a biografia da Madre Maria José Butler, ⁽¹⁾ escreveu estas palavras: «an exemplary religious and an educator who believed in the harmonious development of the God-given powers of body and soul». ⁽²⁾ Não será, em três linhas, uma bela síntese dum sistema educativo que já deu as suas provas, tanto no Novo como no Velho Mundo?

Dada a complexidade do objectivo, é difícil a missão da educadora. Nas suas aulas, deverá ministrar o ensino das letras e das ciências, conforme os programas adoptados no estabelecimento. É uma parte muito importante das suas funções e seria pouco consciencioso não lhe prestar a devida atenção. Mas não basta dar alimento literário e científico à inteligência; é incomparavelmente mais necessário orientar o espirito e, uma vez formada a consciência à luz dos princípios eternos do Cristianismo, robustecer a vontade e educar o coração, pelo exercício da virtude. Só assim se valorizará realmente a pessoa humana.

Como alicerces do sistema, duas qualidades: «*Firmeza e bondade*». ⁽³⁾ e ainda quando seja preciso «*advertir, reprender, dirigir e corrigir, a religiosa deve proceder sempre segundo o espirito de Deus, que sabe dirigir as coisas ao seu fim, com fôrça, mas que dispõe os meios com suavidade, acomodando-os às circunstâncias*». ⁽⁴⁾ Já S. João Bosco — o mestre por excelência em questões pedagógicas — baseava a edu-

⁽¹⁾ — Obra citada.

⁽²⁾ — «Religiosa exemplar e educadora que acreditava no harmonioso desenvolvimento das faculdades do corpo e da alma, que nos foram dadas por Deus».

⁽³⁾ — Regra n.º 279; ⁽⁴⁾ — Regra n.º 304.

cação nos mesmos princípios, chegando a afirmar: «É impossível educar bem a infância se não se tiver a sua confiança e o seu amor». (1)

Muito observador, o Padre Gailhac costumava dizer: «as crianças parece que não ouvem senão com os olhos...» e pedia às suas religiosas para «serem tão dignas, tão calmas e tão delicadas ao dar avisos e repreensões, que êstes pudessem ser apreciados pelas educandas. Porque há coisas — dizia — que não se aprendem pelo estudo nem pelas lições, mas pelos exemplos que se têm diante dos olhos».

Característica inconfundível dêste sistema de educação onde a bondade tempera a firmeza, os meios persuasivos se usam de preferência aos repressivos, e a educadora se empenha em impedir as faltas, com uma vigilância inteligente e suave, é o *espírito de família e de alegria* que reina nos Colégios do «Sagrado Coração de Maria». Por isso se ouve, vezes sem conta, nos lábios de antigas alunas, êste testemunho insuspeito: «O Colégio foi a minha segunda família»!

A formação religiosa e moral, tem como fundamento o estudo do «Catecismo, da História Sagrada, da História da Igreja e da Liturgia Católica». (2) Tende a fazer brotar espontâneamente, na alma da criança, «*uma piedade sólida e sincera; a incutir-lhe um desejo ardente de se salvar a todo o custo*»; a prepará-la para ser durante tôda a vida um «*modelo de rectidão, justiça e caridade*». (3)

A grande educadora que foi a Madre Maria José Butler, gostava de comentar esta passagem das *Constituições*. Quantas vezes lhe ouviam repetir:

— «Ensinem às alunas, com o exemplo e com a palavra, que não há nada mais digno de apreço, nesta

(1) — «Saint Jean Bosco», A. Auffray, E. Vitte, Paris, 1937.

(2) — Regra n.º 272.

(3) — Regras N.º 268, 263 e 278.

vida, do que a honra; e que a rectidão deve ser prezada acima de tódas as coisas percedoiras». E, no último «Capítulo Geral» a que presidiu, em 1938, insistiu ainda:

— «Dêem-lhes princípios verdadeiros e *uma visão nobre e larga da vida*; ensinem-lhes coisas pelas quais valha a pena lutar»!

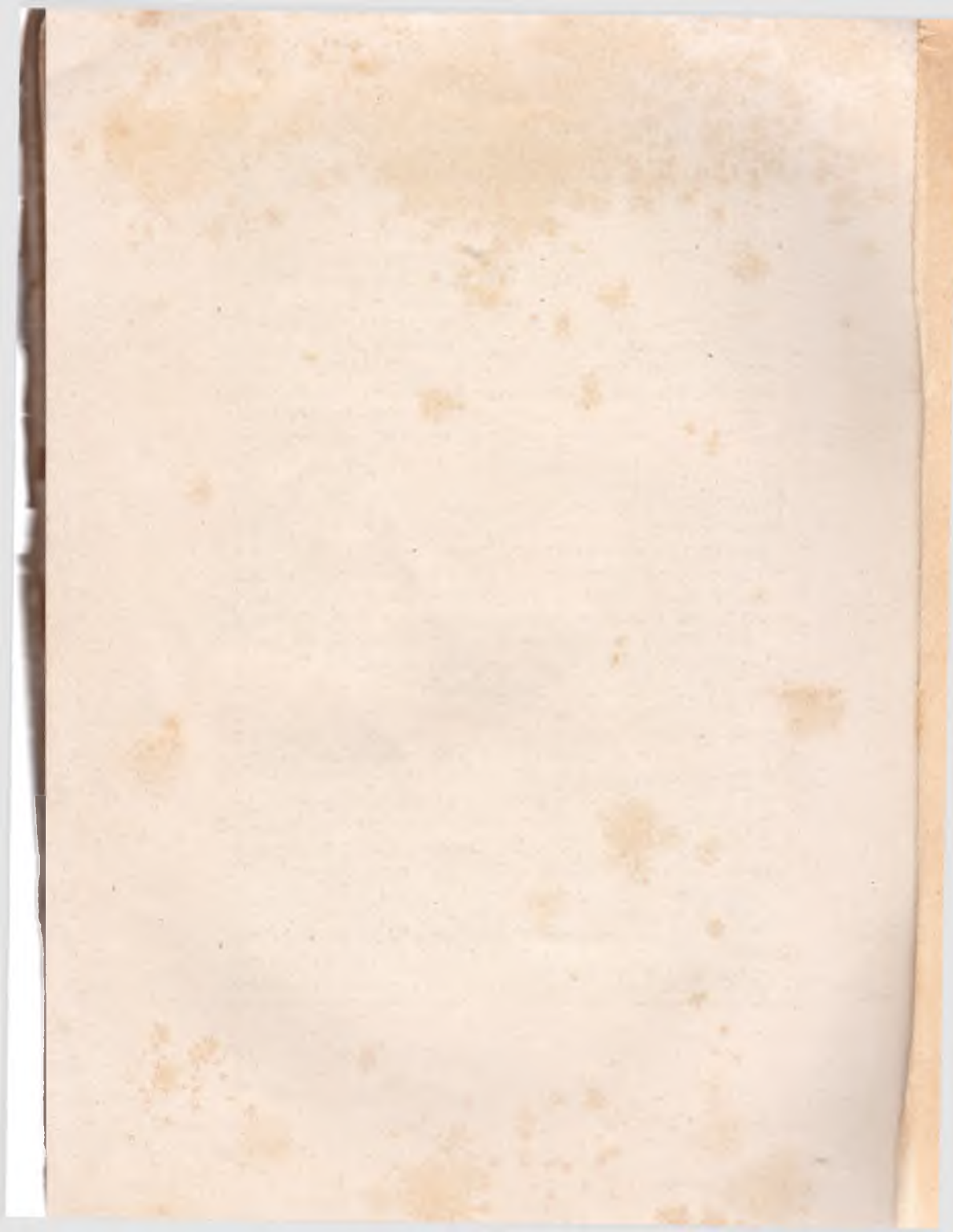
Há no coração humano riquíssimas reservas de dedicação e generosidade que, a não serem utilizadas na defesa de nobres causas, logo na primavera da vida, mais tarde ou mais cedo, virão a dispersar-se na desorientação duma existência sem Ideal, ou a estancar-se em mesquinho egoísmo. Ainda que os Soberanos Pontífices não tivessem pedido com tão significativa insistência a comparticipação dos Institutos religiosos de ensino, na *Acção Católica e Missionária* e que a sua finalidade apostólica não fôsse tão transcendente e oportuna, nunca se encarceria de mais o *valor educativo* de tais actividades. A ambas dispensam a sua colaboração, com igual solicitude, as Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Em 1914, celebrava-se o décimo aniversário da fundação da «Juventude Escolar Católica Feminina», nos seus Colégios, que foram os primeiros, em Portugal, a dar a adesão ao movimento iniciado pela publicação das «*Bases da Acção Católica*», em fins de 1933. Houve que vencer não poucas dificuldades, preconceitos e incompreensões, para conseguir a adaptação da organização «Jécista» à vida Colegial, mas o Papa tinha «convidado Religiosos e Religiosas a consagram. o mais que lhes fôsse possível, as suas energias ao desenvolvimento dêste santo apostolado moderno» e, com o ânimo que tão alto estímulo infundia, venceram-se todos os obstáculos.

Dentro de poucos anos, o concurso prestado pelo Instituto à *Acção Católica Portuguesa*, abrangia não só as próprias «secções» da J. E. C. F., mas os demais



. A formação técnica e artística dá à obra da educação um cunho prático e harmonioso.



«organismos» (mòrmente J. A. C. F. e J. O. C. F.), com as reuniões, dias de estudo e retiros, realizados nos seus Colégios.

«Escolas de formação e alfobre de magníficos elementos que irão um dia penetrar de vida cristã os mais diversos ambientes», chama à J. E. C. F. — e com razão — o seu «Regulamento».

O dever religioso e patriótico de olhar com interêsse pelas Missões, frisou-o tão eloqüentemente S. S. Pio XII na «Carta Encíclica, no VIII Centenário da Fundação de Portugal», que seria ocioso salientar quanto importa desenvolver a «Acção Missionária» nos Colégios. Nesse memorável documento, pergunta o Papa, angustiadamente: — «Quem poderá olhar com indiferença para os quási dez milhões de almas, que vivem nos domínios portugueses e que, na sua maioria, esperam ainda a luz do Evangelho?» E lançava vibrante apêlo «ao generoso e querido Povo Português» para que, «como os seus gloriosos Antepassados, timbrasse em dar as suas orações e o seu óbolo generoso às Missões».

Parecerá, à primeira vista que, tanto uma como outra organização, encontram irreductível impedimento nas exigências dos programas oficiais, que deixam tão pouco tempo livre a professoras e alunas. Esta aparente incompatibilidade do apostolado com os deveres imperiosos do estudo, vence-se com boa vontade e método, não sendo temerário asseverar que, precisamente nesta actividade extra-escolar, encontra a educadora uma ocasião única de fomentar nas jovens não só o espírito de iniciativa, como outras qualidades que lhe virão a ser muito úteis, no decorrer da vida.

A formação intelectual, artística e técnica, é tóda dirigida de forma a preparar as alunas para, um dia, desempenharem convenientemente, no mundo, as suas obrigações, procedendo sempre duma maneira

conforme com a sua condição». (1) As Constituições mandam também que se formem no amor ao trabalho e que, além do estudo, «se apliquem aos trabalhos manuais, porque serão, mais tarde, um meio de subsistência para as crianças pobres e, para as demais, uma ocupação nobre e útil, uma salvaguarda contra os perigos da ociosidade». (2)

Nenhum pormenor pode ser descuidado em obra de tanto alcance. Portanto, ao mesmo tempo que se aconselha a educadora *«a combater nas suas alunas o amor da vaidade e dos adornos mundanos»* (escolhos onde tantas vezes naufraga a virtude feminina...), recomenda-se-lhe um cuidado especial *«em levá-las a adquirir maneiras afáveis, delicadas e atenciosas»*. (3).

Para que, em todo o sentido, a educadora esteja à altura da sua missão, o venerando Fundador quer que *«as Irmãs que tiverem necessidade de se instruir, procurem compreender quanto importa trabalhar seriamente e com atenção para realizar com perfeição as funções de que estiverem encarregadas junto das educandas»*. (4) Para atender ao espirito das *Constituições* e acompanhar as necessidades dos tempos, as Superiores proporcionam às jovens professoras o meio de completar os seus estudos com a frequência de cursos superiores, para conseguirem a *licenciatura* e até o *doutoramento*. (5)

Devido aos privilégios de que o ensino particular goza em quasi todos os países estrangeiros onde o Instituto se acha estabelecido, não raro acontece a aluna fazer tôda a educação — da classe infantil aos estudos superiores — sob a direcção das religiosas.

(1) — Regra n.º 276; (2) — regras n.ºs 276 e 281.

(3) — Regras N.ºs 271 e 277.

(4) — Regra n.º 151.

(5) — O doutoramento é mais frequente nas religiosas das casas de Inglaterra e, sobretudo, dos Estados-Unidos, para poderem reger as cadeiras da sua Universidade de «Marymount», onde se conferem os graus de «bacharel» em letras e em ciências.

A cultura física tem também o devido lugar no programa educativo, atendendo-se aos costumes locais e ressaltando sempre as exigências do recato feminino. Nos Estados-Únidos, por exemplo, as formas de desporto preferidas pela juventude dos Colégios femininos são: *Ténis, Field hockey e basket ball*. Dão-se também à equitação e natação. As alunas inglesas e irlandesas têm o mesmo entusiasmo pelo desporto que as companheiras americanas. Nos demais países, estão igualmente em honra os jogos ao ar livre, e a experiência prova que o uso moderado de tais exercícios presta um precioso auxílio à educação das jovens. Não só contribue para o harmonioso desenvolvimento das suas qualidades físicas mas proporciona-lhes esplêndidas ocasiões de cultivar qualidades morais tão valiosas como são o espírito de decisão, a energia e a lealdade.

Há, nas *Constituições*, uma regra — verdadeiro fecho duma abóboda de linhas simples e majestosas — que remata admiravelmente todo o sistema educativo:

«*Lembrem-se as Irmãs muitas vezes da inesfável dignidade da alma das alunas confiadas aos seus cuidados*». (1) Quanto mais a educadora aprofundar êste pensamento — seu tormento e sua glória! — mais apta estará para gravar nos espíritos juvenis a persuasão dessa *dignidade inesfável*, que é a fonte de tôda a virtude e graça feminina.

Está chegado ao seu térmo êste breve resumo do *Capítulo da História da educação feminina* que a Providência se dignou escrever pelas mãos das «*Religio-*

(1) — Regra n.º 286.

sas do Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada»...

Se, ao contemplar um rio que se espraia, sereno e aprazível, nas margens da sua foz, nos acode ao espírito o desejo de conhecer a nascente, teremos que remontar o seu curso em demanda do veio de água cristalina e pura que lhe deu origem.

Desejo semelhante poderá acudir ao espírito de alguém que, observando a expansão, a actualidade persistente e o poder de adaptação dèste Instituto a tão diversos países e meios sociais, quisesse conhecê-lo... *a nascente*. Percorrendo, página a página, o livro das *Constituições*, encontraria o veio numa regra bem pequenina — inspirada concepção do nobre ofício de educar — onde se lembra às irmãs que devem ser «*mães para com as alunas que a Providência lhes confiar*». (1)

Maria, «*Mater admirabilis*» o modelo arrebatador das qualidades que caracterizam um *coração de Mãe* — carinho, paciência, energia, intuição perspicaz e indulgente da alma humana — :

Eis *a nascente* do Instituto!

Não admira que se deixassem fascinar pelo esplendor do Seu puríssimo coração e que anseiem por imitá-IA, as religiosas que, sob o Seu patrocínio, consagram a vida inteira... **A Obra Mais Bela!**

(1) — Regra n.º 279.

OMNIA PRO JESU
PER
MARIAM